

UNIVERSIDADE DO ESTADO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDUC

FRANCISCO MOISÉS AZEVEDO BRAGA

**FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COM ÊNFASE NA
ATUAÇÃO CLÍNICA**

MOSSORÓ
2025

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COM ÊNFASE NA ATUAÇÃO CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação (POSEDUC), linha de pesquisa Formação Humana, Docência e Currículo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) como exigência final para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares.

MOSSORÓ
2025

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

B813f Braga, Francisco Moisés Azevedo
 FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: O ESTÁGIO
 SUPERVISIONADO COM ÊNFASE NA ATUAÇÃO
 CLÍNICA. / Francisco Moisés Azevedo Braga. -
 Mossoró/RN, 2025.

122p.

Orientador(a): Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2. Psicologia Sócio-histórica. 3. Estágio Supervisionando. 4. Significações. 5. Psicologia clínica. I. Soares, Júlio Ribeiro. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COM ÊNFASE NA ATUAÇÃO CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação (POSEDUC), linha de pesquisa Formação Humana, Docência e Currículo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) como exigência final para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares
(POSEDUC/UERN)

Profa. Dra. Aliciene Fusca Machado Cordeiro
(UNIVILLE)

Profa. Dra. Luciana de Oliveira Rocha Magalhães
(UNITAU)

MOSSORÓ
2025

RESUMO

O estudo objetiva apreender as significações atribuídas por uma egressa de Psicologia aos desafios vividos na atividade de estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica. A pesquisa está vinculada a linha de pesquisa Formação humana, docência e currículo do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado de Rio Grande do Norte (UERN). Utilizou-se o referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio-histórica, a partir das categorias de análise historicidade, mediação, vivência, atividade e significações (sentidos e significados). Considerar a Psicologia Sócio-histórica para esse trabalho é prezar pela perspectiva que apreende a constituição do ser humano na convergência de sua história com a história da humanidade, entendendo que a constituição da subjetividade é dialeticamente indissociável do contexto social em que o sujeito atua, mediado sempre por suas vivências e significações. Metodologicamente, as etapas para essa pesquisa foram: construir o estado do conhecimento a respeito do estágio supervisionado na “formação em psicologia clínica”. Na sequência, para escolha da participante da pesquisa, foram estabelecidos os seguintes critérios: 1) ser egresso de um curso de psicologia de uma instituição de educação superior da cidade de Mossoró; 2) ter realizado a atividade de estágio supervisionado no período entre 2020 e 2023 na ênfase clínica; 3) estar atuando como psicólogo clínico no período da realização da pesquisa e; 4) aceitar participar voluntariamente da pesquisa. No processo de construção dos dados, o instrumento escolhido foi a entrevista reflexiva. O intuito é que, através desse procedimento seja possível uma aproximação ao fenômeno estudado. De posse do material da entrevista, realizou-se as transcrições e seguiu com a estruturação do procedimento, nas seguintes etapas: (1) Leituras flutuantes; (2) Identificação dos pré-indicadores; (3) sistematização dos indicadores a partir do agrupamento dos pré-indicadores; (4) sistematização dos núcleos de significação a partir da articulação dos indicadores. O processo resultou em três núcleos de significações: 1) Para além dos casos clínicos: Dificuldades, alternativas e desafios do estagiário na realização do estágio supervisionado na clínica escola; 2) Aspectos profissionais e pessoais indissociáveis: Medos e impedimentos subjetivos na atuação clínica e; 3) O estágio como processo formativo de consciência sobre a atuação profissional. Em síntese, a participante da pesquisa atribui significações ao estágio supervisionado como determinante, mas não exclusivo, no processo de constituição profissional, que enquanto sujeito indissociável socialmente, medos, angústia e insegurança são sentimentos que permeiam essa etapa, especialmente quando as demandas dos pacientes se assemelham com aspectos pessoais da estagiária. Suas significações revelam que, em atividade e em relação com os elementos que compõem a sua realidade, sejam objetivos ou subjetivos, é possível desempenhar as atribuições inerentes à categoria profissional, considerando que é indissociável do social, que não é possível separar o profissional do pessoal. Enquanto ser único, carrega consigo a herança histórica e as marcas do que foi vivenciado ao longo de seu percurso de vida, provenientes das vivências no contexto familiar e, assim como em atividades vitais humanas, são constitutivas do ser. Como afirma Vigotski (2010) a vivência é a síntese dialética do meio e da pessoa.

Palavras-chave: Psicologia Sócio-histórica; Estágio Supervisionando; Significações

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo comprender los significados atribuidos por un egresado de Psicología a los desafíos vividos en actividades de pasantía supervisada con énfasis en la práctica clínica. The research is linked to the line of human formation, teaching and curriculum of the Postgraduate Program in Education (POSEDUC), of the State University of Rio Grande do Norte. Se utilizó el marco teórico-metodológico de la Psicología Sociohistórica, basado en las categorías de análisis de historicidad, mediación, experiencia, actividad, significados (sentidos y significación). Considerar la Psicología Sociohistórica para este trabajo es valorar la perspectiva que capta la constitución del ser humano en la convergencia de su historia con la historia de la humanidad, entendiendo que la constitución de la subjetividad es dialécticamente inseparable del contexto social en el que se inserta el sujeto. actos, mediados siempre a través de sus experiencias y significados. Metodológicamente, los pasos para esta investigación fueron: construir el estado del conocimiento sobre la pasantía supervisada en “formación en psicología clínica”. Posteriormente, para elegir al sujeto participante de la investigación, se establecieron los siguientes criterios: 1) ser egresado del curso de psicología de una institución de enseñanza superior de la ciudad de Mossoró; 2) haber realizado actividad de internado supervisado entre 2020 y 2023 con énfasis clínico; 3) estar ejerciendo la profesión de psicólogo clínico durante el período de la investigación y; 4) aceptar participar voluntariamente en la investigación. En el proceso de construcción de datos, el instrumento elegido fue la entrevista reflexiva. Se pretende que a través de este procedimiento sea posible aproximarse al fenómeno estudiado. Con el material de las entrevistas en mano, se realizaron las transcripciones y el procedimiento se estructuró en las siguientes etapas: (1) Lecturas flotantes; (2) Identificación de preindicadores; (3) sistematización de indicadores a partir de la agrupación de preindicadores; (4) sistematización de los núcleos de significado a partir de la articulación de indicadores. El proceso arrojó tres significados centrales: 1) Más allá de los casos clínicos: Dificultades, alternativas y desafíos del interno en el desarrollo de la pasantía supervisada en la clínica docente; 2) Aspectos profesionales y personales inseparables: Miedos subjetivos e impedimentos en la práctica clínica y; 3) La práctica como proceso formativo de concientización sobre el desempeño profesional. En resumen, el participante de la investigación atribuye significados a la pasantía supervisada como un factor determinante, pero no excluyente, en el proceso de constitución profesional, que como sujeto socialmente inseparable, los miedos, la angustia y la inseguridad son sentimientos que permean esta etapa, especialmente cuando la Las demandas de los pacientes se asemejan a los aspectos personales del interno. Sus significados revelan que, en la actividad y en relación con los elementos que componen su realidad, sean objetivos o subjetivos, es posible ejercer los deberes inherentes a la categoría profesional, considerando que es inseparable de lo social, que no es posible separar lo profesional de lo personal. Como ser único, lleva consigo la herencia histórica y las huellas de lo vivido a lo largo de su vida, provenientes de vivencias en el contexto familiar y, así como en las actividades humanas vitales, son constitutivas del ser. Como afirma Vygotsky (2010), la experiencia es la síntesis dialéctica del entorno y la persona.

Palabras clave: Psicología Sociohistórica; Supervisión de prácticas; Significados

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
1.1. OBJETO/PROBLEMA DE PESQUISA.....	10
1.2. A RELEVÂNCIA DO OBJETO DE PESQUISA	10
1.3. OBJETIVOS.....	13
2. ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE O PAPEL DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA (2013 -2023)..	14
2.1. DETALHAMENTO DO ESTADO DO CONHECIMENTO	15
2.2. RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
3. TEORIA E MÉTODO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA	26
3.1. HISTORICIDADE	27
3.2. MEDIAÇÃO.....	32
3.3. VIVÊNCIA.....	34
3.4. ATIVIDADE COMO PRÁXIS.....	35
3.5. SIGNIFICAÇÕES (SENTIDO E SIGNIFICADO)	39
4. METODOLOGIA	41
4.1. BASE TEÓRICO-METODOLÓGICO	41
4.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PRODUÇÃO DE DADOS: ENTREVISTA REFLEXIVA	46
4.3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES: FORMAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO	49
4.4. CAMPO DE PESQUISA.....	51
4.5. PARTICIPANTE DA PESQUISA.....	52
5. FORMAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES	54
6. PROCESSO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	66
7. CONSIDERAÇÕES.....	91
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE	

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo apreender as significações atribuídas por uma egressa de Psicologia aos desafios vividos na atividade de estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica. Com base nos pressupostos da Psicologia Sócio-histórica, a partir das categorias de análise historicidade, mediação, vivência, atividade e significações (sentidos e significados). Prezar pela perspectiva da Psicologia Sócio-histórica é considerar o referencial teórico-metodológico que apreende a constituição do ser humano em confluência com a história na humanidade, entendendo que a constituição da subjetividade é dialeticamente indissociável do contexto social em que o sujeito atua, mediado sempre por suas vivências e significações.

Quando se pensa em trabalho de pesquisa é importante entendermos a motivação de investir esforços e tempo em determinado tema. A escolha não surge “do nada”, sempre existem inquietações e reflexões que possibilitaram chegar à definição do tema. Os acontecimentos, as experiências, as vivências nos direcionam, de alguma forma, para aquilo que se busca e que permite o encontro com o objeto de pesquisa. Mas, para chegar até esse encontro, vários outros encontros e, principalmente, desencontros acontecem.

Certamente não conseguirei colocar nesse texto tudo que foi vivido e percorrido nessa trajetória, mas tentarei, mesmo ciente da sensação da falta de algo que poderia estar aqui. Com isso, precisarei voltar um pouco no tempo e eleger um marco. Não no intuito de afirmar que tudo começou ali, mas, no que acredito ser um ótimo “ponto de partida” essa jornada na pesquisa.

Antes de irmos a esse ponto referência é necessário dizer qual seria a intenção final, qual o ponto de chegada. A saber: **Formação em psicologia: o estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica.**

Aqui preciso advertir o leitor que, o uso de termos que indicam finitude não necessariamente indica que esse é um trabalho de pesquisa que para aqui. Pelo contrário, de repente, a chegada ao final poderá ser apenas um passo para tantos outros que virão. Assim como esse “encontro” é precedido de tantos outros, esse trabalho de pesquisa pode ser mais um que antecederá vários outros.

Lembro-me muito bem quando, ainda como estudante de penúltimo ano da graduação em Administração na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), um colega de sala, na hora do intervalo, avisa sobre um processo seletivo para uma vaga de estágio remunerado.

O ano era 2005, telefones celulares eram artigos de luxo e bem distante da realidade da maioria dos estudantes universitários. Naquele momento, tinha as informações do local e da pessoa que teria que procurar para saber mais detalhes sobre o processo. No dia seguinte, de posse do *curriculum vitae*, devidamente guardado em um envelope laranja, me dirigi ao local onde viria a ser minha primeira experiência profissional formal. O processo foi rápido, a entrevista e provas práticas realizadas naquela mesma semana. Depois de alguns dias já estava correndo atrás da documentação necessária na universidade para comprovação que era um graduando regular no curso. Documentos pessoais, declarações, busca por assinaturas e, depois de alguns dias, já iniciava como estagiário.

O local era o Centro de Educação Tecnológica Ítalo Bologna (CETIB). Uma unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). O SENAI, de acordo com o site oficial, é uma instituição de ensino que foi fundada em 1942 e é considerada o maior complexo privado de educação profissional da América Latina. Está presente em mais de duas mil cidades e uma dessas unidades fica em Mossoró (RN), localidade onde seria realizado o estágio.

Embora aluno de graduação em Administração, o setor destinado à realização do estágio era a Coordenação Pedagógica. Normalmente, os estagiários nessa área são graduandos em Pedagogia ou Letras. Mas de forma alguma isso foi/era um empecilho, na verdade, acredito que até contribuía, pois, alguém da administração poderia contribuir bastante nas atividades inerentes ao setor.

Dentre as várias atividades realizadas, uma em especial chamava atenção: encaminhamento dos alunos para realização de estágio nas empresas parceiras. Estas, por se tratar de uma parceria com a instituição de ensino, buscavam mão de obra qualificada, enquanto a Coordenação Pedagógica, através das profissionais que respondiam pelo setor, faziam as triagens e encaminhamentos dos alunos com melhor desempenho durante o curso para participar do processo.

Foram quase 10 anos naquela instituição, os primeiros anos como estagiário e posteriormente como prestador de serviço na função de professor. Os cursos e disciplinas eram os mais diversos e sempre voltadas a área de formação, Administração. Em meio a esses anos houve algumas pausas e períodos que conciliei dois vínculos empregatícios. Em alguns momentos a docência era atividade do turno noturno e/ou dos fins de semana.

Em 2014 chega a Mossoró o primeiro curso de graduação em Psicologia. Vi ali a oportunidade de cursar aquela que sempre foi a primeira escolha, mas adiada em virtude das condições da época da conclusão do Ensino Médio que não permitiam sair da casa dos meus pais para estudar em Natal, Fortaleza ou Campina Grande, destinos mais próximos para cursar Psicologia.

No início dessa segunda graduação – Psicologia – a inquietação em relação ao “subjetivo” estava muito viva. Após anos de atuação com atividades administrativas e na docência em nível técnico evidenciava a necessidade pesquisar e tentar compreender sobre esse objetivo. O curso de Psicologia poderia ajudar bastante nisso, embora, naquele momento não fosse o foco. Por ser primeira turma, existia o que a universidade chamava “demanda reprimida”. Uma turma repleta de alunos que aguardavam há tempos por essa graduação. Dentre os ingressantes estavam profissionais experientes e com vida consolidada em outras profissões, mas que retornavam para as cadeiras da universidade com o intuito de cursar uma graduação que, por algum motivo, não foi possível ao final do ensino médio.

Foram cinco anos de graduação, um curso feito de forma bem diferente do primeiro. O interesse, a maturidade, as experiências adquiridas ao longo dos anos possibilitavam viver aquela graduação de forma diferente. Participei de projetos de extensão, estive como monitor em algumas disciplinas e o estágio supervisionado na ênfase clínica todo realizado na clínica escola da universidade.

O estágio supervisionado em Psicologia com ênfase clínica é realizado de forma peculiar. Acredito ser a única graduação que acontece dessa forma. Embora tenham profissionais para auxiliar os alunos nesse processo de realização do estágio, esses profissionais, não observam *in loco* a atuação do aluno. Quando o graduando entra para

o *setting* terapêutico, espaço reservado onde acontecem os atendimentos, são apenas o aluno e o paciente.

No segundo semestre de 2019, já estava como Tutor de Práticas na Universidade que acabara de me formar. O espaço era familiar, tinha sido monitor da disciplina de Psicologia e Processos Clínicos I, que usava o espaço da clínica escola para a realização das práticas. A partir daquele semestre passei observar e acompanhar, agora de um novo ângulo, mais uma vez, alunos na realização de estágio supervisionados.

Em 2021, após dois anos de formado e atuação como psicólogo, iniciei nova atividade em uma outra instituição, mantendo assim vínculos em duas instituições de ensino diferentes, em ambas desempenhava a função de supervisor de estágio. No primeiro semestre daquele ano passei a ser Professor Supervisor para acompanhar os alunos de psicologia com ênfase clínica na Centro Universitário Católica do Rio Grande do Norte (UniCatólica do RN). Lembro-me que precisei levar essa questão para a profissional com quem realizava a supervisão em Psicologia Clínica antes de aceitar a proposta. Essa foi a segunda instituição privada de Mossoró a ofertar o curso de Psicologia. Naquele ano, a primeira turma da FCRN chegava para a realização do estágio supervisionado. Integrei a equipe de professores supervisores e era um dos três para supervisionar alunos que optavam pela ênfase clínica na abordagem Terapia Cognitivo Comportamental.

Agora, mais do que nunca, o estágio estava significativamente marcando minha atuação. Passei a perceber que, ao longo de todo período como profissional, estive diretamente ligado a estágios supervisionados. Lembrei do período que iniciei nessa função, ainda no nível técnico, do quanto os alunos depositavam (e depositam) expectativa nessa etapa formativa, o quanto esse curto período na formação é significativo e carregado de sonhos, desejos, aspirações. Muitas das vezes, a profissão escolhida não é um sonho só do aluno, existe a expectativa dos familiares também. Diante disso, constato que, as singularidades presentes na formação em Psicologia, mais especificamente para a atuação em Psicologia Clínica, exigem reflexão e olhar crítico sobre essa etapa crucial na formação do Psicólogo.

1.1. OBJETO/PROBLEMA DE PESQUISA

Durante a formação do psicólogo clínico acontece uma espécie de refino, uma “lapidação”. Na verdade, pensar em refino e/ou lapidação remete a algo que foi trabalhado e/ou manuseado para se chegar a um produto final, acabado, pronto. Para isso, partes foram descartadas no intuito de deixá-lo melhor. Mas, efetivamente, o que acontece é uma “lapidação com muitos acréscimos”, pois somos constituídos a partir das vivências sem nunca chegar ao *status* de “produto acabado/terminado”. Assim, considerando esse processo de “lapidação”, a realização do estágio supervisionado representa uma etapa crucial na formação em psicologia.

Tendo em vista todo o contexto vivenciado e considerando o passado recente na qual ficou evidenciado a importância da saúde mental e a atuação do profissional da psicologia, cabe refletir sobre como se dá a formação desses profissionais e surge como questão de estudo **quais significações são atribuídas por uma egressa de psicologia aos desafios vividos na atividade de estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica?**

1.2. A RELEVÂNCIA DO OBJETO DE PESQUISA

A graduação em Psicologia é um dos cursos que apresenta grande procura e tem demonstrado aumento na busca por essa graduação. No Rio Grande do Norte, segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP), são 6.591 profissionais registrados com formação em psicologia até maio de 2024. No primeiro semestre de 2024, o curso de Psicologia no *campus* central, em Natal, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) foi o mais concorrido e registrou procura de 30,93 candidatos por vaga. Eram 1.423 inscritos para 46 vagas. Além da UFRN, o estado conta com algumas universidades e faculdades privadas que ofertam o curso. Em Mossoró, no Rio Grande do Norte (RN), cidade onde foi realizada a pesquisa, existem atualmente quatro instituições de ensino que oferecem o curso de Psicologia, todas privadas. Não existe na cidade graduação disponível a partir das instituições de ensino público.

No país, são mais de 553.057 profissionais registrados nos conselhos de classe, ocupando os mais diferentes espaços, como clínicas, espaços de saúde pública, na assistência social, na justiça, na segurança pública, no trânsito e nos esportes. É possível considerar, se comparada com outras, uma profissão relativamente nova, tendo em vista que foi em 27 de agosto de 1962, através da Lei federal 4119, que houve a regulamentação como ciência e profissão no Brasil. O ano de 2022 representou um marco importante para a Psicologia, que celebrou 60 anos desde a regulamentação (BRASIL, 2022).

No seu Art. 13., inciso primeiro, confere como “função privativa do Psicólogo utilização de métodos e técnicas psicológicas com os seguintes objetivos: a) diagnóstico psicológico; b) orientação e seleção profissional; c) orientação psicopedagógica; d) solução de problemas de ajustamento” (BRASIL, 1962).

Em relação à formação, no Art. 16., que dispõe sobre as condições necessárias para o funcionamento, “as Faculdades que mantiverem curso de Psicólogo deverão organizar Serviços Clínicos e de aplicação à educação e ao trabalho abertos ao público, gratuitos ou remunerados”. E segue, em parágrafo único: “Os estágios e observações práticas dos alunos poderão ser realizados em outras instituições da localidade, a critério dos professores do curso” (BRASIL, 1962).

Considerar o contexto do percurso da psicologia é importante, pois, como afirma Gonçalves (1998, p.47), “o momento histórico em que a Psicologia se constitui como ciência é o mesmo que afirma o homem como sujeito. As características desse momento incluem transformações econômicas, políticas e sociais”.

O profissional da Psicologia, no que confere suas especificidades, pode atuar em diversas áreas como, por exemplo, na educação, saúde, lazer, trabalho, segurança, justiça, comunidades e comunicação. O psicólogo tem como objetivo promover, em seu trabalho, o respeito à dignidade e integridade humana (BRASIL, 2022).

Para Antunes (2012, p.62):

Psicologia no Brasil passou por significativas transformações nesse período que se seguiu à regulamentação da profissão. Das limitações teóricas e da escassez de mercado de trabalho, da precariedade de formação de grande contingente de formandos, das limitações dos campos de atuação, do comprometimento com interesses dominantes à crítica que identificava as contradições e buscava a superação tanto de

suas teorias como de suas modalidades práticas, buscando comprometer-se com os interesses e necessidades da maioria da população, a Psicologia caminhou para um novo patamar de produção e para um salto qualitativo em sua atuação profissional.

A graduação em psicologia é composta por dez semestres, totalizando cinco anos. Ao final do quarto ano no curso, o aluno indica a sua área de interesse, a depender das ofertas disponibilizadas pela instituição de ensino. É durante o percurso na graduação que os alunos direcionam as leituras para sua área de interesse, sendo a ênfase clínica, comumente, a mais procurada e é nela que iremos focar para o nosso estudo. A Psicologia clínica é um dos campos de atuação de maior busca entre os alunos que ingressam no curso. No espaço clínico, o psicólogo, através das diversas abordagens teóricas, realiza intervenções psicoterápicas em grupo ou individual. (CFP, 1992).

Na cidade de Mossoró (RN), o primeiro curso de psicologia surgiu em 2014, na Universidade Potiguar (UNP). Nessa mesma instituição, em 2018, teve início o funcionamento da primeira clínica escola a oferecer o serviço de psicologia na cidade. O espaço da clínica escola é destinado para que os alunos do curso de psicologia, a partir do penúltimo ano de graduação, iniciem os atendimentos clínicos.

No espaço da clínica escola os atendimentos são conduzidos pelos graduandos e supervisionados por professores. Os professores e supervisores de campo são obrigatoriamente profissionais da psicologia e com experiência na atuação clínica e normalmente especialistas em uma abordagem de atuação.

Na clínica escola o graduando tem a possibilidade de vivenciar a prática clínica e relacionar com conhecimento adquirido ao longo do seu percurso na academia. É partir dessa prática, com base em um referencial teórico da abordagem psicológica escolhida, que o estagiário realiza os atendimentos.

Nesse processo, os alunos são orientados por professores que, necessariamente são psicólogos e com experiência na atuação clínica. Na orientação para o acompanhamento dos casos clínicos, que na psicologia é chamada de supervisão clínica, acontece algo que pode soar incomum para as outras profissões: o professor supervisor não acompanha o estagiário durante a realização do atendimento propriamente dito. A partir do momento que o aluno entra para o atendimento, é apenas ele (estagiário) e o

paciente que ficam no ambiente destinado aos atendimentos. Ter alguém no espaço terapêutico além do terapeuta e o paciente alteraria a concepção da terapia em si, implicaria em uma dificuldade a mais na já difícil missão de estabelecer o vínculo terapêutico e conseguir um espaço no qual o sujeito (paciente) sinta-se acolhido, seguro e à vontade para verbalizar questões mais íntimas.

A supervisão, no que lhe concerne, é realizada sempre antes e/ou após os atendimentos. Ela é importante no auxílio da formação dando o suporte necessário ao supervisionado para que este possa conduzir os atendimentos de forma correta e assertiva (Barletta; Fonseca; Delabrida, 2012).

Iremos concentrar atenção nas significações constituídas pela egressa do curso de psicologia na realização do estágio supervisionado, exatamente no último ano da graduação, na etapa em que o graduando experimenta a realidade efetuando uso de conhecimentos construídos durante o curso.

Para que seja possível alcançar o propósito, utilizaremos como referencial teórico a Psicologia Sócio-histórica, que, para Bock, Gonçalves e Furtado (2017) tem como referência essencial para análise a historicidade das experiências humanas, bem como as idealizações concebidas como expressões mediadas dessas experiências. Dessa forma, acreditamos que teremos sustento teórico e metodológico a partir da Psicologia Sócio-histórica.

Assim, compreendendo a complexidade e todas as nuances que envolvem esse momento singular na formação do psicólogo, que surge a necessidade desse trabalho que tem por problema de pesquisa: **Quais significações são atribuídas por uma egressa de psicologia aos desafios vividos na atividade de estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica?**

1.3. OBJETIVOS

A presente dissertação tem por objetivo geral apreender as significações atribuídas por uma egressa de Psicologia aos desafios vividos na atividade de estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica. E por objetivos específicos, pretendemos:

- I. Identificar as necessidades e motivações da participante da pesquisa na escolha pelo curso de Psicologia;
- II. Analisar as significações constituídas nas vivências sobre a realização do estágio supervisionado;
- III. Compreender significações constituídas sobre a função da atividade de estágio para o processo formativo.

2. ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE O PAPEL DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA (2013 -2023)

O intuito desse capítulo é apresentar o estado do conhecimento a respeito do estágio supervisionado na “formação em psicologia clínica” e verificar as produções científicas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) sobre o tema proposto neste trabalho.

O estado do conhecimento, para Morosini e Fernandes (2021), é importante na construção do levantamento das produções de uma determinada área e relevante para o conhecimento e reflexão sobre o tema estudado. Além disso, é fundamental identificar e analisar os caminhos e possibilidades que contribuirão no desenvolvimento e delimitação da pesquisa.

Ainda para Morosini (2014, p.155):

Estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.

Seguindo a ideia de Morosini (2014), é fundamental que a elaboração de uma produção acadêmica não esteja ligada somente a quem a produz, mas da mesma forma a instituição a qual está colocada. Além disso, a região, país e até mesmo as suas relações em uma amplitude global.

Neste entender a construção do estado de conhecimento, como atividade acadêmica busca conhecer, sistematizar e analisar a produção do campo científico sobre determinada temática, subsidiar a dissertação e/ou tese em educação, delimitando o tema e ajudando a escolher caminhos metodológicos e elaborar a produção textual para compor a dissertação/tese. (Morosini e Fernandes, 2021, p.71)

Essa seção tem objetivo verificar e analisar as dissertações e teses produzidas nos cursos de pós-graduação no Brasil sobre essa temática.

2.1 DETALHAMENTO DO ESTADO DO CONHECIMENTO

Buscou-se fazer o levantamento e análise das Dissertações e Teses sobre o Estágio Supervisionado em Psicologia e, dessa forma, identificar a importância dessa atividade curricular na formação do psicólogo. Inicialmente, utilizado o recorte temporal dos últimos onze anos, entre 2013 e 2023, mas, dada a escassez de trabalhos, optamos por retirar a delimitação do tempo, com o intuito de maior abrangência da pesquisa. As buscas ocorreram de maio de 2023 e consideraram-se as seguintes áreas de conhecimento: Psicologia, Linguística e Ciências Sociais e Humanidades.

Morosini e Fernandes (2021) propõem seis etapas para processo constitutivo do estado do conhecimento: Seleção dos descritores de busca; Escolhas das fontes das produções científicas; Organização do corpus da análise; Identificação e seleção de fontes; Construção das categorias de análise do corpus e; Considerações acerca do campo e do tema de pesquisa.

No entanto, seguiremos as etapas em uma ordem um pouco diferente, conforme podemos verificar na tabela. As etapas para o processo constitutivo do estado do conhecimento foram:

Quadro 01: Etapas desenvolvida na fase de levantamento bibliográfico.

Etapas	Atividades desenvolvidas
1 ^a	Seleção dos descritores de busca.
2 ^a	Escolha das fontes das produções científicas.
3 ^a	Busca nas bases de dados a partir dos descritores definidos.
4 ^a	Seleção de trabalhos a partir da análise dos títulos.
5 ^a	Leitura dos resumos das teses e dissertações que fazem referência ao estágio em psicologia clínica.
6 ^a	Leitura e análise dos temas, objetivos, metodologia e instrumentos utilizados

Fonte: Produzido pelo autor

A escolha e determinação dos descritores é uma etapa importante na construção do trabalho. É a partir deles que se torna possível encontrar dissertações e teses realizados sobre um determinado tema. Os descritores ajudam pesquisadores a encontrarem trabalhos e produções sobre o tema estudado.

Para Brandau et al, (2005, p.3):

a aplicação destes descritores não se resume apenas na busca de artigos que possam embasar a redação de artigos científicos ou possam ser usados na sustentação de opiniões. Muito pelo contrário, eles têm uma aplicação muito mais ampla e devem ser incorporados à prática clínica diária.

Vale ressaltar que, como afirma Morosini (2014, p 72), existe diferença entre palavras-chaves e descritores. Enquanto palavras-chaves “são termos simples para definir temas e identificar obras de determinados assuntos”, os descritores “são termos padronizados, definidos por especialistas que servem para definir assuntos e recuperar informações”.

O uso das palavras-chave ou descritores na construção do estado de conhecimento permite a localização de uma infinidade de material bibliográfico, devido à indexação de palavras inseridas e vinculadas aos diferentes assuntos de interesse de pesquisadores. (Morosini e Fernandes, 2021, p.72).

Para essa pesquisa, com o intuito de contemplar o tema estudado, definiu-se dois descritores: “estágio supervisionado em psicologia clínica” e “estágio em psicologia clínica”. Assim, entende-se que será possível conseguir responder, a partir de trabalhos, a questão proposta pelo presente trabalho.

A segunda etapa consiste na definição das fontes ou base de dados escolhidas para busca das produções. Nesse caso, como fontes, já mencionado no início dessa seção, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Para Morosini (2014, p. 72), “Cabe ao pesquisador analisar a perspectiva e abrangência a ser dada na construção do estado de conhecimento, por isso ter um prévio conhecimento do campo teórico contribuirá, significativamente, nessa etapa da metodologia”.

A BDTD é um portal de busca que junta e propaga teses e dissertações completas defendidas nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras. Dessa forma, contribui na visibilidade e divulgação de informações de interesse científico e tecnológico (BDTD, s/d).

Já a CAPES é um órgão do Governo Federal do Brasil e está ligado ao Ministério da Educação responsável pelo sistema de avaliação. É responsável por incentivar, definir regras e dispor sobre os cursos de pós-graduação no país.

Seguindo ainda o passo a passo sugerido anteriormente, aqui destina-se a descrever como se deu a busca no banco de dados da BDTD e no da CAPES a partir dos descritores escolhidos. Foi utilizado o primeiro descritor “estágio supervisionado em psicologia clínica” e aplicado os filtros: idioma português e o recorte temporal dos últimos 11 anos, que compreende de 2013 a 2023. Posteriormente, repetiu-se o processo, mas sem filtro que delimitasse o recorte temporal. Na sequência, foi utilizado o descritor “estágio em psicologia clínica” e aplicado o filtro idioma português, sem filtro de recorte temporal.

A seleção dos trabalhos se deu a partir da leitura e identificação dos títulos. Buscando uma maior aproximação com o tema estudado, a opção por trabalhos que apresentam em seus títulos o termo “estágio supervisionado”, “formação em psicologia” e/ou termos que remetiam a essa atividade, como “formação clínica”, “estagiários”, “experiência no estágio” com graduandos em psicologia ou profissionais em atividade no estágio supervisionado na ênfase clínica nos seus títulos.

Na sequência, realizou-se a leitura dos resumos dos trabalhos selecionados que continham os termos citados. Considerou-se a leitura com o intuito de compreender se os trabalhos contemplavam a discussão sobre a formação de psicólogo e/ou estágio supervisionado em psicologia clínica. O resumo tem função importante, pois é, a partir de sua leitura que podemos ter ideia do tema e dos procedimentos nele abordados.

Por último, se deu a leitura e análise dos objetivos da metodologia e dos instrumentos utilizados na produção das teses e dissertações encontradas. Com isso, tínhamos a intenção de verificar a proximidade dos objetivos com o tema das pesquisas e quais foram a metodologia e os instrumentos utilizados na construção dos dados das pesquisas.

2.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após as buscas nas bases de dados BDTD e CAPES para os descritores “estágio supervisionado em psicologia clínica” e “estágio em psicologia clínica” obtivemos um total de vinte trabalhos. Dentre teses e dissertações, distribuídos nos mais diferentes anos, trabalho mais antigo foi do ano 1999 e o mais recente de 2021. Com o intuito de facilitar a leitura e a visualização dos resultados obtidos, separamos os quadros por ordem cronológica, onde o primeiro quadro terá os trabalhos – teses e dissertações – mais antigos e no quadro seguinte os mais recentes. A seguir, apresentamos o quadro com os sete trabalhos mais antigos em ordem cronológica.

Quadro 2 – As setes produções mais antigas por ordem cronológica

	Título	Autor	Ano	Tipo	Instituição
01	Atuação de terapeutas estagiários com relação a falas sobre eventos privados em sessões de terapia comportamental	Martins, Patrícia Santos	1999	Mestrado	UFPA
02	Verbalizações sobre eventos privados em terapia analítico-comportamental: uma análise das intervenções do terapeuta	Guerra, Yanne Luna de Azevedo	2001	Mestrado	UFPA
03	O processo de composição narrativa no encontro terapêutico: (des)construindo autorias	De Conti, Luciane	2004	Doutorado	UFRGS
04	Um estudo sobre o uso do método psicanalítico na leitura de relatório de estágio em psicologia clínica na Universidade Federal de Uberlândia	Marques, Cristianne Spirandeli	2005	Mestrado	UFU
05	Um olhar psicanalítico sobre a supervisão na formação do psicólogo clínico	Castro, Luciana Jungmann de	2006	Mestrado	UCPE
06	Escrita de relatórios de estágio em psicologia clínica: a insurgência do (o)utro no cuidado do outro	Filgueira, Mariana Pavan de Moraes	2010	Mestrado	UNITAU
07	Reflexões sobre a formação clínica fenomenológico-existencial na era da técnica	Duarte, Adriana Raquel Negrão	2013	Mestrado	UFRN

Fontes: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

A seguir, serão apresentados os sete trabalhos mais recentes. Ao todo, após a retirada dos trabalhos que se repetiam em ambas as bases, foram resgatados quatorze trabalhos, sendo três teses e onze dissertações:

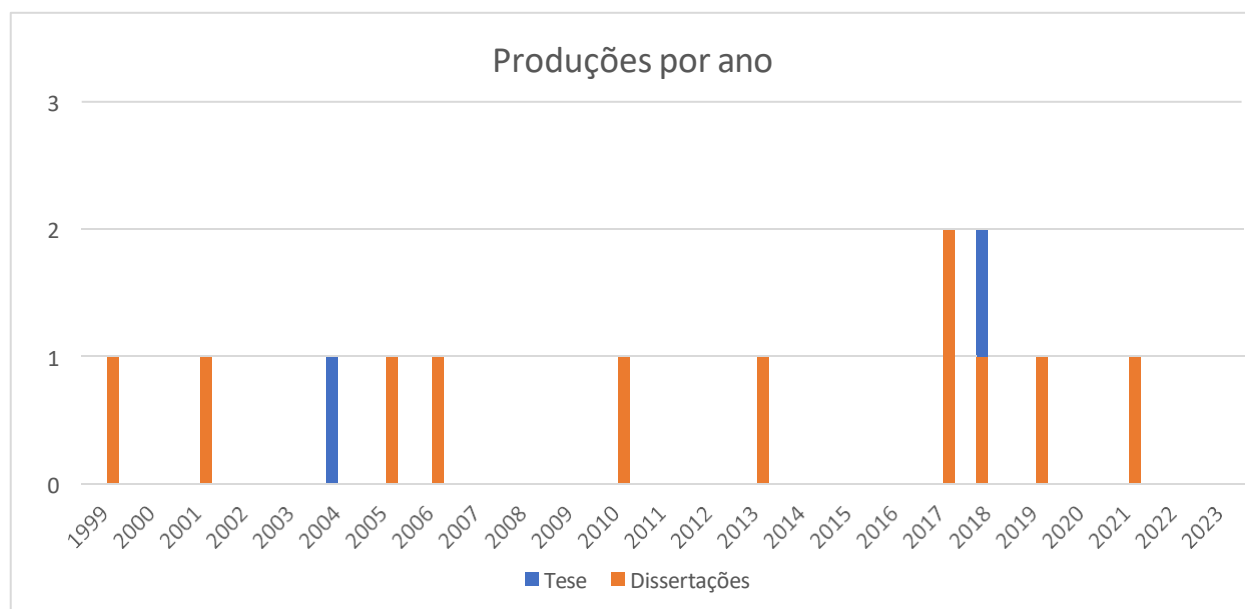
Quadro 3 – As setes produções mais recentes por ordem cronológica

	Título	Autor	Ano	Tipo	Instituição
08	A experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica na UFBA	Silva, José Antônio Pereira da	2017	Mestrado	UFBA
09	A experiência de supervisores de estágio em psicologia clínica em serviço-escola: uma compreensão fenomenológica existencial	Oliveira, Sarah Barbosa de	2017	Mestrado	UCPE
10	Avaliação multimodal de habilidades sociais de estagiários de psicologia clínica e suas relações com a qualidade dos atendimentos	Sartori, Raquel Martins	2018	Doutorado	UFSCAR
11	Percurso dos supervisores de psicologia em alguns países: um estudo comparativo do Brasil, Portugal e Uruguai	Rita Aparecida Nicioli Cerioni	2018	Doutorado	USP
12	Processos imaginativos de estagiária sobre a experiência de intervenção em psicologia clínica	Melo, Taciana Feitosa de	2018	Mestrado	UFPE
13	Considerações acerca da atividade profissional do supervisor clínico em psicologia	Silva, Nádia Oliveira da	2019	Mestrado	UFPE
14	Psicoterapia e formação em psicologia: uma análise da perspectiva de estagiários em psicologia clínica da UFMA	Sousa Júnior, Josman Raimundo de	2021	Mestrado	UFMA

Fontes: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Observa-se, a partir do gráfico a seguir, uma escassez de produções que abordem essa temática. Além disso, chama atenção alguns anos que não tiveram trabalhos produzidos voltados a esse assunto. Os anos de 2017 e 2018 foram os de maiores números de produções em relação ao tema. A distribuição em relação aos anos de publicação se apresenta dessa forma:

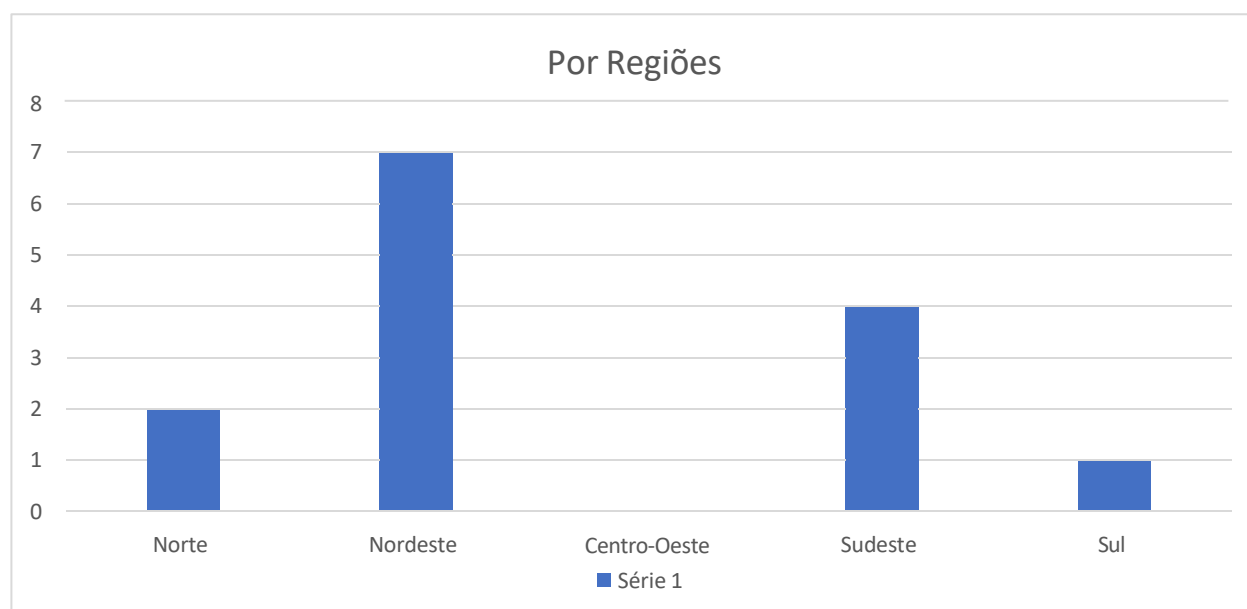
Gráfico 01 – Dissertações e Teses por ano de publicação



Fontes: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

É interessante destacar também a distribuições dos trabalhos encontrados por regiões. Nota-se uma concentração na região Nordeste, com sete trabalhos. O Nordeste lidera nesse quesito e supera em mais que o dobro das produções no Sudeste, com três produções. A região Norte apresenta duas produções, a Sul, uma, enquanto na região Centro-Oeste não há registro de teses e dissertações sobre o tema.

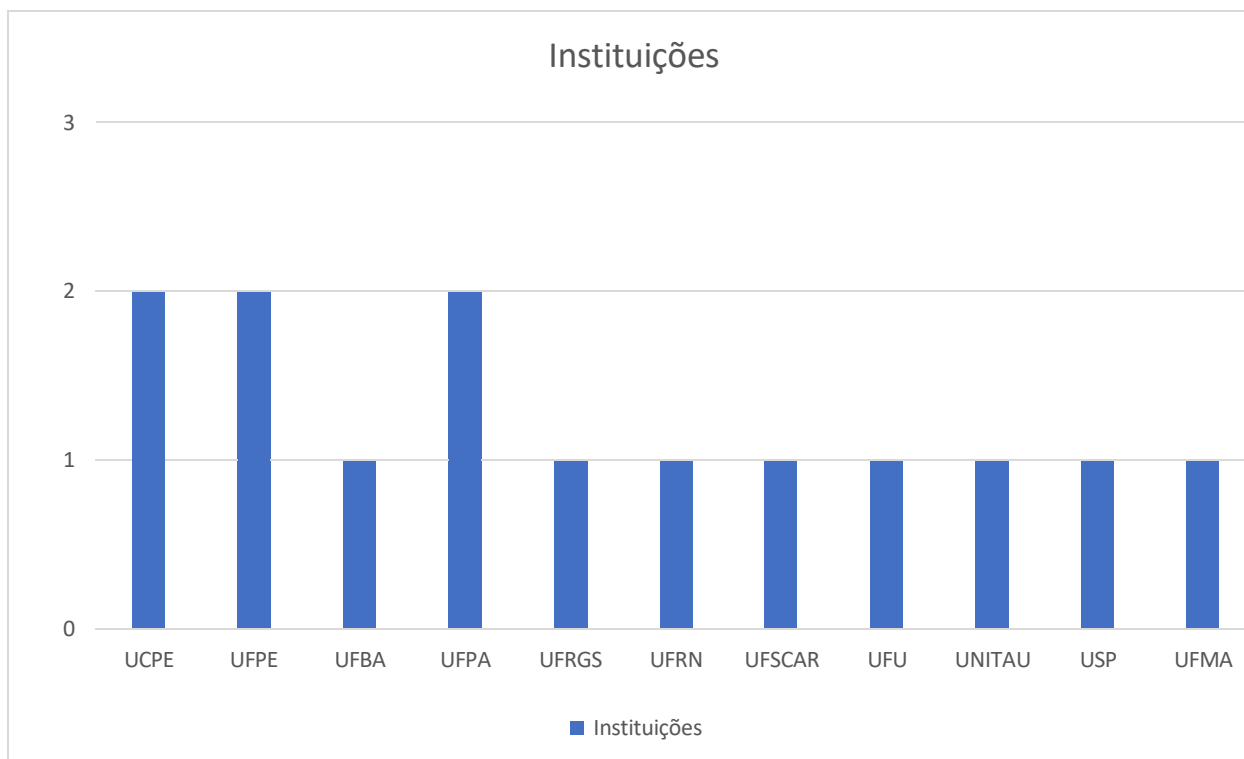
Gráfico 02 – Dissertações e Teses por Região



Fontes: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Outro dado importante é o estado, como também as instituições, onde esses trabalhos foram produzidos. Esse filtro se faz necessário para visualizarmos as origens dessas produções. O que se pode notar é que, dos quatorze trabalhos até aqui, a maior parte é do estado de Pernambuco (UCPE e UFPE), com quatro trabalhos. Na sequência, com dois trabalhos produzidos, o estado do Pará (UFPA), na região norte do Brasil.

Gráfico 03 – Dissertações e Teses por Instituições



Fontes: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

A partir da leitura e análise dos títulos, buscou-se uma maior aproximação com o tema estudado, e a opção por trabalhos que apresentam em seus títulos o termo “estágio supervisionado”, “formação em psicologia” e/ou termos que se remetiam a essa atividade, como “formação clínica”, “estagiários”, “experiência no estágio” com graduandos em psicologia ou profissionais em atividade no estágio supervisionado na ênfase clínica nos seus títulos. São eles:

Quadro 04 - As três produções após os critérios de inclusão e exclusão por ordem cronológica

	Título	Autor	Ano	Tipo
01	Reflexões sobre a formação clínica fenomenológico-existencial na era da técnica	Duarte, Adriana Raquel Negrão	2013	UFRN
02	A experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica na UFBA	Silva, José Antônio Pereira da	2017	UFBA
03	Psicoterapia e formação em psicologia: uma análise da perspectiva de estagiários em psicologia clínica da UFMA	Sousa Júnior, Josman Raimundo de	2021	UFMA

Fontes: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Além disso, realizou-se a leitura dos resumos dos trabalhos que continham os termos citados. Considerou-se a análise com o intuito de compreender se os trabalhos contemplavam a discussão sobre a formação de psicólogo e/ou estágio supervisionado em psicologia clínica.

O primeiro, que tem como título “Reflexões sobre a formação clínica fenomenológico-existencial na era da técnica”, está direcionado à formação em psicologia clínica, especifica em uma única abordagem, na qual os graduandos ~~que~~ atuam seguindo o referencial teórico fenomenológico-existencial.

O segundo trabalho, que tem como título “A experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica na UFBA”, assim como o primeiro, com foco na realização do estágio supervisionado, delimita-se aos que atuam na abordagem da Psicanálise.

Já o terceiro, “Psicoterapia e formação em psicologia: uma análise da perspectiva de estagiários em psicologia clínica da UFMA”, direciona o olhar para o percurso durante

o estágio supervisionado, mas, diferente dos outros dois, lança o olhar para análise da psicoterapia do próprio graduando que atua na clínica escola.

Partindo para a leitura dos resumos, alguns trechos denunciam como é primordial na formação o período da realização do estágio supervisionado. Sousa Júnior (2021), traz “que a formação de um profissional ocorre ao longo da graduação e sua aproximação com a prática profissional mais diretamente quando os discentes se deparam com os estágios supervisionados”.

Os graduandos percebem o valor do estágio, como demonstrado por Silva (2017) no trecho “ficou evidente que os estagiários consideram que a prática no estágio clínico tem contribuído na sua formação acadêmica, na medida em que possibilita vivenciar, no contato com os pacientes, a responsabilidade pelo ato clínico e seus efeitos”.

Já para Duarte (2013):

no que se refere ao processo de formação clínica no curso de psicologia, existe uma dificuldade [...]. Tal dificuldade se deve à incompatibilidade entre o aporte teórico advindo do curso de psicologia, ciência pautada, tradicionalmente, em paradigmas cientificistas, e a proposta teórico-metodológica adotada pela abordagem supracitada

Dentre os objetivos, constata-se um ponto em comum em todos os trabalhos que é o direcionamento para a formação clínica e o estágio supervisionado. Mesmo que exista uma inclinação para uma determinada abordagem.

No primeiro trabalho (Reflexões sobre a formação clínica fenomenológico-existencial na era da técnica), o objetivo é “Compreender a experiência de formação de psicólogos clínicos que desenvolvem estágio supervisionado na perspectiva fenomenológica-existencial”. O cerne está na experiência dos graduandos durante a realização do estágio supervisionado e que atuam a partir do referencial fenomenológica-existencial.

O trabalho seguinte (A experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica na UFBA), que tem como objetivos: (1) Analisar o conteúdo da produção de literatura sobre a prática de estágio supervisionado em psicologia clínica, com orientação psicanalítica, e refletir acerca de suas dificuldades e desafios; (2) Identificar as contribuições da experiência do estágio clínico para a formação profissional do discente; (3) Identificar as manifestações sintomáticas que, porventura,

ocorrem no decorrer da prática de discentes no estágio em psicologia clínica; (4) Investigar as estratégias dos estagiários para lidar com suas dificuldades e sintomas na prática de estágio; (5) Identificar como os discentes estagiários se percebem no que diz respeito à saúde e doença. O autor optou por trazer objetivos específicos e com isso uma abrangência maior.

Já o objetivo do último trabalho (Psicoterapia e formação em psicologia: uma análise da perspectiva de estagiários em psicologia clínica da UFMA) é “Analisar a relação entre psicoterapia, a formação e a prática clínica em Psicologia, a partir da perspectiva dos estagiários da área clínica do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)”.

Nos capítulos que tratam dos aspectos metodológicos, os trabalhos se desenvolveram das seguintes formas:

O trabalho que tem o título “Reflexões sobre a formação clínica fenomenológico-existencial na era da técnica”, apresenta-se como uma pesquisa “qualitativa e caráter fenomenológico-existencial” com o intuito de “compreender a vivência” dos graduandos durante a realização do estágio supervisionado “a partir de uma ótica que considera o sujeito como *ser-no-mundo*, tendo por sua condição básica, não uma qualidade estática, mas uma condição flexível e dinâmica” (Duarte, 2013).

O trabalho seguinte, que tem como título “A experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica na UFBA”, também em seu capítulo metodológico, parte de uma revisão de literatura sistemática e tem como “objetivo mapear o conhecimento sobre [...] a experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica”, como também identificar as “contribuições, desafios e consequências para os estagiários, professores supervisores e pacientes” (Silva, 2017).

Finalizando a análise em relação ao capítulo metodológico, o trabalho que tem como título “Psicoterapia e formação em psicologia: uma análise da perspectiva de estagiários em psicologia clínica da UFMA” (Sousa Júnior, 2021), traz um levantamento de dados na Plataforma Scielo. Como filtros, o autor delimitou trabalhos da área Ciências da Saúde e Ciências Humanas. Já os descritores foram: psicoterapia pessoal, psicoterapia pessoal do psicólogo, formação do psicólogo, formação em psicologia,

atuação profissional do psicólogo, psicologia clínica e psicoterapia, psicoterapia e formação.

Em relação aos instrumentos para coleta/construção de dados, todos os autores optaram por utilizar entrevistas semiestruturadas. No trabalho “Reflexões sobre a formação clínica fenomenológico-existencial na era da técnica”, a autora optou por entrevistas semiestruturadas para a coleta/construção dos dados. Para ela, “com perguntas abertas, tal ferramenta nos fornece descrições mais profundas a respeito da experiência do participante, pois permite ao mesmo maior flexibilidade para relatar a sua experiência” (Duarte, 2013).

Para Silva (2017), autor de “A experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica na UFBA”, o instrumento utilizado também foi a entrevista semiestruturada: “primeiro alguns dados sociodemográficos dos participantes e em seguida investigamos a percepção sobre a formação acadêmica e a experiência do estágio por parte dos entrevistados” (SILVA, 2017).

No trabalho “Psicoterapia e formação em psicologia: uma análise da perspectiva de estagiários em psicologia clínica da UFMA”, assim como nos dois anteriores, foi utilizado como instrumento a entrevista semiestruturada.

O resultado desse levantamento indica que as pesquisas realizadas, embora tenham o mesmo enfoque – estágio supervisionado – e utilizem a entrevista semiestruturada como instrumento para construção dos dados, privilegiam a atuação do estagiário a partir de duas correntes teóricas, Psicanálise e Existencial-fenomenológica.

Assim, o levantamento e verificação das dissertações e teses que sobre a temática abordada contribuem no processo de construção da presente pesquisa, onde, no capítulo a seguir, apresentamos a fundamentação teórica e o método a partir da compreensão da Psicologia Sócio-histórica.

3. TEORIA E MÉTODO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

Tendo em vista o problema de pesquisa sugerido, **as significações atribuídas por uma egressa de psicologia aos desafios vividos na atividade de estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica**, e levando em consideração o processo de formação do profissional da psicologia, a presente seção tem como objetivo apresentar a perspectiva da Psicologia Sócio-histórica e as categorias de análise que fundamentam essa pesquisa. Entendemos que, a partir do momento que compreendemos como se dá o processo de formação, é possível pensarmos melhorias, revermos práticas e sugerirmos ações e/ou práticas que poderão contribuir nessa etapa tão importante na formação do profissional de psicologia clínica. Vale ressaltar que, ao falarmos “formação”, estamos considerando o período da realização do estágio supervisionado específico – nesse caso, na ênfase clínica –, que acontece na fase final da graduação em Psicologia.

Para isso, é necessário analisar a realidade atual e utilizaremos o referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio-histórica como mediadora das nossas reflexões sobre o processo de constituição do humano. Considerar a Psicologia Sócio-histórica para esse trabalho é prezar pela perspectiva que apreende a constituição do ser humano na convergência de sua história com a história na humanidade. A escolha se justifica por ser uma perspectiva que considera que “falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens” (BOCK, 2017, p. 30).

É na relação com as determinações que o ser humano se constitui. Para a Psicologia Sócio-histórica, as categorias de análise possibilitam o estudo do processo, do movimento e fluidez da realidade. “As categorias de análise devem dar conta de explicitar, descrever e explicar o fenômeno estudado em sua totalidade” (Aguiar, 2007, p.95). A seguir, apresentamos as categorias fundamentais para a realização dessa pesquisa, a saber: Historicidade, Mediação, Vivência, Atividade e Significação (sentidos e significados). Iniciaremos com a categoria historicidade e no decorrer serão apresentadas as demais já anteriormente citadas.

3.1. HISTORICIDADE

Ao longo do percurso histórico da humanidade, vários foram os pensadores e teóricos que investiram esforços na tentativa de compreender, descrever e explicar a origem e constituição do ser humano. Diversas teorias e autores apresentaram interpretações e justificativas sobre esse tema complexo e carregado de nuances. Uma dessas tentativas de explicar o ser humano foi a teoria da evolução de Charles Darwin. Nela, o ser humano pertence ao reino animal e como tal, é fruto do processo de evolução natural. Vale destacar que a teoria de Darwin não marcou o início desse debate, mas é um marco escolhido para explorar a trajetória que nos leva ao objeto de pesquisa.

A partir do conhecimento acumulado é que a ciência se estabelece e, nesse sentido, diversos estudos, teorias e autores contribuem para a compreensão do homem. Para essa tarefa, se faz necessário considerar o contexto histórico e social e, para a ciência progressista, como delineada por Leontiev (s/d), essa compreensão parte da ideia de que o ser humano e o social formam uma amálgama e não podem ser vistos de forma dicotomizada. Aqui é importante destacar que a ideia de amálgama, como afirma Magalhães (2021, p. 277), não é a mesma

Definição dicionaresca que diz respeito a algo sólido: liga metálica, cristalizada, fusão perfeita de coisas ou pessoas distintas que formam um todo e, uma vez incorporado a este bloco, pouco se identifica das partes que fizeram esta mistura, pois juntas, unidas solidamente, não mais conseguimos individualizá-las

Pelo contrário, estaria no sentido de algo mais fluido, sutil, leve, muito embora, determinantes um do outro, mas que é possível perceber que estão contidos nessa “mistura” ou “solução”, todavia, que não é concebível separá-los ou até mesmo identificá-los de forma isolada depois de constituídos, ou melhor, em constituição, pois não podemos ver (e/ou vê-los) como estáticos, inertes, estagnados.

Segundo essa visão, a humanidade adquire suas características distintivamente humanas, maneira ativa, por meio do processo de objetivação e apropriação da cultura, que é produto da vida em sociedade. Como afirmado por Leontiev (s/d), o indivíduo aprende, em sociedade, a ser um ser humano, “já que o que a natureza lhe confere ao nascer não é suficiente para a sua integração na vida social. É essencial que ele adquira

aquilo que foi conquistado ao longo do desenvolvimento histórico da sociedade humana" (p. 285). Esta perspectiva ressalta a importância da cultura e do contexto social na formação da identidade humana e na compreensão do processo de constituição do ser humano.

A perspectiva Sócio-histórica, contrapondo-se ao que foi proposto anteriormente por Darwin, considera que:

O homem é profundamente distinto dos seus antepassados animais e que o processo de hominização resultou da passagem à uma sociedade organizada na base do trabalho; que esta passagem modificou a sua natureza e marcou o início de um desenvolvimento que, diferentemente do desenvolvimento dos animais, estava e está submetido não às leis biológicas, mas a leis sócio-históricas (Leontiev, s/d, p. 280).

Em 1920, Lev Vigotski lançou olhar crítico sobre os fundamentos metodológicos da psicologia contemporânea, contrapondo-se às perspectivas vigentes na época, alegando que consistiam em experimentos psicológicos baseados em estímulo-resposta. Em meio a um cenário de mudanças paradigmáticas e desafios epistemológicos, propôs que a psicologia necessitava de seu próprio 'capital' teórico e metodológico. "Nossa crítica das visões correntes da natureza essencial e o desenvolvimento dos processos psicológicos deve, inevitavelmente, resultar num reexame dos métodos de pesquisa". (Vigotsky, 2007, p.59). Inspirado pelo Materialismo Histórico-dialético de Marx, propôs uma visão ousada, a nova psicologia, que revolucionaria a forma como entenderia a mente humana e a pesquisa psicológica.

Para Iarochovski e Gurguenidze (2004, p. 471 - 472),

Seu objetivo não consiste em acumular ilustrações psicológicas em torno dos conhecidos princípios da dialética materialista, mas em aplicar esses princípios como instrumentos que permitem transformar a partir de dentro o processo de investigação, descobrir na realidade psíquica certas facetas diante das quais são impotentes outros procedimentos de obtenção e organização dos conhecimentos.

A Psicologia Sócio-histórica tem como método o Materialismo Histórico-dialético. Materialista por considerar que a realidade material tem existência autônoma em relação a ideia, ao pensamento e à razão. Histórica, por acreditar que para compreender a sociedade é preciso conhecer o seu movimento. E pensar em realidade é pensar em

movimento, em processo, não estático. A construção permanente da realidade pelos humanos se dá em relação social com demais humanos em um contexto social e cultural determinado. Dialética, por julgar que a contradição é característica fundamental de tudo o que existe. Contradição é a força motriz do movimento do real (Bock, 2020).

Na perspectiva da Psicologia Sócio-histórica, considera-se que o homem e o social são intrínsecos e se constituem mutuamente. Não é possível pensarmos no homem descolado da realidade em que vive, pensarmos no ser humano separado no mundo. “O mundo social e o mundo psicológico caminham juntos em seu movimento” (Bock, 2007, p. 25).

Pensar o homem separadamente, isolado de toda a sua história, contexto social e sua época, é reduzi-lo “a uma mera materialidade biológica, mesmo mais complexa do que as outras, e as que fazem dele um ser transcendental — de origem sobrenatural ou metafísica — suportado por uma materialidade biológica” (Pino, 2018, p.229). Não é possível compreender o fenômeno psicológico desconsiderando toda essa complexidade.

Os sujeitos são determinados pela realidade histórica e social em que vivem. E, ao mesmo tempo, não vivem de forma passiva a essa realidade, os sujeitos são também determinantes e ativos na realidade. Não é concebível considerar “realidade social, econômica e cultural como algo exterior ao homem, estranho ao mundo psicológico, que aparece como algo que o impede, o anula ou o desvirtua” (Bock, 2007, p. 24).

Para Leontiev (s/d), é necessário entender o homem como indivíduo que, ao nascer, é candidato a humanidade e se constituirá como tal, apropriando-se da cultura herdada, que consiste no conjunto de produções humanas. De maneira individualizada, em contato com o social, apreende através das significações. Dessa forma, a cultura, como destaca Pino (2018, p. 229) “é o conjunto das produções dos homens”. Enquanto ser humano, atribui significações às suas produções.

A apropriação da cultura não acontece de maneira passiva. Bock (2007, p.17-18) ressalta que:

O homem é compreendido como ativo, social e histórico, a sociedade como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material; as ideias, como representações da realidade material; a realidade material, como fundada em contradições que se expressam

nas ideias; e a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de ideias, incluindo a ciência e a psicologia.

É preciso compreender e considerar todo o processo histórico que forja o que conhecemos como subjetividade e não confundir com o fenômeno psicológico. A Psicologia Sócio-histórica, como destaca Bock (2007), precisa romper com perspectivas neoliberais que, com o apoio da psicologia tradicional, conceberam visões de homem e do fenômeno psicológico que surgiram com objetivo de manutenção da ordem capitalista vigente.

Como afirma Bock (2007, p. 20) “as condições históricas permitiram o surgimento da Psicologia e do próprio fenômeno psicológico, do modo como está constituído hoje”, a partir de ideias que naturalizam o homem e o descola da realidade em que vive. A Psicologia Sócio-histórica não compactua com essa concepção. Falar de fenômeno psicológico é necessariamente falar de sociedade e acreditar que “o fenômeno psicológico se desenvolve ao longo do tempo. Que o fenômeno psicológico não pertence à natureza humana, não é preexistente ao homem e reflete a condição social, econômica e cultural em que vivem os homens” (Bock, 2007, p.22).

Assim, para Bock (2007, p. 26), “referir-se à subjetividade na Psicologia Sócio-histórica é falar da objetividade em que encontram-se os homens”. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, entrelaçados, envolvidos. Nesse processo, o homem atua, constrói, modifica, elabora, inventa, organiza o mundo e este, no que lhe diz respeito, proporciona elementos para a constituição psicológica do homem.

Homem e história são inseparáveis. É inadmissível, na perspectiva da Psicologia Sócio-histórica, forquear, separar o homem e história. “Não há história sem apropriação/transmissão do legado cultural produzido pelas diversas gerações em diferentes tempos e espaços” (Soares, 2011, p. 24).

Pensar no homem atual é pensar no ser humano que se constitui a partir do social e suas produções ao longo da história. Como afirma Leontiev (s/d, p. 285) “as gerações humanas morrem e sucedem-se, mas aquilo que criaram passa às gerações seguintes que multiplicam e aperfeiçoam.”

O ser humano modifica a natureza em função do desenvolvimento de suas necessidades. Constrói habitações, moradias, casas, edifícios, produzem as suas vestimentas, roupas, criam estilos, modas, desenvolvem ferramentas, utensílios, tecnologias, bens materiais, desenvolvem a agricultura, pecuária, modos de produção. Como afirma Leontiev (s/d, p. 283), “criam os objetos que devem satisfazer às suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas.”.

Diferentemente dos demais animais, o ser humano possui uma característica peculiar que é a capacidade criadora. Mas essa capacidade não se constitui naturalmente apenas pelo fato de ser da espécie humana. Tudo que é criado, desenvolvido e, principalmente aperfeiçoado, só é possível através da socialização. Dessa forma, acontece o processo de acúmulo histórico que, levando em conta a transmissão, possibilita o desenvolvimento do social e individual inseparavelmente. À medida que aumenta a sua produção criativa, acelera a velocidade de criação, pois, a partir do que já existe é possível o surgimento e elaboração de novas criações. “Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes” (Leontiev, s/d, pag. 284). Nesse sentido, a categoria mediação, que será apresentada a seguir, nos ajuda a compreender esse processo de assimilação do legado cultural.

3.2. MEDIAÇÃO

Para que o ser humano desenvolva suas funções psicológicas superiores, como atenção, percepção, linguagem e pensamento, é necessário que exista transmissão e apropriação da herança cultural. Mas esse processo de desenvolvimento não ocorre de forma direta, seja de fora (social) para dentro (individual) ou o contrário, do interior do indivíduo para a sociedade. “O homem, ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, nas relações com o social (universal) constitui sua singularidade através das mediações sociais (particularidades/ circunstâncias específicas)” (Aguiar e Ozella, 2013, p.302).

Essa transferência cultural, como afirma Leontiev (2004, p.285), não acontece “de modo algum por hereditariedade biológica, mas adquirem-se no percurso da vida por

processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes”. Ainda segundo Leontiev, caso acontecesse uma catástrofe na terra e aqui ficasse apenas a população não adulta, não significaria o fim da humanidade, mas, com certeza, toda a riqueza histórica e desenvolvimento estaria profundamente comprometida. Exatamente por não existir a possibilidade de mediação de pessoas adultas e transmissão para as gerações mais jovens.

Dessa maneira, o desenvolvimento humano se estabelece na mediação da cultura e da historicidade. É através dessas duas categorias que entendemos o processo de apropriação e, conseqüentemente, de desenvolvimento humano. Sem essa dinâmica conjunta, a constituição do ser humano, enquanto ser social e cultural, seria inviabilizada, pois é justamente na intersecção que o humano se constitui.

O ser humano não se funda por si só, isoladamente, se constitui em sociedade a partir das mediações objetivas e subjetivas. Como afirma Bock, Perdigão e Kulnig (2022, p.55) “é na relação dialética entre indivíduo e sociedade, entre objetividade e subjetividade, que essa formação individual ocorre, assim como acontecem as transformações históricas”. Estas, objetividade e subjetividade, não devem ser consideradas e analisadas de forma dicotômicas, a não ser que o intuito seja explicar o conceito de cada uma delas na perspectiva da Psicologia Sócio-histórica. Poderíamos, em uma tentativa de explicar de forma separadamente, elencar elementos, itens, coisas, objetos para chamar de “mediações objetivas”, mas incorreríamos em um erro, pois, ao passo que são objetivas, também são subjetivas. Por exemplo, uma vestimenta específica pode nos remeter e/ou nos fazer lembrar da cultura de uma determinada região, localidade e/ou época. Mas, a vestimenta, mesmo sendo algo objetivo, são também subjetivas, pois atribuímos significações a elas. Assim como a cultura, que poderíamos dizer que é abstrata, subjetiva, “se materializa” em adereços, objetos, coisas, vestimentas que estão associadas àquela cultura. É importante destacar que o termo mediação usado aqui se refere a categoria de análise da Psicologia Sócio-histórica, pois é comum o uso desse termo em outros contextos. Entende-se por mediações os elementos, fatores, determinações, sejam objetivos ou subjetivo que compõe a realidade a qual o ser humano vive e atua como sujeito. “A relação homem-sociedade será sempre

permeada por vários tipos de mediações constitutivas do ser humano, estando implicadas numa relação dialética” (Barbosa, 2011, p. 36).

Ao longo da história, a mediação “é um mecanismo que articula elementos contraditórios constituindo-os como unidade” (Soares, 2011, p. 35). Como ser social, o homem adquire e se constitui a partir do social. Os espaços que possibilitam essa socialização se modificam ao longo do tempo e é determinado por cada época. “As mediações só se efetivam em espaços sociais, isto é, espaços onde o sujeito atua na relação com o objeto e outros sujeitos, espaços estes que possibilitam o processo de objetivação do homem e de subjetivação da realidade” (Soares, 2006, p. 37-38).

A categoria mediação é fundamental para que consigamos apreender a forma como acontece e que elementos afetam de forma significativas a constituição dos sujeitos e, nesse caso, graduandos de psicologia na realização do estágio supervisionado. A lembrar, como objeto de pesquisa, as significações atribuídas por uma egressa de psicologia aos desafios vividos na atividade de estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica.

Nesse contexto, vários são os autores que, de forma direta ou indireta, estão presentes durante a realização do estágio supervisionado. Professores, supervisores, coordenadores e demais profissionais participam dessa importante etapa que é determinante na constituição do psicólogo clínico, mesmo que esse período seja curto e as intervenções sejam pontuais por parte desses que auxiliam durante a realização do estágio supervisionado.

É a categoria mediação, portanto, que nos possibilita compreender que as características tipicamente humanas, à medida que são mediadas pelas particularidades das objetivações históricas, são, ao mesmo tempo, singulares e universais. Isso significa que o homem singular jamais pode se constituir a partir do isolamento social” (Soares, 2006, p. 36-37).

3.3. VIVÊNCIA

Em Psicologia, assim como em tantas outras profissões, é dito por profissionais, e isso acaba se estendendo aos graduandos, que não existe uma chave ou interruptor

“liga-desliga”, onde fosse possível o indivíduo, na realização das suas atividades laborais, conseguisse separar, ou deixar de fora todas as vivências/experiências/significações que pudessem atrapalhar/interferir negativamente no seu trabalho e concentrasse apenas nos conhecimentos técnicos e inerentes a sua profissão.

Pois bem, isso realmente não é possível. Na perspectiva da Psicologia Sócio-histórica, o sujeito carrega consigo todas as vivências acumuladas ao longo do seu percurso de vida. O ser humano é constituído, não por todas as experiências vividas, mas sim, por todas as significações que atribui a sua realidade objetiva. A vivência, como nos lembra Vigotski, não se refere a uma particularidade do indivíduo e nem ao ambiente no qual está inserido, mas a relação dialética entre os dois.

E é nesse processo formativo que o graduando em psicologia, durante a realização da atividade de estágio, se constitui e desempenha a função de psicoterapeuta. Enquanto estagiário, o postulante a terapeuta estuda teorias, autores e define a corrente teórica que irá embasar sua prática clínica. Mas isso não garante que será capaz de, durante a sua prática, não se sinta afetado ao ponto que isso interfira negativamente na condução do processo terapêutico, afinal “toda atividade realizada pelo homem é significada socialmente, ou seja, vincula-se ao social, ao mesmo tempo em que é impregnada de sentidos pessoais, de motivações.” (Carvalho e Marques, 2018, p.767).

A categoria vivência nos ajuda a apreender o real processo de constituição do indivíduo na atividade. No caso da nossa pesquisa, o graduando em psicologia toma consciência do fazer profissional, não apenas, mas de forma significativa, a partir da realização da atividade do estágio. “As vivências englobam tanto a tomada de consciência quanto a relação afetiva com o meio e da pessoa consigo mesma, pela qual se dispõem, na atividade consciente, a compreensão dos acontecimentos e a relação afetiva com eles” (TOASSA, 2011, p. 231).

Nesse caso da atuação em psicologia clínica, essa tomada de consciência em relação ao fazer profissional, se entrelaça com a tomada de consciência, característica e essência do processo terapêutico na clínica psicológica, do paciente. Como afirmam Carvalho e Marques (2018) o ambiente não existe em absoluto, ao contrário, o ambiente social tem sentidos diferentes, em fases de vida diferentes. A mesma situação social,

nesse caso, a relação terapêutica que acontece no *setting*, terá sua *perejivanie* (vivência) diferente para cada um dos presentes na naquele espaço.

Dessa forma, considerando que o processo de tomada de consciência é o fator determinante para o paciente que busca apoio no atendimento psicológico, também o é para o estagiário, que no início das realizações das atividades inerentes a prática, mesmo que ainda como graduando, se percebe enquanto um profissional. Sendo assim, temos o encontro de dois sujeitos que, durante o atendimento de psicoterapia realizado na clínica escola, estão envolvidos em um processo simultâneo e individual de tomada de consciência.

3.4. ATIVIDADE COMO PRÁXIS

Nessa pesquisa, recorreremos a categoria atividade para embasar e aproximarmos do problema de pesquisa, a saber: quais significações são atribuídas pela egressa de psicologia aos desafios vividos na atividade de estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica? Considerando as tarefas inerentes a prática realizada pela estudante durante estágio supervisionado, a categoria atividade é relevante, para a Psicologia Sócio-histórica, como também para essa pesquisa, pois, é através da atividade que o ser humano modifica, transforma o mundo natural em social e se constitui nele.

Diferentemente dos demais animais, o ser humano realiza não apenas as atividades vitais, as que estão relacionadas a atender as necessidades biológicas, mas realiza também, as atividades vitais humanas. As atividades vitais humanas, como nos lembra Oliveira (2014, p. 3) “trata-se da atividade humana – o trabalho humano. É, portanto, uma atividade teleológica que rompe com os limites biológicos previstos pela *specie homo*”, ou seja, são consideradas atividades vitais humanas aquelas realizadas pelo homem que transforma de maneira intencionalmente a natureza e, conseqüentemente a si mesmo, superando assim, os limites da natureza animal. São atividades que o homem busca satisfazer não apenas as necessidades biológicas, mas também as necessidades impostas e criadas pelo sujeito social.

Assim sendo, mesmo não podendo descartar a base biológica, pois como afirma Oliveira (2014, p. 7), “sem essa base biológica e sem considerar as leis da natureza como um todo, não há possibilidade de vida e, assim, o homem não tem como desenvolver o seu histórico e social”, o ser humano se constitui humano na atividade. A atividade vital humana é um processo entre o ser humano e a natureza, no qual, o homem, a partir de suas ações, apropria-se do natural transformando-a em como úteis à sua própria vida social. É através da atividade vital humana que o indivíduo se torna ser humano.

Como descrito por Marx, o trabalho (atividade humana), configura condição universal e determinante no processo de se tornar humano. Tomando como exemplo a realidade do psicólogo clínico, que inicia a prática clínica durante a realização do estágio, existe a consciência e intencionalidade na realização, que estão muito além das leis biológicas, na verdade, obedece e atende as normas histórico-sociais.

Concordamos com Aguiar (p.126, 2000) quando afirma que o homem, “além de produto da evolução biológica das espécies, é também produto histórico, mutável, pertencente a uma determinada sociedade, em uma determinada etapa de sua evolução”. E pertencente a esse grupo, “se constitui sob determinadas condições sociais, resultado da atividade de gerações anteriores”.

Nesse processo, que por si só já é contínuo, o indivíduo é instigado pelas necessidades da vida social inerentes a sua época e que não estão previstas pela natureza. O que pode justificar, como descrito no início dessa dissertação, o aumento na busca pela graduação em psicologia, dando assim um indício que as atividades previstas para essa categoria profissional sejam uma necessidade especialmente nessa época.

Colocando dessa forma, é preciso lembrar que a atividade vital humana vai além de um trabalho ou tarefa de uma determinada categoria profissional. Na atividade vital humana, existe a intencionalidade e consciência, na realização ou na não realização. Ou seja, mesmo que não realize, mas se de forma consciente, consideramos atividade vital humana. “O ato de colocar um fim (específico para cada atividade) é um ato de consciência (que é já um produto histórico-social) (Oliveira, 2014, p. 8).

Voltando para o que é objeto de estudo desse trabalho, o ser humano que realiza atividades obrigatórias inerentes a formação profissional, ainda no período de realização do estágio supervisionado, se constitui nessa realização e é parte (social) na constituição

de outros humanos que fazem parte, direta ou indiretamente do processo, o usuário do serviço, por exemplo. “Toda atividade desenvolvida pelo homem é dirigida pela consciência, seja a consciência em si ou a consciência para si. Ambas são sempre dirigidas pelas leis histórico-sociais, tendo-se consciência disso ou não.” (Oliveira, 2014, p. 9-10).

Para compreender a essência humana, é imprescindível estudar a atividade humana e seu produto, já que é através da atividade que o indivíduo não só se apropria do conhecimento já existente, mas ao fazê-lo se objetiva no produto do seu trabalho. E mais ainda, ele também se desenvolve na sua relação com esse produto surgido do trabalho. (Oliveira, 2014, p. 11).

É o que acontece com o estudante em realização das atividades inerentes ao estágio supervisionado, que, enquanto atividade educacional e como etapa obrigatória para o processo formativo, contribui para a formação da consciência para si.

Nesse processo de constituição, que envolve dimensões formativas, sociais e pessoais para os envolvidos — a graduanda, o usuário do serviço e os profissionais que nele atuam —, durante a realização de atividades vitais humanas, acontece a transformação social. A estagiária se percebe como capaz de exercer as práticas da profissão que escolheu, enquanto a paciente, imersa na angústia das inúmeras situações e condições sociais que enfrenta, busca no serviço de psicologia um espaço de escuta e cuidado, e os profissionais, que atuam na instituição que oferta o serviço, participam da transformação social. Como ressalta Oliveira (2014, p. 11), “é através desse processo de participar do desenvolvimento do patrimônio cultural da humanidade que o homem se torna humano.” Assim, a relação mediada pelo trabalho não apenas possibilita mudanças individuais, mas também contribui para a perpetuação e renovação do patrimônio cultural, reafirmando o caráter coletivo e transformador das relações humanas.

Assim, progressivamente, pela mediação das relações sociais, o homem vai se constituindo em uma unidade de produção, na qual, em um processo contínuo, matéria será convertida em produções semióticas e processos de dimensão social serão convertidos em processos de dimensão individual. (Aguilar, p.132, 2000)

Portanto, nas realizações das atividades humanas estão a essência da constituição do ser histórico-social, os vários atores envolvidos significam, de forma única, embora não descolada dessa realidade social, os momentos e experiências. Como destaca Aguiar (p.129, 2000) “pela atividade externa, portanto, que se criam as possibilidades de reconstrução da atividade interna.”

Nesse sentido, como afirma Kosik (2002, p. 183), chegamos ao ponto em que convergem o que foi descrito por Marx e Hegel, nas respectivas obras “O capital” e “Fenomenologia do espírito”. Ainda segundo o autor, que descreve a atividade como sendo a “odisséia” do ser humano:

O sujeito (o indivíduo, a consciência individual, o espírito, a coletividade) deve andar em peregrinação pelo mundo e conhecer o mundo para conhecer a si mesmo. O conhecimento do sujeito só é possível na base da atividade do próprio sujeito sobre o mundo; o sujeito só conhece o mundo na proporção em que nele intervém ativamente, e só conhece a si mesmo mediante uma ativa transformação do mundo. O conhecimento de quem é o sujeito significa conhecimento da atividade do próprio sujeito no mundo. Todavia, o sujeito que retorna a si mesmo depois de ter andado em peregrinação pelo mundo é diferente do sujeito que empreendera a peregrinação. O mundo percorrido pelo sujeito é diferente, é um mundo mudado, pois a simples peregrinação do sujeito pelo mundo modificou o próprio mundo, nele deixou as suas marcas.

Assim, é na atividade de estágio, que o estudante da graduação em Psicologia cumpre uma etapa crucial e bastante esperada no seu processo formativo, é também, na realização dessa vital humana que constitui, de forma criativa, reflexiva e crítica, a consciência para si

3.5. SIGNIFICAÇÕES – SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Ainda seguindo em direção ao objetivo proposto, julgamos importante considerar a categoria “significação”, conforme destacam Aguiar, Aranha e Soares (2021, p. 3), esta categoria visa “expressar a articulação dialética entre sentidos e significados, revelando que indivíduo e sociedade, pensamento e linguagem, afeto e cognição constituem relações que se configuram como unitárias”. A complexidade nessa pesquisa é entendermos que, o graduando em psicologia, como qualquer ser humano, não se

descola da realidade objetiva e subjetiva de produção de significações sobre o que e como vivencia a realidade.

É importante destacarmos que, sentido e significado são categorias diferentes, embora sejam dialeticamente indissociáveis. Descrivê-las separadamente é uma tentativa de sermos didáticos e facilitar a compreensão. Aguiar e Ozella (2013, p. 304) enfatizam que, apesar de serem diferentes, sentido e significado “não podem ser compreendidas descoladas uma da outra, pois uma não é sem a outra”.

Dessa forma, temos como significados, os conceitos compartilhados socialmente, dicionarizados. “São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências.” Embora mais estáveis, “eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantêm com o pensamento, entendido como um processo.” (Aguiar e Ozella, 2013, p.304)

Os significados referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades. Ao discutir significado e sentido, é preciso compreendê-los como sendo constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional. Dessa forma, na perspectiva de melhor compreender o sujeito, os significados constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido

O sentido, por sua vez, é entendido como sendo mais amplo, fluído, pois integra a convenção com os eventos psicológicos que o ser humano elabora a partir da realidade em que vive. “A categoria sentido destaca a singularidade historicamente construída” (Aguiar e Ozella, 2013, p.304). Dessa forma, o sentido se aproxima da “subjetividade”, é resultado da elaboração dos processos afetivos, cognitivos e biológicos. O sentido atribuído a algo ou a alguém é único.

Aguiar e Ozella (2013, p.305) afirmam que “falar de sentidos é falar de subjetividade, da dialética afetivo/cognitivo, é falar de um sujeito não diluído, de um sujeito histórico e singular ao mesmo tempo”. É através da fala que o sentido se materializa. Como nos lembra Vigotski (2001), a essência de uma frase é pertinente a toda a frase, e não a cada palavra vista separadamente. Nem sempre é possível colocar

em palavras aquilo que está no pensamento, e ainda que consiga uma palavra, o significado dela pode não ter o sentido o qual o sujeito pretendia.

Para González Rey (2004, p.52) “o sentido não representa uma omissão do objetivo e sim uma forma de se representar o processo através do qual o objetivo se converte em psicológico”. Poderíamos dizer que o sentido se constitui em um processo de internalização indivíduo diante dos inúmeros elementos que compõem a sua realidade.

Compreender os sentidos e significados se torna um desafio, pois, como dito anteriormente, não é possível analisarmos de forma separada. Visto como uma unidade, “o termo ‘significação’ é utilizado no intuito de expressar a articulação dialética entre sentidos e significados, revelando que indivíduo e sociedade, pensamento e linguagem, afeto e cognição constituem relações que se configuram como unitárias” (Aguiar, Aranha; Soares, 2021, p.03). Assim, a noção de significação pode ser entendida como a articulação entre o sentido e o significado, em outras palavras, a significação é um compêndio do objetivo e subjetivo.

Fazendo uma analogia, poderíamos dizer que a fala do indivíduo é matéria prima para o trabalho do psicólogo clínico, independente de referencial teórico, como também é para o pesquisador em Psicologia Sócio-histórica. É a partir daquilo que verbaliza o sujeito, carregado de significações, que o profissional da psicologia, em um processo de sucessivas tentativas de aproximação do sujeito concreto, apreende os indícios da subjetividade. “Subjetividade é aqui entendida como uma possibilidade humana de organizar experiências convertidas em sentidos. É uma dimensão da realidade que podemos denominar dimensão subjetiva da realidade objetiva” (Aguiar e Ozella, 2013, p.305).

4. METODOLOGIA

Nesta seção, nosso objetivo é apresentar e descrever a base teórico-metodológico, o procedimento de construção de dados, a escolha do campo de pesquisa e da participante da pesquisa até a seleção e justificativa dos instrumentos utilizados para a construção das informações, bem como análise e interpretação deles.

4.1 BASE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Entendemos que a Psicologia Sócio-histórica, atuando como mediadora no processo de aproximação e apreensão da dimensão subjetiva da realidade, contempla as aspirações desta pesquisa, por considerar que o sujeito é indissociável do contexto social e que a constituição da subjetividade ocorre nessa relação dialética e ativa. E, à medida que o ser humano é influenciado pelas determinações históricas e sociais, ele também tem o poder de afetar e transformar o ambiente ao qual pertence.

A Psicologia Sócio-histórica se fundamenta no materialismo histórico, que tem como principais expoentes Marx e Engels, adota uma perspectiva dialética, e assim, reconhece que a ação dos seres humanos na natureza gera mudanças e produz novas circunstâncias históricas e sociais para sua existência. O método utilizado para a pesquisa dá ao pesquisador a base filosófica e é o que permite pensar a realidade levando-o uma maneira de interpretar e teorizar o mundo.

O materialismo histórico-dialético rejeita explicações sobrenaturais ou metafísicas para o mundo material, enfatizando que a realidade material existe independentemente de ideias e pensamentos. Além disso, essa abordagem é intrinsecamente histórica, uma vez que, compreende a sociedade em seu constante movimento e desenvolvimento. A realidade é construída pelo homem a partir das relações sociais dentro de um contexto social, cultural e em determinada época. A contradição emerge como uma característica fundamental de tudo o que existe, impulsionando o movimento do mundo real.

Posto isto, é importante o cuidado com o método de investigação e análise escolhido para essa pesquisa, visto que, não se trata de uma tarefa simples, pois não

estamos preocupados em apenas descrever a realidade, mas sim, em apreender as significações constituídas pela participante da pesquisa. Considerando isso, o nosso intuito converge com os pressupostos teóricos-metodológicos da Psicologia Sócio-histórica que pretende, com base nas categorias de análise já mencionadas anteriormente (historicidade, mediação, sentido e significado), ir além da análise do conteúdo e/ou dos discursos elaborados pelos sujeitos, o propósito são as significações.

Assim, concordamos com Vigotski quando propõe que é preciso um reexame dos métodos utilizados no início do século XX. Suas críticas iam de encontro às perspectivas das ciências da natureza, como também das ciências estritamente culturais. O perigo estava em tentar separar ou analisar de forma separadas o ser humano do social. Não concordava com os métodos utilizados pela psicologia até então, pois, para ele, utilizava modelos pragmáticos, dogmáticos e que compreendia os fenômenos de forma causal. A proposta era superar as dicotomias, admitindo a influência da natureza sobre o ser humano, mas que esse não era passivo no processo, e assim, “age sobre a natureza e cria, através das mudanças provocadas por ele na natureza, novas condições naturais para sua existencial” (Vigotski, 1991, p.43).

E aqui é importante destacar o impacto de Vigotski para a psicologia, pois teve o cuidado de analisar o que existia de conhecimento científico naquele período para então propor o que, para ele, seria um método que não cometeria os erros que as duas correntes predominantes, Psicanálise e Behaviorismo, cometiam. Para Aguiar e Magalhães (2021, p.118) “Vigotski já inicia o que chamamos aqui de sua revolução! Revolveu as bases da Psicologia, uma ciência que não trazia caminho suficientes para a explicação do ser humano”.

O título de “revolução”, atribuído por Aguiar e Magalhães (2021), ganha maior importância ao explorar a obra “O Epílogo”, que destaca um momento importante nas pesquisas empreendidas por Vigotski na investigação da consciência: “Agora define seu campo e estudo como ‘psicologia de cumes’, que se contrapõe a outras duas: à de ‘superfície’ e à do ‘profundo’” (Iarochovski e Gurguenidze, 2004, p. 483). Durante esse percurso, o questionamento se direciona tanto à corrente da Psicanálise, quanto, da mesma forma, aos Behavioristas, denominando-os como “psicologia do profundo” e “psicologia de superfície”, respectivamente.

Para Vigotski, embora as duas correntes predominantes fossem diferentes, ambas incorriam no mesmo erro e se baseavam em estímulos e respostas, além de adotar uma perspectiva dicotômica na realidade, analisando de forma separada o individual do social. O método utilizado por essas correntes precisaria ser revisto.

Assim, nesse período, Vigotski empreende esforços para propor um método que fosse capaz de compreender o humano como parte constitutiva da realidade em que vive. Considerar o ser humano contextualizado a realidade material e social é o que superaria o que chama de “crise da psicologia”. Em alusão ao que é considerada a obra máxima de Marx, isto é, “O capital”, ele, aponta que a psicologia também necessitaria ter seu próprio “Capital”. Apenas uma psicologia histórico-cultural seria capaz de superar essa “crise” com o claro objetivo de que:

não consiste em acumular ilustrações psicológicas em torno de conhecidos princípios da dialética materialista, mas em aplicar esses princípios como instrumentos que permitem transformar a partir de dentro o processo de investigação, descobrir na realidade psíquica certas facetas diante das quais são impotentes outros procedimentos de obtenção e organização dos conhecimentos. (Iarochovski; Gurguenidze, 2004, p. 471 – 472)

Conforme Wertsch (1988), Vigotski empreendeu esforços em compreender o funcionamento psicológico no âmbito ontogênese. E para isso, destaca que, é preciso ter uma compreensão mais ampla, que comportamento humano seria fruto de três linhas básicas de desenvolvimento: **a evolutiva**, que utilizou como base a teoria de Darwin já mencionada anteriormente, **a histórica**, na qual Vigotski utilizou dos pressupostos importantes do materialismo histórico e o **ontogênese**. Foi além, destacou a necessidade que, para entender o desenvolvimento ontogenético, seria necessário compreender também a filogenética, a sociogenética e ainda, a microgenética.

Sobre a **filogênese** Wertsch (1988) compara os símios com os seres humanos e destaca, a partir dos estudos de Vigotski, uma diferença fundamental, que é a capacidade dos seres humanos, através da atividade prática com uso de instrumentos, de desenvolverem as bases dos conhecimentos e funções psicológicas superiores.

A consideração Vigotskiana de que o uso de ferramentas é uma condição necessária, mas não suficiente, para o surgimento de funções psicológicas superiores especificamente humanas permitiram-lhe

reconhecer a proximidade filogenética entre macacos e humanos ao mesmo tempo que insistia no abismo qualitativo que os separa. (Wertsch, 1988, p. 45)

Em outras palavras, o uso de instrumento se converte em função psicológica superior apenas no ser humano. Por isso, Vigotski considerava um equívoco atribuir explicação do comportamento humano aos comportamentos dos animais como simples acúmulos de hábitos elaborados que foram se fossilizando ao longo do tempo através de tentativa e erro ou contingentes de reforçamento. Para ele, desconsiderar o nível qualitativo desses comportamentos era necessário e, por isso, uma reformulação. Considerar apenas a filogenética para diferenciar humanos e animais era insuficiente. Ainda assim considerava a teoria da evolução como um passo importante para o estudo do ser humano (Wertsch, 1988)

No que diz respeito ao domínio **sociogenético** ou sociocultural, como destaca Wertsch (1988), o desenvolvimento humano não é suficientemente explicado pela filogênese, então, caberia o questionamento se seria a partir do social que teríamos a resposta. Para Vigotski e outros teóricos soviéticos, como Lúria e Leontiev, apostariam que sim, que é através da história e vida em sociedade que o ser humano se desenvolve, pois, diferente dos seus ancestrais primatas, o ser humano consegue internalizar, através das funções superiores, a herança histórica e conhecimento cultural.

Em se tratando da compreensão sobre a ontogênese, Wertsch (1988) nos alerta que a teoria de Vigotski não pode ser compreendida se for analisada e estudado apenas de um dos domínios. Embora a ontogênese tenha sido o domínio que possa parecer ter destaque, é importante lembrar que não pode ser vista como um paralelo com a filogênese. Enquanto a filogênese está para as características de uma espécie, a ontogênese está para o ser. Dito dessa forma apenas no intuito de ser didático, pois para a teoria da Psicologia Sócio-histórica, não pode já mais ser vista de forma dicotômica.

Para Vygotsky, o principal critério para distinguir a ontogênese dos demais domínios é o fato de a ontogênese envolver a operação simultânea e inter-relacionada de mais de uma força de desenvolvimento. Embora este domínio tenha a vantagem de ser observável na sua totalidade, também tem a desvantagem de impedir o estudo isolado de qualquer uma das suas forças de desenvolvimento” (Wertsch, 1988, p. 45).

Já a microgênese, para a teoria vigotskiana, trata-se de determinações pormenorizadas, detalhes que influenciam e/ou determinam de forma significativa no fenômeno psicológico. Essa perspectiva de algo “menor” se dá quando levamos em consideração que partimos do mais amplo e seguimos em um processo de afunilamento em direção a minúcia. Para Vigotski:

A concepção de microgênese aparece mais clara em seus comentários sobre procedimentos experimentais em psicologia. Vygotsky defendia que, ao realizar estudos laboratoriais, o pesquisador deveria estar atento aos processos microgenéticos envolvidos na formação e manifestação de determinado processo psicológico. (Wertsch, 1988, p. 71)

Ainda segundo Wertsch (1988), o método de Vigotski exige que o pesquisador considere princípios imprescindíveis: (1) que o pesquisador considere que os processos psicológicos humanos exigem estudos através da análise genética desde a origem dos processos e as transições que levam a sua forma final; (2) os processos psicológicos envolvem mudanças significativamente qualitativas; (3) as alterações e progressão ocorrem a partir dos elementos mediadores; (4) O processo mental humano só é possível de ser analisado se considerar a filogênese, sociogênese, ontogênese e microgênese e; (5) Diferentes determinações de desenvolvimento, cada uma com o seu próprio conjunto de princípios explicativos, operam em diferentes domínios genéticos.

4.2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES

O instrumento escolhido para a construção de dados é a entrevista reflexiva. O intuito é que, através desse procedimento de construção de dados seja possível uma aproximação ao fenômeno estudado. “O caráter de interação social da entrevista” (Szymanski, p. 194, 2019) permite que, na relação interpessoal entre pesquisador e entrevistado, os indícios do real-concreto se desvelem.

Destacamos a importância e sutileza do papel do entrevistador, pois, como um dos elementos mediadores na realização da entrevista, suas ações e até mesmo as ‘não ações’ podem ser decisivas nesse processo da entrevista e consequentemente na tentativa de aproximação do sujeito concreto. Szymanski (2019, p. 194), ressalta que “a

natureza das relações entre entrevistador-entrevistado influencia tanto o curso da entrevista como o tipo de informação que aparece”.

Szymanski (2019, p. 195) destaca que, durante a realização da entrevista, por ser uma ocasião de interação humana, vários são os elementos que compõe esse momento, “estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, procedimentos, preconceitos, interpretações e constituição de sentido para os protagonistas”, no caso, entrevistador e entrevistado. Por um lado, temos o pesquisador, no papel de entrevistador com o interesse nas informações. Do outro, o entrevistado, que também tem suas aspirações e expectativas sobre a entrevista. Segundo Szymanski (2019, p.195), “quem é entrevistado também está processando um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o interlocutor e organizando suas respostas para aquela situação”.

É importante que o pesquisador esteja advertido que é preciso estabelecer uma relação de confiança com o entrevistado para que este consiga verbalizar, trazer, elaborar informações que contribuirão com a pesquisa. Szymanski (2019, p.195) destaca que, a entrevista possibilita “um momento de organização de ideias e de construção de discurso para um interlocutor. Isso já caracteriza o caráter de recorte da experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado”.

De acordo com Szymanski (2019, p.195), “o processo interativo complexo tem um caráter recorrente, num intercâmbio contínuo entre significados e o sistema de crenças e valores, perpassados por emoções e sentimentos”. Por isso, justifica-se a atualização do “termo reflexivo, usado sempre que ocorre esse processo recorrente”.

Por se tratar de uma interação humana, vale destacar o papel ativo dos envolvidos na entrevista. É nessa interação que surge a possibilidade de expor, por vezes, um conteúdo até então nunca mencionado por parte do entrevistado. É nesse diálogo estabelecido que “o movimento reflexivo que a narração exige acaba por colocar quem é entrevistado diante de um pensamento organizado de uma forma inédita até para ele mesmo” (Szymanski, 2019, p.196).

Entrevistador e entrevistado estabelecem uma relação desigual. O entrevistador sabe o que vai perguntar, tem um roteiro, sabe o direcionamento de acordo com o objeto estudo e tem informações prévias. Já o entrevistado, ao receber o convite para participar

voluntariamente da pesquisa, está, de certa forma, “aceitando um contrato de submissão aos interesses de quem está fazendo a pesquisa, ao mesmo tempo que se descobre dono de um conhecimento importante para o outro”. E, através da interação, o entrevistador deve buscar “uma condição de horizontalidade ou igualdade de poder na relação” (Szymanski, 2019, p. 196).

Esse caráter de igualdade entre os envolvidos na pesquisa, representatividade da fala e a proposta de uma ação reflexiva são basilares para a proposta da entrevista reflexiva. É possível destacar dois grandes momentos de reflexividade: o momento em que o entrevistado fala e o momento em que ouve as suas palavras na fala do entrevistador. Devolver ao entrevistado a fala dita “dar-lhe o direito de ver e, talvez, discordar e modificar suas proposições durante a entrevista” (Szymanski, 2019, p. 196). Além de possibilitar esses momentos reflexivos, essa ação do entrevistador também demonstra a preocupação em estar compreendendo de forma fidedigna e ratifica a responsabilidade ética.

Ambos, entrevistador e entrevistado, são protagonistas nesse processo de construção de dados, “uma entrevista, como interação, é sempre uma intervenção, uma vez que um ser humano nunca é neutro para outro ser humano” (Szymanski, 2019, p. 197). Por algum motivo, o entrevistador pode acreditar que não existe ocultamentos no que foi dito pelo entrevistado. Mas, a entrevista pode representar e suscitar as mais diversas interpretações, o que é possível afetar de forma que impossibilite e/ou afete de forma negativa o entrevistado. Szymanski (2019, p. 198) salienta que o entrevistado “pode interpretar de inúmeras maneiras: uma oportunidade para falar e ser ouvido, uma avaliação, uma honra, uma ameaça, um aborrecimento, uma invasão.”

Destaca-se a importância que o entrevistador esteja atento às reações e falas que possam indicar que o entrevistado não esteja confortável com a entrevista ou com determinado conteúdo. Além disso, é preciso considerar o ambiente, a cultura, a localidade e demais elementos que compõe a realidade daquele indivíduo, para que a entrevista transcorra sem intercorrências.

O que é considerado intervenção, além da influência mútua, é o resultado de um processo de tomada de consciência desencadeado pela atuação do entrevistador, no sentido de explicar sua compreensão do discurso do

entrevistado, de tornar presentes e dar voz às ideias que foram expressas (Szymanski, 2019, p. 199).

É sugerido por Szymanski (2019) que sejam realizados no mínimo dois encontros para a realização da entrevista, que os objetivos da pesquisa estejam claros para os participantes e quais os direcionamentos para a entrevista. Para essa pesquisa, consideramos a utilização de um roteiro questões desencadeadoras e que, a partir da fala do entrevistado surgiram as novas questões. Além disso, Szymanski (2019, p. 202) destaca o que chama de “aquecimento”, “a fase inicial, depois da apresentação formal da pesquisa, poderá ter um pequeno período de aquecimento para uma apresentação mais pessoal e o estabelecimento de um clima mais informal”.

É importante esclarecer o entrevistado sobre os direitos ao anonimato, ao acesso as gravações e as transcrições, como também de fazer perguntas sobre a pesquisa e entrevista a qual se dispôs participar. Cabe ao pesquisador informar sobre a pesquisa, a instituição e programa de ensino que está vinculado.

Tendo em vista o objeto de estudo, as significações atribuídas por uma egressa de psicologia aos desafios vividos na atividade de estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica, as perguntas desencadeadoras devem estar diretamente relacionadas. A pergunta desencadeadora deve ser ampla, para que o participante discorra livremente, “deve ser o ponto de partida para início da fala do participante, focalizando o ponto de partida para o início da fala do participante, focalizando o ponto que se quer estudar” (Szymanski, 2019, p. 203).

É importante que o pesquisador esteja atento às expressões de compreensão e que faça sempre as sínteses do que foi trazido pelo entrevistado. “A finalidade de se oferecer sínteses, de tempos em tempos, é a de apresentar qual o quadro que está se delineando para o entrevistador, isto é, como está acompanhando a fala do entrevistado” (Szymanski, 2019, p. 207). Além disso, devemos utilizar nas sínteses o vocabulário do próprio entrevistado. Demonstrar atenção e interesse no conteúdo trazido pela participante ajuda no estabelecimento de vínculo, como também manter uma postura não julgadora e nem avaliativa.

Por vezes, o entrevistado pode desviar da pergunta e discorrer sobre questões que não estão relacionadas ao objeto de estudo ou seguem em discurso que parecem

confusas para o entrevistador. Szymanski (2019) coloca que, para esses casos, o entrevistador pode fazer uso de questões de esclarecimentos, questões focalizadoras e questões de aprofundamento. Enquanto as duas primeiras têm o objetivo de tornar mais claro e manter o enfoque, as questões de aprofundamento são utilizadas quando a fala parecer superficial e sugerem a necessidade de uma maior investigação.

Após os momentos das entrevistas e compreensão do pesquisador sobre o que foi relatado é feita a devolutiva ao participante, “nesse momento há a possibilidade de se ter conhecimento do impacto da primeira entrevista na compreensão do fenômeno por parte do entrevistado e de obtermos uma consideração mais refletida sobre o mesmo” (Szymanski, 2019, p.212).

4.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES: FORMAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES

Entendendo que o humano se constitui em sociedade, a partir das determinações históricas e sociais da realidade, nossa preocupação em como será possível apreender as significações produzidas se torna um desafio. Concordamos com Soares (2011, p. 104) quando afirma que “sendo as condições materiais de existência do homem que produzem a subjetividade, [...] jamais podemos esquecer, nas nossas análises, que é no conjunto das relações sociais que o homem se constitui como verdadeiramente humano”. Sendo assim, o ser humano é resultado da sua relação com o mundo material e social. É fruto da produção humana e se constitui no movimento dialético e contraditório de múltiplas determinações.

A realidade, vista e analisada a partir do que está aparente, parece óbvia. Mas, as determinações, que não são estáticas, ao mesmo tempo que determinam, são determinadas a partir da ação humana. Considerando isso, e como premissa para essa pesquisa, concordamos com Vigotski (2004, p.150), que “se as coisas fossem diretamente o que parecem, não seria necessária nenhuma pesquisa científica”. O desafio para a pesquisa é nos apropriarmos das significações e para isso se faz necessário “apreender não sua unilateralidade, mas suas relações, qualidades,

contradições, isto é, as mediações sociais e históricas que configuram como unidades dialéticas da fala e do pensamento” (Aguiar, Soares e Machado, 2015, p. 61)

Para possibilitar o processo de análise e interpretação dos dados construídos através da entrevista reflexiva (descrita anteriormente), seguiremos, com o intuito de manter a coerência em relação ao referencial teórico adotado para essa pesquisa, as estratégias procedimentais dos núcleos de significação (Aguiar, Aranha e Soares, 2021). Os núcleos de significação são concebidos para “instrumentalizar o pesquisador no processo de apreensão de sentidos e significados constituídos pelo sujeito frente à realidade” (Aguiar e Ozella, 2015, p.58).

Entendemos a importância de adotarmos uma abordagem qualitativa e “um procedimento metodológico que possibilite [...] apreender esse processo para além do empírico e que, assim, permita-lhe passar da aparência das palavras (significados) para sua dimensão concreta (sentidos)” (Aguiar, Soares e Machado, 2015, p.61).

É o método que possibilita o pesquisador se aproximar do concreto, enxergar o objeto estudado e, “a compreensão deste só ocorre quando se aproxima das determinações sociais e históricas desse objeto” (Aguiar, Soares e Machado, 2015, p.58). O objetivo com esse processo de análise e interpretação, consiste “fundamentalmente em instrumentalizar o pesquisador, com base nos fundamentos epistemológicos da perspectiva Sócio-histórica, para o processo de apreensão das significações constituídas pelo sujeito frente à realidade com a qual se relaciona” (Aguiar, Soares e Machado, 2015, p.59).

As seguintes etapas foram realizadas para a análise e interpretação dos dados:

- (1) Leituras flutuantes e recorrentes do material transcrito, que consiste em leituras e releituras da entrevista transcrita. O objetivo dessa etapa é o aprofundamento do conhecimento da realidade da participante da pesquisa;
- (2) Identificação das palavras com significado, que são os pré-indicadores, o pesquisador busca por momentos mais emotivos da entrevista, repetições, trechos que foram enfatizados e reiterados pelo entrevistado. São sucessivas tentativas de aproximação das zonas de sentido. “Assim, nosso corpus de análise, ou nosso empírico, são as falas dos sujeitos, sendo que nosso recorte, ou mais precisamente a unidade de análise utilizada, é a palavra compreendida como significação (sentidos e significados)” (Aguiar, Soares e Aranha, 2021, p.06). São

palavras que indicam a possibilidade de algo além do seu significado, por isso, “indicadores”; (3) agrupamento dos pré-indicadores em indicadores, com a junção de todos os indicadores, surgindo assim, a possibilidade de “um conjunto com outro potencial explicativo” e; (4) articulações dos indicadores, etapa de constituição dos núcleos de significação. Aqui “já corresponde a uma abstração maior, pois é um momento em que os indicadores e seus conteúdos (pré-indicadores) se articulam dialeticamente com vistas à exposição de uma nova síntese.” (Aguiar, Soares e Aranha, 2021, p.06.) Por fim, (5) a análise internúcleos, que consiste na construção a partir da articulação de todos os núcleos produzidos até então na pesquisa.

Com isso, acreditamos conseguir o que foi proposto para essa pesquisa e, após concluirmos as etapas descritas acima, uma aproximação as zonas de sentido da participante da pesquisa.

4.4 CAMPO DE PESQUISA

O campo de pesquisa está localizado na cidade de Mossoró e constitui-se de um contingente de egressos dos cursos de psicologia das instituições de educação superior da cidade de Mossoró, onde o curso teve a sua primeira turma no ano de 2014, ofertada pela Universidade Potiguar (UnP).

Nos anos subsequentes outras instituições de ensino superior, todas da iniciativa privada, passaram a ofertar também a graduação em psicologia. Assim sendo, até a data da realização da pesquisa, tínhamos na cidade as seguintes instituições de ensino superior que ofertam o curso: a Universidade Potiguar (UnP), a Centro Universitário Católica do Rio Grande do Norte (UniCatólica do RN), o Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU) e a Faculdade de Enfermagem e Medicina Nova Esperança (FACENE).

Como requisito obrigatório para a manutenção do curso de psicologia, as instituições precisam manter os espaços de clínica escola. Esse ambiente é destinado para que os alunos do curso de psicologia, a partir do penúltimo ano de graduação, iniciem os atendimentos de psicoterapia. Neste lugar o graduando tem a possibilidade de vivenciar a prática clínica e relacionar com conhecimento adquirido ao longo do seu

percurso na academia. É partir dessa prática, com base em um referencial teórico da abordagem psicológica escolhida, que o estagiário realiza os atendimentos. Dessa forma, egressos dessas instituições na cidade de Mossoró, que realizaram o estágio supervisionado na ênfase clínica, compõem nosso campo de pesquisa.

4.5 PARTICIPANTE DA PESQUISA

Para escolha do sujeito que poderia participar da pesquisa, foram estabelecidos os seguintes critérios: 1) ser egresso(a) do curso de psicologia de uma instituição de educação superior da cidade de Mossoró; 2) ter realizado a atividade de estágio supervisionado no período entre 2020 e 2023 na ênfase clínica; 3) estar atuando como psicólogo(a) clínico no período da realização da pesquisa e; 4) aceitar participar voluntariamente da pesquisa.

Estando os critérios estabelecidos, deu-se início a busca a partir do contato com as coordenações das instituições de ensino superior que ofertam a graduação em psicologia. Das quatro instituições, uma não tinha concluído a graduação da sua primeira turma no período estabelecido para essa pesquisa. Em contato com as coordenadoras, foi apresentado e explicado o projeto e os critérios para participação da pesquisa. Com base nisso, foi apresentado e indicado nomes de profissionais, que tinham sido alunos nas respectivas instituições e que atendiam o critério “ter realizado a atividade de estágio supervisionado no período entre 2020 e 2023 na ênfase clínica”. De posse dos nomes indicados, buscou-se os contatos telefônicos e foi feito o convite individualmente, através de mensagens via o aplicativo *Whatsapp*, para cinco profissionais. Dessas, quatro responderam positivamente em relação ao interesse em participar da pesquisa e, de acordo com a disponibilidade de cada uma, as entrevistas foram sendo agendadas. Vale destacar que as entrevistas eram individuais e foram realizadas presencialmente ou de forma remota através da ferramenta *Google Meet*.

Foram realizadas três das quatro entrevistas agendadas, mas optamos por analisar uma em virtude do maior quantitativo de elementos possíveis para apreendermos as significações atribuídas aos desafios vividos na atividade de estágio

supervisionado com ênfase na atuação clínica. Assim, chegou-se a participante da pesquisa, que será apresentada a seguir.

Antes de iniciarmos a entrevista agradeceu-se a disponibilidade e interesse em participar da pesquisa, foi apresentado o projeto e a justificativa da pesquisa. Em seguida foi solicitado que a entrevistada se apresentasse, contasse um sobre a sua história e o interesse pela graduação em psicologia.

A participante da pesquisa é uma jovem, graduou-se em psicologia em 2022, reside em Mossoró, embora não seja natural do estado do Rio Grande do Norte. Servidora pública e a graduação em psicologia é sua segunda graduação. Lembra que o interesse em psicologia surgia ainda na infância, quando acompanhou as dificuldades no manejo com familiares que necessitavam de cuidados relacionados a saúde mental. *“Eu tinha 10 anos mais ou menos... a lembrança que tenho que eu disse: um dia vou estudar para cuidar de alguém, da cabeça de alguém” (Entrevistada, 2024).*

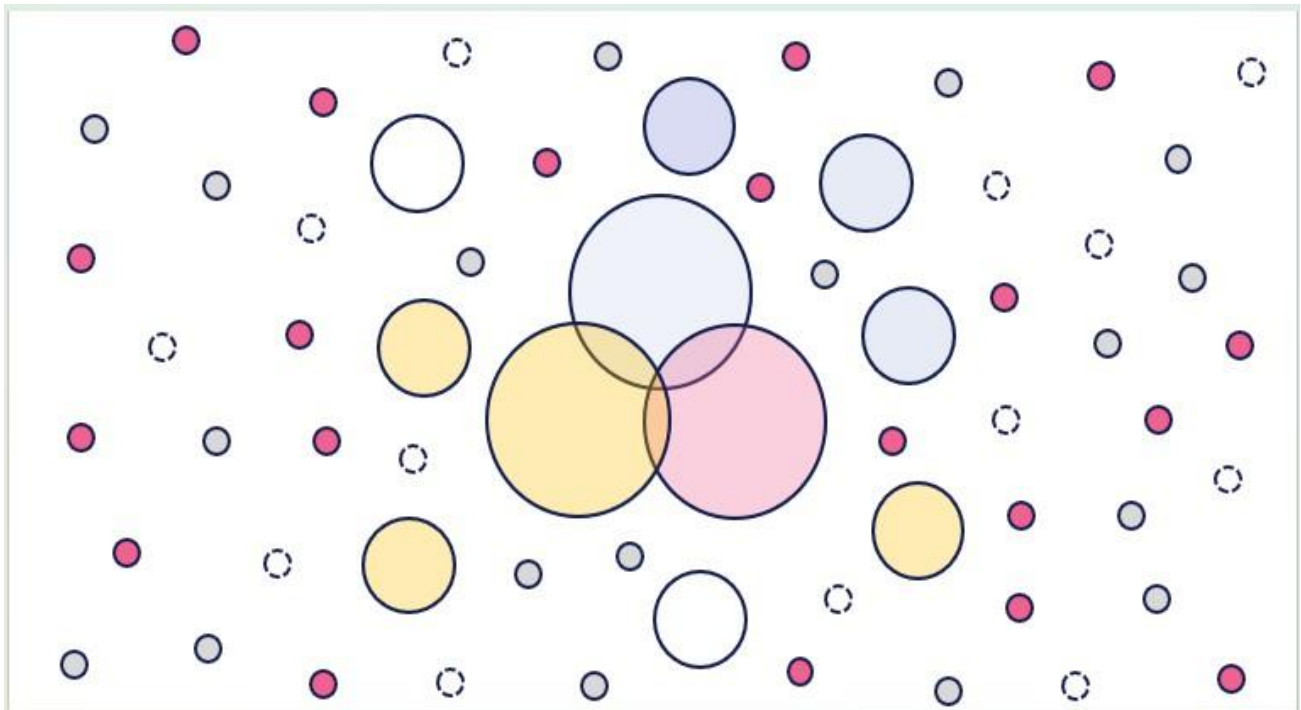
Ainda uma criança, motivada pelo desejo em ajudar os familiares, e sem obter as respostas em relação aos casos dos familiares, ela nutre a ideia e relembra que certa vez pensou: *“única forma de eu entender aquele universo familiar era estudando psicologia”.*

5. FORMAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES

Os Núcleos de Significações representam uma possibilidade em pesquisa qualitativa que permite ao pesquisador uma aproximação das zonas de sentidos dos sujeitos pesquisados, e assim, desvelar as significações constituídas sobre um processo. Nessa seção, o objetivo é apresentar os Pré-indicadores selecionados, os Indicadores sistematizados e os Núcleos de Significação.

Para facilitar a compreensão do percurso metodológico adotado na construção dos Núcleos de Significação, apresenta-se a seguir uma imagem que sistematiza os elementos identificados ao longo da análise. A representação gráfica organiza de forma articulada os cinquenta e um (51) **Pré-indicadores**, os oito **(8) Indicadores** e os três (3) **Núcleos de Significação**, evidenciando a articulação dialética e teórico entre as menores unidades de análise, mais próximas das zonas de sentido. Essa visualização busca expressar, de maneira sintética, o processo de formação dos Núcleos de Significação (Aguiar e Ozella (2006, 2013).

Imagem 01 - A representação gráfica do processo de formação dos Núcleos de Significação:



Fonte: Imagem elaborado pelo autor

A seguir, o Núcleo 1, intitulado de “**Para além dos casos clínicos: Dificuldades, alternativas, desafios do estagiário na realização do estágio supervisionado na clínica escola**”:

Pré-indicadores selecionados	Indicadores sistematizados	Núcleos
<i>Eu me lembro que na primeira sessão [primeiro atendimento no estágio] que tive com minha paciente lá clínica escola eu falei para ela: “olha, eu sou [nome], eu trabalho com a Terapia Cognitivo Comportamental, ela funciona assim, assim, assim”. É uma abordagem dentro da psicologia, que é o modo como eu vou trabalhar e vou conduzir nossas sessões.</i>	INDICADOR 1 O papel da abordagem na construção da estratégia de atuação no estágio	
<i>Eu acho que isso tem que ser explicado para o paciente, até porque... desse tempo que estou na clínica percebo muito que existe um imaginário do paciente do que é um psicólogo e como ele faz a psicologia</i>		
<i>não tem como a gente fugir muito disso [como funciona a psicoterapia] porque a prática clínica vai ser em cima da nossa abordagem.</i>		
<i>Já tive paciente que na primeira sessão disse assim: cadê o divã? Eu preciso explicar isso para ele, até para que ele compreenda como é que vai seguir o tratamento dele. Então não tem como fugir da psicologia e você não explicar sua forma de trabalhar.</i>		
<i>eu acho que [o início do estágio] foi confuso por isso, eu acho que se a gente tivesse [professores da abordagem pretendida] desde lá do 5º período quando viu a abordagem [TCC] se a gente tivesse professores que</i>		

<i>dessem as outras disciplinas dentro da abordagem que a gente escolheu seria mais fácil</i>		
<i>Então quando eu chego no estágio, eu explico isso [como funciona a psicoterapia a partir da abordagem [TCC] para o paciente, é uma preocupação que já foi minha lá atrás de fazer sentido para ele</i>		
<i>eu me recordo que na época do estágio foi bem turbulento, primeiro porque tinha aquela história da clínica que não estava pronta, a gente começou a atender na CPA (). E aí, é mesmo na época em que a gente escolhe a ênfase do curso, tinha a parte social, escolar e tinha a clínica... e calhou também começou o estágio depois veio a pandemia né, então assim, é...</i>		
<i>foi difícil [início do estágio] porque muitas coisas eu já não lembrava da TCC porque como a gente tinha muitos textos das outras matérias e... todos eles tinham um viés mais psicanalítico, então, a gente teve, eu tive que fazer o resgate de muita coisa que eu não lembrava mais, tanto é que, quando começa o estágio que [os professores supervisores] chamam a gente para ler aquele livro de [Judith] Beck novamente, pra mim aquilo ali foi ótimo, porque deu pra reativar um monte de coisa que eu já não lembrava mais assim, sabe?</i>		NÚCLEO 1: Para além dos casos clínicos: Dificuldades, alternativas, desafios do estagiário na realização do estágio supervisionado na clínica escola

<i>Eu acho que um ponto do estágio que considero negativo é a sobrecarga em cima do professor que ficava como supervisor (orientador), porque veja bem, se você com 10, 20 alunos como você vai dar conta? Por mais que você queira, que você se esforce... então, é muita gente para você dar suporte</i>	INDICADOR 2: Desafios vivenciados na realização do estágio	
<i>Eu acho que pontos negativos a limitação de sala era um ponto que impedia muito a gente de pegar mais pacientes. O fato de ser só um supervisor como tinha falado, eu acho que o tempo do estágio também é um ponto negativo</i>		
<i>E acho que quanto ao tempo de supervisão também é pouco nos estágios, porque são muitas dúvidas e a gente tempo tipo, 50 minutos cada aluno com o professor, 30 minutos com o professor para fazer uma supervisão. Então eu acho pouco tempo isso, e acho que se fossem dois supervisores ao invés de um seria melhor. Porque a gente teria uma troca de informação de dois profissionais que atuam na área. Eu acho que isso ajudaria mais</i>		
<i>Acho que, o que ficou marcado para mim no estágio também, era o cansaço, sabe? o cansaço que a gente tinha enquanto aluno, porque como a gente tinha um número muito grande de horas a cumprir e como a gente, muitos trabalhavam, pelo menos a maioria trabalhava, era muito exaustivo.</i>		

<i>Acaba que isso [conciliar trabalho e graduação] também limitava numa perspectiva que a gente não podia se dedicar 100% para aquilo, mas muitas vezes a gente era obrigado a estar ali para cumprir uma carga horária.</i>		
<i>Então eu acho que o cansaço ficou muito marcado. Eu me lembro que já no final [do semestre] já estava dizendo assim: “eu só quero que acabe, porque estou muito cansada”. E não era cansada de atender, era cansada mesmo da correria de você está naquele movimento de escutar, transcrever, depois fazer supervisão e ler, e estudar, e você...não é só isso que a pessoa faz na vida, tem outras questões, então acaba que você vai ficando sobrecarregada. Eu me lembro muito disso, do cansaço que era algo inerente não só a mim, mas vários colegas relataram a mesma coisa da exaustão.</i>		
<i>eu acho que o estágio é algo extremamente valioso e importante dentro da formação do psicólogo, acho que deveria ter mais tempo, acho que deveríamos ter mais supervisores, acho que não deveria ser algo só para os dois últimos períodos de curso. Não sei como daria se de forma mais constante, mas... eu acho pouco tempo, a verdade é essa</i>		

<i>[mas] eu acho que [a estágio] foi uma oportunidade única, hoje, se eu não tivesse feito eu teria me arrependido, porque onde é que eu ia arrumar a oportunidade de estar atuando na área tendo o suporte que o estágio proporciona, com a questão da supervisão, da troca mesmo com os colegas, né? de você ter indicações de leituras? Então assim, se eu não tivesse feito, eu teria me arrependido, porque foi uma experiência muito boa</i>	INDICADOR 3: Estágio supervisionado, um elo para a atuação profissional	
<i>E no final do estágio eu me lembro que muitos colegas já captavam pacientes para a clínica, para quando comessem a atuar... eu não consegui fazer essa captação de pacientes, mas eu acho que era um ponto também que dentro da perspectiva do estágio na clínica deveria ser pensado, sabe?</i>		
<i>Porque o aluno sai muito cru [da graduação] então assim, como você vai captar paciente? a gente estudou para ser psicólogo, a gente não estudou para ser vendedor. Então, a clínica não dava muito esse olhar assim: “olha, existe essa possibilidade de você captar esse paciente de tal forma” e isso eu sentir falta não só na minha formação, mas também na hora do estágio, não consegui fazer esse movimento. Pegar aqueles pacientes da clínica escola e transferir para a minha clínica quando terminei</i>		

Dando continuidade, segue o **Núcleo 2**, que recebe o título de “**Aspectos profissionais e pessoais indissociáveis: Medos e impedimentos subjetivos na atuação clínica**”:

Pré-indicadores selecionados	Indicadores sistematizados	Núcleos
<i>Lembro [do início do estágio]. Eu estava com muito medo! Muito, muito medo, porque vinham demandas que eu dizia assim: “Meu Deus, se eu pegar determinada demanda eu não vou querer, eu não vou saber o que fazer, eu não vou saber como lidar... Então assim, pra mim foi muito difícil...</i> <i>por coincidência minha primeira paciente na clínica era uma idosa [semelhante à minha sogra], que também estava com problema de depressão, ansiedade, alguma coisa assim... e aí eu me lembro que fiquei muito receosa, assim de ter certeza se eu ia pegar ou não.</i> <i>eu acho que meu receio era pegar demandas que atravessavam a minha história de vida</i> <i>(29:00) Eu me lembro disso [após o primeiro atendimento], foi péssimo. Eu disse assim: Meu Deus, eu não sei fazer isso... (bebe água) foi muito ruim, muito ruim mesmo.</i> <i>Eu sempre me questiono: “será que o [caso clínico/paciente] que vem eu vou saber conduzir? e se eu não souber?”. “Será que eu tenho onde procurar? o que vou fazer? eu sempre tenho esse movimento de não me acomodar, pelo menos eu tenho esse entendimento assim, que nunca sei o suficiente e que... o medo é como se fosse uma mola propulsora que ajuda nesse movimento de buscar mais conhecimento e se tornar um profissional melhor... Não vejo o medo como uma coisa ruim nesse caso</i> <i>Eu tinha muito medo do estágio, não vou mentir, tanto é que o estágio na clínica não era minha primeira opção, a primeira opção era o estágio na escola, mas aí por conta da pandemia eu fui obrigada a escolher a clínica, porque as escolas estavam paradas</i>	INDICADOR 4: Medo de não saber lidar com demandas específicas do estágio	NÚCLEO 2: Aspectos profissionais e pessoais indissociáveis: Medos e impedimentos subjetivos na atuação clínica

<i>Eu pensei várias vezes em não fazer o estágio naquele semestre... por uma questão pessoal assim, na época eu tinha acabado de perder a minha sogra, ela entrou em surto.... ela teve sequela da Covid, ela entrou em surto paranoide e eu tinha muito medo de pegar um idoso com questões desse tipo.</i>	INDICADOR 5: Impedimentos subjetivos constituídos nas relações cotidianas e profissionais	
<i>eu ficava [no início do estágio]: eu não vou saber o que fazer, como eu vivenciei muito as questões dos delírios, das alucinações [da minha sogra e outros familiares], eu tinha muito medo de pegar [um paciente em surto paranoide semelhante ao caso do familiar] ...</i>		
<i>Eu tinha muito medo de pegar pacientes suicidas. então assim...existem esses receios assim... tanto é que via colegas pegando casos bem complicados assim... eu não teria coragem de pegar isso nesse momento, porque eu não me sentiria apto o suficiente, mas aí quando você termina, você se dá conta que nunca vai estar pronto o suficiente...</i>		
<i>quando ela [a paciente] começa a falar e contar a demanda [queixa] dela, eu me lembro que fiquei muito, muito sensibilizada com ela contando a demanda [queixa] dela porque justamente me atravessava por ser uma idosa e por ser uma idosa que está passando por questões de depressão [semelhante a situação vivida com familiar]</i>		
<i>[a primeira paciente no estágio] me chamava atenção por conta do medo também da pandemia na época, e me tocava muito por conta da história do meu familiar.</i>		
<i>eu me lembro que eu não consegui naquele primeiro momento [do estágio] desvencilhar aquilo [semelhança do caso da paciente com a situação vivida com a sogra], e aí eu me senti muito mal, eu me lembro que me senti muito mal assim quando terminou, eu fiquei péssima</i>		
<i>No primeiro atendimento, como disse: “foi péssimo!”. Eu não me via psicóloga, achei que fui muito ruim e...me questionei inúmeras vezes [se conseguiria atuar como psicóloga] ... passei a semana me questionando eu me lembro assim, depois daquele primeiro atendimento.</i>		

Por último, segue o **Núcleo 3**, “O estágio como processo formativo de consciência sobre a atuação profissional”:

Pré-indicadores selecionados	Indicadores sistematizados	Núcleos
<i>Agora eu estou chegando [no estágio] para ser psicóloga. Porque até então eu era só universitária, uma estudante universitária de psicologia... eu não sabia nem se ia conseguir terminar [o curso] ... então assim, a ficha começa a cair quando você começa a ver o paciente chegar, perguntar por você</i> <i>Então eu acho que quando o estágio vai chegando... parece que a realidade que você vai se tornar um profissional da área vai ficando mais...visível, mais palpável.</i> <i>Existe muito medo de errar... o medo de você falar o que não deve.</i> <i>no segundo atendimento já foi melhor e aí eu acho que consegui ganhar mais coragem, mais força que era isso que eu queria, porque eu me lembro que no segundo atendimento ela [a paciente] chegou e disse assim: “você salvou a minha vida” (emocionada) “porque você me ouviu de um jeito tão diferente naquele dia, que eu já sair daqui me sentindo melhor. Eu estava tão nervosa para chegar aqui, mas quando você me ouviu e teve toda a paciência comigo, de me explicar como é que funcionava a psicoterapia eu já sair daqui mais confiante, me sentindo melhor”.</i> <i>E aí quando terminou o atendimento eu disse assim: “olhe, essa mulher não tem ideia de como eu estava péssima, como eu não tinha certeza se ia conseguir atender ela e ela me deu um gás”. Foi aí que disse: “Olhe, eu sei fazer! Só preciso estudar mais”. Então foi isso</i> <i>Quando ela [paciente] começa a verbalizar que ela está se sentindo melhor e aí, à medida que as sessões vão avançando e ela [paciente], de fato, vai vendo o progresso, ela já consegue dormir, ela já consegue se alimentar, ela consegue controlar os pensamentos automáticos (PA), as crises de</i>	INDICADOR 6: O estágio como processo formativo: a constituição do afeto de confiança profissional “a confiança de ser um profissional vai sendo construída gradativamente”	

<i>ansiedade... aí eu percebo que a gente está no caminho certo. Então é nessa hora que eu digo assim: “Eu sei fazer, só preciso estudar mais!”.</i>		
<i>eu acho que como ponto positivo vem a possibilidade de você experimentar mesmo aquilo que você quer, porque eu acho que é naquela hora ali do estágio que você decide se você quer trabalhar com isso ou não.</i>		
<i>Eu tinha muito medo... muito medo, mas hoje eu entendo aquele medo inicial como algo desafiador e algo que me ajudou muito. Então assim, eu senti muito medo... medo de não dar conta, medo de questionar mesmo assim “será que realmente eu quero ser psicóloga? Será que é isso que quero para a minha vida?” Porque a gente passa 5 anos dizendo assim “ah, eu escolhi psicologia por causa disso, disso e disso...”, mas, a coisa só começa a ficar real de fato quando você está lá, no campo de estágio. Porque até então é só teoria, é só teoria que está lá nos livros, nas aulas, nos seminários, nas provas, mas a prática quando chega aí a coisa começa a ficar real.</i>		
<i>Eu acho que a confiança de ser um profissional vai sendo construída gradativamente, dia após dia. O período do estágio é um período de muita insegurança. É um período que você se faz muitos questionamentos, até mesmo se você quer ser um psicólogo clínico. Porque eu via muito colega dizer assim: “Essa clínica foi só para eu ter certeza que não queria clínica”. Então eu acho que essa vivência da clínica ela permite você visualizar, você tem ou não futuro na profissão.</i>		
<i>Tem a expectativa no sentido de você saber assim: será que eu sei o suficiente? Será que eu tenho bagagem suficiente para arcar com isso que estou escolhendo fazer? parece que... é um momento... o estágio pra mim, pelo menos, é o momento assim que a ficha caiu.</i>		
<i>Porque também tem uma questão que passa pela via do pessoal mesmo, de você nunca se sentir apto o suficiente ou então de você se sentir confiante demais. No meu caso, eu acho que eu não me sentia confiante o suficiente.</i>	INDICADOR 7:	NÚCLEO 3: O estágio como processo formativo de consciência sobre a atuação profissional

<i>sempre que eu comprava um livro, que lia um capítulo, que ia para a supervisão, que assistia uma aula, isso me ajudava no meu próximo atendimento, eu me senti mais confiante.</i>	A necessidade da formação continuada: o sentimento de nunca se sentir pronta	
<i>[durante a realização do estágio] voltava [o medo] e vou dizer a você: acho que volta até hoje. Eu acho que um bom profissional tem que ter medo todos os dias, medo de não estar sendo bom o suficiente. Pelo menos eu vejo assim. Eu nunca tive essa sensação de que assim: eu sei tudo e não preciso mais estudar nada. Isso não existe. Principalmente quando é um paciente novo que eu não sei o que me espera naquele novo.</i>		
<i>Então, eu acho que é esse medo de que “será que eu estudei o suficiente? Será que eu aproveitei o que os professores tinham para me fornecer? Será que eu adquirir toda a bagagem necessária?” Então o medo vinha muito disso, de não estar pronta. Mas eu entendo que está tudo certo não estar pronta.</i>		
<i>[Estar pronta] eu não diria assim... eu me tornei psicóloga nesse momento que estou com paciente na frente, não, não é isso, mas eu acho que é quando a coisa parece fica mais real. Pelo menos é essa a visão que tive.</i>		
<i>sentada depois que acabou [o primeiro atendimento] conversando com, acho que era com [nome da Preceptora] e com alguns colegas [de estágio] que estavam na mesa, eu disse: “gente, eu acho que fui muito ruim...acho que eu não sei fazer isso...” começo a me questionar se eu vou dar para essa profissão...</i>	INDICADOR 8:	
<i>aí veio a primeira supervisão, aí eu me lembro que (Supervisor Acadêmico) falou assim: “escute o que ela tem pra dizer”, “deixe ela falar que ela já vai se sentir melhor”, eu acho que falou alguma coisa nesse sentido, disse assim: “se ela veio pra cá, ela tá procurando ajuda, acho que está buscando o que ela não deve encontrar dentro de casa, que é a escuta”, que era algo que ela trazia muito, não tinha com quem falar sobre aquilo que estava angustiando ela.</i>		
<i>[ter] mais pacientes seria bom também para fortalecer essa questão da confiança nesses atendimentos. E acho que, não só um professor para ficar</i>		

<i>como supervisor do aluno, acho que talvez mais para dividir a responsabilidade também. Até para poder ajudar na discussão de casos seria mais interessante mais um supervisor</i>	O estágio como processo formativo: a relação com colegas, professores e preceptores	
<i>A vantagem de poder tirar uma dúvida com um professor [supervisor/orientador durante a realização do estágio], isso também era algo muito bom. Trazia uma segurança quando eu dizia assim: eu não sei o que fazer aqui e o professor dizia assim: “leia isso aqui, vá por isso aqui”. Isso era algo muito positivo, porque aliava teoria e prática, então eu gostava dessa parte. Eu gostava de assistir as supervisões dos outros, porque eu acho que aprendia vendo as dificuldades dos colegas também.</i>		
<i>eu ficava me imaginando [durante a supervisão em grupo] se eu pegasse aquele caso, como eu iria fazer? Então assim, muitas daquelas dúvidas que os colegas traziam eram dúvidas minhas também. Então eu acho que isso me ajudava muito a ter uma compreensão de como funcionava a prática clínica.</i>		

6. PROCESSO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

A pesquisa é feita de muitos desafios, encontros e desencontros. Chegar até a seção da análise e interpretação dos dados requer muito esforço e investimento por parte de todos os envolvidos na pesquisa. Essa pesquisa não diz respeito apenas as significações constituídas pela participante da pesquisa, mas também do processo formativo do pesquisador.

Essa seção é destinada a interpretação das significações constituídas pela participante da pesquisa sobre o período da realização do estágio supervisionado em ênfase clínica. Assim, os seguintes Núcleos de Significação foram constituídos: 1) **Para além dos casos clínicos: Dificuldades, alternativas e desafios do estagiário na realização do estágio supervisionado na clínica escola;** 2) **Aspectos profissionais e pessoais indissociáveis: Medos e impedimentos subjetivos na atuação clínica e;** 3) **O estágio como processo formativo de consciência sobre a atuação profissional.**

A apresentação dos núcleos enumerados, de forma separada, com uma delimitação entre um e outro, não condiz com a maneira como as significações se articulam e se entrelaçam no processo de constituição de significação da participante da pesquisa sobre o período de realização do estágio supervisionado, mas é uma forma mais didática de apresentá-las.

É indispensável destacar que, o uso da entrevista reflexiva como instrumento metodológico para construção e apreensão dos dados foi fundamental para que a participante não só respondesse aos questionamentos, mas que pudesse refletir sobre as questões suscitadas nas perguntas, seja nas questões desencadeadoras, de esclarecimentos, de focalização ou questões de aprofundamento.

As perguntas de uma situação de entrevista são feitas com o objetivo de provocar a reflexão do sujeito participante. No processo de reflexão - que constitui um princípio pedagógico formativo -, ao ter diante de si a oportunidade de raciocinar e argumentar sobre questões novas, até então, nunca discutidas pelo sujeito colaborador, este desenvolve novas formas de pensar - ou seja, se re-significa e vive o movimento de produção de novos sentidos para a realidade investigada (Rebouças; Soares, 2015, p. 1463)

Deste modo, a análise e interpretações apresentadas nesta pesquisa revelam um processo significação da participante da pesquisa. O caráter reflexivo das entrevistas possibilita e estimula um movimento de transformação, no qual novas compreensões emergem. Assim, esta seção não apenas traduz as significações apreendidas, mas evidencia a potência formativa da pesquisa.

NÚCLEO 1 - PARA ALÉM DOS CASOS CLÍNICOS: DIFICULDADES, ALTERNATIVAS E DESAFIOS DA ESTAGIÁRIA NA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA CLÍNICA ESCOLA

No processo de leitura e releitura das entrevistas é possível avançar no sentido do desvelamento das significações, mesmo que essas não venham de forma linear e organizada. Durante a entrevista acontece um processo de sucessivas tentativas de aproximação do sujeito concreto e, durante a sistematização dos indicadores é possível a constituição do núcleo. Como nos lembra Aguiar, Machado e Soares (p. 9, 2021) “a constituição do núcleo de significação já corresponde a uma abstração superior”, momento em que pré-indicadores e indicadores “são articulados dialeticamente com vistas à exposição de uma nova síntese.”

A designação desse primeiro núcleo, **“Para além dos casos clínicos: dificuldades, alternativas e desafios do estagiário na realização do estágio supervisionado na clínica escola”**, condensa indícios de pensamentos contidos nas falas – da participante da pesquisa – que foram possíveis apreender e direcionaram para a definição do título. Esse primeiro núcleo é composto por três indicadores: I) **“O papel da abordagem na construção da estratégia de atuação no estágio”**, II) **“Desafios vivenciados na realização do estágio”** e, III) **“Estágio supervisionado, um elo para a atuação profissional”**.

No indicador I, intitulado como **“o papel da abordagem na construção da estratégia de atuação no estágio”**, a articulação dos conteúdos revela a importância em ter uma corrente teórica que sustente a sua atuação. Nesse indicador, denota o quanto a abordagem é determinante na forma como a estagiária inicia sua atuação na clínica e conseqüentemente o processo terapêutico com os pacientes. Aqui, se faz necessário uma breve explanação sobre o que vem a ser “abordagens” em psicologia e

qual a abordagem escolhida pela participante da pesquisa como base teórica para sua prática.

Abordagens são correntes teóricas que têm perspectivas distintas no que diz respeito a entender o indivíduo e como ele se relaciona com o mundo. No início do século 20, é possível destacar três grandes e importantes tendências teóricas em Psicologia: Psicanálise, *Gestalt* e *Behaviorismo*. Vale ressaltar que, essas são as correntes predominantes nas instituições na cidade de Mossoró, onde a pesquisa foi realizada. A partir de cada uma dessas correntes surgiram inúmeras abordagens, que se diferenciam na forma como conduzem os casos clínicos.

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), que é a escolhida pela participante da entrevista para fundamentar a sua prática, é uma abordagem que tem suas raízes no *Behaviorismo*. Mas não no Behaviorismo Radical que tem como principal expoente Skinner, mas no Behaviorismo Cognitivista de Bandura, Hawton e Beck, muito embora significativas alterações e evoluções tenham acontecido ao longo dos anos até se chegar na prática clínica dos dias atuais.

A TCC surge em meados de 1960, a partir dos estudos de Aaron Beck e Albert Ellis e serve como norteadora na condução de casos clínicos da egressa de psicologia durante a realização do estágio supervisionado. Um dos princípios da TCC é ser uma abordagem educativa. Beck (2021, p.48) afirma que “um objetivo importante do tratamento é tornar o processo da terapia compreensível”. Tornar o processo compreensivo parece ser uma preocupação pessoal e que certa forma determina a escolha da abordagem, como podemos perceber no trecho a seguir:

Então quando eu chego no estágio, eu explico isso [como funciona a psicoterapia a partir da abordagem TCC] para o paciente, é uma preocupação que já foi minha lá atrás [quando foi paciente em psicoterapia] de fazer sentido para ele (Entrevista, 2024)

Vale destacar, recorrendo a categoria mediação, que essa relação – estagiária e referencial teórico - não pode ser vista de maneira dicotômica e imediata, “mas como elementos que, apesar de diferentes, se constituem mutuamente, possibilitando a existência do outro numa relação de mediação.” (Aguilar e Ozella, 2013, p.302). Assim, podemos ver no trecho a seguir, essa relação entre estagiária e referencial teórico:

*Lembro que na primeira sessão [primeiro atendimento no estágio] que tive com minha paciente lá clínica escola eu falei para ela: **“olha, eu sou [nome da egressa], eu trabalho com a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), ela funciona assim, assim, assim”.** É uma abordagem dentro da psicologia, que é o modo como eu vou trabalhar e vou conduzir nossas sessões (Entrevista, 2024)*

A abordagem é colocada desde o primeiro momento em que a estagiária tem contato com a paciente, na apresentação, logo após dizer o seu nome já explica como funciona, que é uma perspectiva dentro da Psicologia e como deve seguir o processo terapêutico a partir daquele atendimento, conforme podemos identificar no seguinte trecho de sua fala: **“olha, eu sou [nome da egressa], eu trabalho com a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC)”**. A participante da entrevista julga importante destacar desde o início a abordagem escolhida, para ela, o paciente precisa saber para que o processo terapêutico ocorra da melhor maneira possível.

A relação existente entre o sujeito e a teoria é melhor compreendida através da categoria mediação, pois, como afirmam Aguiar e Ozella (p.302, 2013) esta “não tem, portanto, a função de apenas ligar a singularidade e a universalidade, mas de ser o centro organizador objetivo dessa relação.” A utilização da categoria mediação possibilita “a utilização, a intervenção de um elemento/processo em uma relação que antes era vista como direta, permitindo-nos pensar em objetos/processos ausentes até então”.

Assim, ao passo que a corrente teórica permite a explicação para a paciente de como funciona a terapia, a estagiária também se sente respaldada em saber o que dizer e fazer no primeiro momento do atendimento, além disso, já traz uma perspectiva futura de como será a condução do caso: **“É uma abordagem dentro da psicologia, que é o modo como eu vou trabalhar e vou conduzir nossas sessões”**.

Outro ponto a ser destacado é que a participante da pesquisa, que já foi paciente anteriormente, vivenciou e sabe a importância de entender como se dá o processo terapêutico. Esse fato reforça a importância de uma apresentação e explicação detalhada logo no início do processo. Além disso, ressalta o caráter colaborativo das sessões, evidenciando a relevância de explicar como se dá o acompanhamento em psicologia clínica.

Já tive paciente que na primeira sessão disse assim: cadê o divã? Eu preciso explicar isso para ele, até para que ele compreenda como é que vai seguir o tratamento dele. Então não tem como fugir da psicologia e você não explicar sua forma de trabalhar (Entrevista, 2024)

A abordagem tem papel fundamental durante a realização do estágio supervisionado e, é a partir do referencial teórico que o estagiário entende os limites da sua atuação, o que é ou não é possível durante o atendimento. Segundo a entrevistada, os usuários do serviço, na maioria das vezes, não têm conhecimento de como acontece o processo e nem que a atuação vai depender da abordagem e ela destaca: **“Eu preciso explicar isso para ele, até para que ele compreenda como é que vai seguir o tratamento dele”**. Por esse motivo acredita ser importante explicar o que é a psicologia, como funciona a psicoterapia e a abordagem que irá nortear o processo, pois, para ela, existe um imaginário a partir do senso comum sobre a prática da psicologia clínica, como por exemplo: **“Tive paciente que na primeira sessão disse assim: cadê o divã?”**. Esse desconhecimento de como funciona a psicoterapia e as particularidades de cada abordagem ficam evidentes no trecho a seguir:

Eu acho que isso tem que ser explicado para o paciente, até porque... desse tempo que estou na clínica percebo muito que existe um imaginário do paciente do que é um psicólogo e como ele faz a psicologia (Entrevista, 2024)

Assim, a abordagem tem papel determinante na atuação da estagiária, de tal maneira que, o referencial teórico possibilita esse “modo de ser” do estagiário durante a realização do estágio. A abordagem orienta, respalda e define limites da atuação, além de proporcionar que a estagiária reflita sobre a sua prática. “Apreendemos o que é a atividade para o sujeito e assim algumas zonas de sentidos da atividade, claro que atravessadas pelos significados, mas, no caso, revelando uma forma singular de vivê-las e articulá-las.” (Aguiar e Ozella, 2013, p.307).

Seguindo os princípios da abordagem, no seu caráter colaborativo, a estagiária parece sentir-se segura, assim como a paciente, de como irá proceder esse processo

que é novo, tanto para ela, quando para a paciente. “A possibilidade de realizar uma atividade que vá na direção da satisfação das necessidades, com certeza modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividade.” (Aguiar e Ozella, 2013, p.306).

Nessa relação com os inúmeros elementos que compõem a realidade do graduando na realização do estágio que o humano se constitui, e “pela compreensão de como a singularidade se constrói na universalidade e ao mesmo tempo e do mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação” (Oliveira, 2001, p. 1).

Já no segundo indicador, denominado “**Desafios vivenciados na realização do estágio**”, destacam-se vários momentos de adversidades durante a realização do estágio supervisionado. Nesse caso em específico, a entrevistada fala de desafios objetivos relacionados a estrutura física no espaço destinado aos atendimentos, ter que escolher a ênfase de atuação e, em meio a tudo isso, ainda tinha as restrições impostas em decorrência da Pandemia da Covid-19.

Em relação a ênfase do curso, o estudante de psicologia, ao chegar dos últimos semestres da graduação, precisam definir a área de atuação. Nem todo aluno de psicologia tem contato com a prática clínica. As instituições de ensino, normalmente, ofertam as seguintes opções: ênfase clínica, que está relacionado a atuação nos contextos clínicos e; a ênfase organizacional/institucional, que a atuação é voltada para os ambientes organizacionais e instituições de um modo geral, como por exemplo: escolas, empresas, hospitais, equipamentos da saúde e assistência social.

*Eu me recordo que na época do estágio foi bem turbulento, primeiro porque tinha aquela história da clínica que não estava pronta, **a gente começou a atender nas salas de orientação [salas adaptadas para realizar os atendimentos]**. E aí, é mesmo na época em que a gente escolhe a ênfase do curso, tinha a parte social, escolar e tinha a clínica... e calhou que, começou o estágio e **depois veio a pandemia**, então assim, é... (Entrevista, 2024)*

Ao relatar o período inicial do estágio, percebe-se que, para além da insegurança na atuação propriamente dita enquanto psicoterapeuta, os estagiários ainda enfrentaram outros desafios: “**a gente começou a atender nas salas de orientação [salas**

adaptadas para realizar os atendimentos]. [...] é mesmo na época em que a gente escolhe a ênfase do curso [...] depois veio a pandemia...". São vários os elementos que compõem a realidade naquele momento, sejam os espaços físicos adequados que ainda não estão prontos para a atuação, seja fazer a escolha da ênfase que determinará a sua atuação durante o estágio e provavelmente enquanto profissional, além das restrições do período pandêmico. Em meio a todos esses elementos, a experiência do estágio para os alunos que estão na mesma ênfase é a mesma, mas as vivências são únicas. Como afirma Vigotski (p.769, 2010) “as vivências são unidades da relação entre a personalidade/consciência e o meio”.

Outro desafio relatado pela entrevistada era a dificuldade com a limitação dos espaços para atendimentos em relação ao volume de procura pelo serviço. Normalmente, por se tratar de atendimentos gratuitos e oferecidos para a população em geral, inclusive de cidades vizinhas, é comum existir procura superior às vagas disponibilizadas pelos serviços das clínicas escolas. Além disso, como muitos estagiários optam pela ênfase clínica, o número de salas se torna limitado em relação ao quantitativo de estagiários e, conseqüentemente, aumento o número de alunos para os supervisores.

No período que a participante da pesquisa realizou o estágio, houve a impossibilidade de alguns campos externos por conta das restrições em virtude do período pandêmico, e muitos tiveram que realizar o estágio na clínica escola, o que resultou em limitações em relação aos atendimentos:

Eu acho que pontos negativos a limitação de sala era um ponto que impedia muito a gente de pegar mais pacientes. O fato de ser só um supervisor, eu acho que o tempo do estágio também é um ponto negativo (Entrevista, 2024)

E acho que quanto ao tempo de supervisão também é pouco nos estágios, porque são muitas dúvidas e a gente tem tipo, 50 minutos cada aluno com o professor, 30 minutos com o professor para fazer uma supervisão. Então eu acho pouco tempo isso, e acho que se fossem dois supervisores ao invés de um seria melhor. Porque a gente teria uma troca de informação de dois profissionais que atuam na área. Eu acho que isso ajudaria mais (Entrevista, 2024)

Concordamos com Vigotski (p. 786, 2010), quando afirma que “a vivência sintetiza a dialética das particularidades que são, ao mesmo tempo, do meio e da pessoa.” E a estagiária identificava alguns pontos que, para ela, interferiam negativamente no processo formativo: **“Eu acho que pontos negativos a limitação de sala era um ponto que impedia muito a gente de pegar mais pacientes.”** Além disso, resgatamos o conceito de Vigotski (1934/2001, 1984/2007) sobre Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que é pela mediação do outro, mais desenvolvido, que pressupõe a aprendizagem, para destacar o trecho **“O fato de ser só um supervisor, eu acho que o tempo do estágio também é um ponto negativo”**, indicando que seria necessário mais tempo com alguém mais experiente, nesse caso, o supervisor.

A participante da pesquisa retoma essa necessidade **“quanto ao tempo de supervisão também é pouco nos estágios, porque são muitas dúvidas e a gente tem tipo, 50 minutos cada aluno com o professor, 30 minutos com o professor para fazer uma supervisão.”** Ter mais pacientes implicaria em mais possibilidades de aprender e, aliado a isso, deveria ter também mais tempo com o supervisor. Aqui, recorremos a Soares, Araújo e Pinto (p. 78, 2020) que afirmam que ambientes de aprendizagem são “marcadas por relações colaborativas, em que se compartilham dúvidas, angústias, desejos, conhecimentos e tantas outras questões, objetivas e subjetivas, constitutivas do processo de ensino e aprendizagem”

O tempo de cada aluno com o supervisor é algo importante, dada as várias dúvidas que surgem a cada novo atendimento. Como as supervisões são realizadas em grupos de até dez alunos, segundo o previsto no Caderno de recomendações para realização dos estágios do Conselho Federal de Psicologia (2013), muitas das dúvidas eram esclarecidas a partir das dúvidas de colegas. Em contrapartida, em situações que o estagiário não se sentia confortável, por algum motivo, em trazer a dúvida no grupo, ele solicita uma supervisão individual. Muitas das vezes, isso acontece quando uma questão pessoal do aluno interfere na condução do caso clínico.

Em relação a ter mais de um supervisor, parece ser inviável, pois seriam orientações diferentes, pontos de vista diferentes para o mesmo caso. Isso poderia, de certa forma, gerar mais dúvidas em um período que já é de insegurança e incerteza.

Talvez, a diminuição de alunos por supervisor pudesse ser uma alternativa, como podemos ver no trecho a seguir:

Eu acho que um ponto do estágio que considero negativo é a sobrecarga em cima do professor que ficava como supervisor (orientador), porque veja bem, se você com 10, 20 alunos como você vai dar conta? Por mais que você queira, que você se esforce... então, é muita gente para você dar suporte (Entrevista, 2024)

A redução da sobrecarga de trabalho do professor supervisor poderia incidir no tempo para que os estagiários pudessem, segundo ela, de forma satisfatória, tirar todas as dúvidas referentes aos casos que atendiam. Entende que a maneira de superar essa dificuldade seria colocar mais um supervisor, pois, implicaria em mais tempo com uma quantidade reduzida de alunos por professor e ainda teriam mais profissionais que pudessem contribuir.

Além das dúvidas relacionadas a cada caso atendido, outro desafio que existia no estágio era a necessidade de rever os fundamentos teóricos para os atendimentos. Como a disciplina sobre a abordagem escolhida (TCC) foi vista bem antes do início do estágio supervisionado, era necessária uma reaproximação dos conceitos.

Dessa forma, sua fala deixa claro que teoria e prática devem ser indissociáveis no processo de constituição do terapeuta, por mais que, no modelo atual de ensino na graduação haja essa separação de um período teórico que “prepara” o aluno para a prática. Na realização no estágio, teoria e prática deveriam estar, de forma bem mais perceptível para o aluno, juntas.

Foi difícil [início do estágio] porque muitas coisas eu já não lembrava da TCC porque como a gente tinha muitos textos das outras matérias e todos eles tinham um viés mais psicanalítico, então, a gente teve, eu tive que fazer o resgate de muita coisa que eu não lembrava mais, tanto é que, quando começa o estágio que os professores [supervisores em TCC] chamam a gente para ler aquele livro de [Judith] Beck novamente, pra mim aquilo ali foi ótimo, porque deu pra reativar um monte de coisa que eu já não lembrava mais assim, sabe?” (Entrevista, 2024)

O período da realização do estágio é envolto de expectativas, dúvidas e incertezas por se tratar de algo muito aguardado e novo para a estagiária. Por esse motivo, a realização do estágio supervisionado parece representar um período mais intenso, cansativo, exaustivo para o estagiário:

*Acho que, o que ficou marcado para mim no estágio também, era o cansaço, sabe? O cansaço que a gente tinha enquanto aluno, porque como a gente tinha um número muito grande de horas a cumprir e como a gente, muitos trabalhavam, pelo menos a maioria trabalhava, era muito exaustivo [...] Eu me lembro que já no final [do semestre] já estava dizendo assim: “eu só quero que acabe, porque estou muito cansada”. E não era cansada de atender, era cansada mesmo da correria de você estar naquele movimento de escutar, transcrever, depois fazer supervisão e ler, e estudar, e você...**não é só isso que a pessoa faz na vida, tem outras questões, então acaba que você vai ficando sobrecarregada.** Eu me lembro muito disso, do cansaço que era algo inerente não só a mim, mas vários colegas relataram a mesma coisa da exaustão. (Entrevista, 2024)*

Nesse último trecho, além desse sentimento de esgotamento em relação as atividades acadêmicas, percebe-se que a realidade do estudante não é apenas estudar: **“não é só isso que a pessoa faz na vida, tem outras questões, então acaba que você vai ficando sobrecarregada”**, indica que existem outros afazeres para além da universidade. Vigotski (p. 770, 1996) parte do pressuposto de que o processo de tomada de consciência tem início mediante a relação dialética entre indivíduo e meio, tendo como mediador fundamental as vivências.

Muitas vezes, como era o caso da pesquisa, o aluno concilia estudo e trabalho. As atividades inerentes ao estágio não existiam no semestre anterior, quando o aluno tem apenas as aulas teóricas. Agora, durante a realização do estágio supervisionado, além das aulas, os alunos precisam participar de supervisões, em grupo e individuais, estudar para cada caso atendido, ficar de plantão na clínica escola, preencher prontuários.

Já no terceiro indicador, denominado **“Estágio supervisionado, um elo para a atuação profissional”**, os trechos da fala da participante da pesquisa revelam a importância e o quanto o estágio supervisionado é determinante no processo formativo do psicólogo.

*Que acho que [o estágio] foi uma **oportunidade única, hoje, se eu não tivesse feito eu teria me arrependido**, porque onde é que eu ia arrumar a oportunidade de estar atuando na área tendo o suporte que o estágio proporciona, com a questão da supervisão, da troca mesmo com os colegas, de você ter indicações de leituras? Então assim, se eu não tivesse feito, eu teria me arrependido, porque foi uma experiência muito boa. (Entrevista, 2024)*

Esse recorte da fala permite perceber que o estágio reflete período rico e importante, além de ser uma **“oportunidade única”** no processo de formação do psicólogo com atuação clínica. Vale destacar o quão valioso é o momento da escolha da ênfase para o graduando em psicologia. **“Hoje, se eu não tivesse feito, teria me arrependido”**. Nem todo graduando de psicologia passa pela experiência de atuar na clínica, especificamente na modalidade de psicoterapia. Como afirmam Aguiar e Ozella (2013, p. 301), "constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela a historicidade social, a ideologia, as relações sociais e o modo de produção". A entrevistada poderia ter optado por realizar o estágio com ênfase educacional/escolar, social ou organizacional, o que lhe proporcionaria contato com realidades e práticas distintas da ênfase clínica.

A graduação em psicologia se configura como uma formação “generalista”, dada as diversas possibilidades de atuação do psicólogo, por mais que, muitos associem o graduado em psicologia a prática da psicologia clínica, em consultório, atuando com psicoterapia. Durante o estágio supervisionado específico, aquele que o graduando define a ênfase de atuação e que ocorre nos últimos semestres, existe a possibilidade de atuação muito próxima ao que acontece na realidade de um profissional já graduado, por isso a importância desse período da graduação.

*Eu acho que o estágio é algo extremamente valioso e importante dentro da formação do psicólogo, **acho que deveria ter mais tempo, acho que deveríamos ter mais supervisores, acho que não deveria ser algo só para os dois últimos períodos de curso**. Não sei como daria se de forma mais constante, mas... eu acho pouco tempo, a verdade é essa. (Entrevista, 2024)*

Ainda assim, como podemos realçar no trecho acima, o tempo estabelecido pela instituição de ensino para a formação, não necessariamente condiz com o tempo necessário ou suficiente para a constituição do terapeuta. ***“Acho que deveria ter mais tempo, acho que deveríamos ter mais supervisores, acho que não deveria ser algo só para os dois últimos períodos de curso.”*** Além disso, não existe um tempo preestabelecido para se chegar a um profissional “pronto”, “acabado”. Mais tempo nas atividades inerentes ao estágio supervisionado, como supervisões, aprofundamento teórico, atendimentos, podem ser alternativas fundamentais no processo de constituição do psicólogo com ênfase clínica. Importante destacar que, mesmo que no indicador anterior ela relate cansaço, nesse momento relatar a necessidade de mais tempo.

No trecho a seguir, ela demonstra o quanto é estreito esse elo entre a realização do estágio e a prática profissional. Segundo ela, durante a realização do próprio estágio, alguns colegas já tiveram a possibilidade de obter pacientes para continuarem sendo atendidos após a conclusão da graduação.

E no final do estágio eu me lembro que muitos colegas já captavam pacientes para a clínica, para quando comessem a atuar... eu não consegui fazer essa captação de pacientes, mas eu acho que era um ponto também que dentro da perspectiva do estágio na clínica deveria ser pensado, sabe? (Entrevista, 2024)

Aqui chama atenção para uma situação que cabe reflexão: De acordo com o Código de Ética do profissional da Psicologia, quando, no seu artigo segundo, que se refere a atos que são vedados ao psicólogo, item “I” versa que “Desviar para serviço particular ou de outra instituição, visando benefício próprio, pessoas ou organizações atendidas por instituição com a qual mantenha qualquer tipo de vínculo profissional” (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2005, p. 10).

Estariam os estagiários que realizam essa “transição” de pacientes que iniciam o processo psicoterápico na clínica escola e seguem em atendimento depois que o estagiário se torna profissional, com registro no conselho de classe, cometendo uma infração ética? Ou seria um processo normal, sem infringir no que está descrito no código de ética, que o profissional, aproveitando o vínculo terapêutico estabelecido ainda no

período do estágio e trabalho realizado até então, estaria dando continuidade e fazendo valer o real sentido da psicoterapia?

Para o ato de “desviar para serviço particular”, que é o conteúdo na primeira pergunta, na posição/situação de estagiário/estudante, e por conseguinte, sem registro de classe, seria a instituição e/ou o supervisor os responsáveis por esse ato? São reflexões que surgem e convergem com o intuito inicial dessa pesquisa quando se propõem a refletir sobre o processo formativo desses profissionais, como também sobre as possibilidades e restrições na atuação. Tais indagações reforçam a necessidade de mais pesquisas sobre a temática.

Posto isto, o Núcleo I, denominado **“para além dos casos clínicos: dificuldades, alternativas e desafios do estagiário na realização do estágio supervisionado na clínica escola”**, revela e traz vários indícios contidos na fala da participante da pesquisa sobre o movimento de significação acerca do período de realização do estágio supervisionado. Período de incertezas e hesitações em que o estagiário encontra, no referencial teórico da abordagem escolhida e nos vários momentos de trocas com os colegas, supervisor, preceptores e, até mesmo com os pacientes, as alternativas e maneira para lidar com essa etapa tão importante da formação em psicologia. Período que parece ser curto, mas intenso diante os desafios e estratégias encontradas nesse percurso, potencializado pelo fato que, durante o atendimento propriamente dito, está apenas o estagiário e o paciente.

NÚCLEO 2 - ASPECTOS PROFISSIONAIS E PESSOAIS INDISSOCIÁVEIS: MEDOS E IMPEDIMENTOS SUBJETIVOS NA ATUAÇÃO CLÍNICA

Esse núcleo, que é composto por dois indicadores, a saber: **“Medo de não saber lidar com demandas específicas do estágio”** e **“Impedimentos subjetivos constituídos nas relações cotidianas e profissionais”**, encontramos indícios nas falas da participante da pesquisa que denotam que o sentimento medo prevalece na etapa inicial do estágio supervisionado e, com isso e/ou por isso, vários são os momentos de insegurança.

No indicador intitulado como **“Medo de não saber lidar com demandas específicas do estágio”** destacamos alguns trechos que demonstram o quanto é

desafiador esse processo e como os elementos que compõem a realidade do estagiário incidem e impactam na realização das atividades inerentes do estágio supervisionado.

O medo remete a possibilidade de não conseguir realizar os atendimentos de determinadas demandas, de sentir-se insegura em relação ao seu processo de aprendizagem, desde que sido suficiente para esse momento de início da prática.

*Lembro [do início do estágio]. Eu estava com muito medo! Muito, muito medo, porque vinham demandas que eu dizia assim: “Meu Deus, **se eu pegar determinada demanda eu não vou querer, eu não vou saber o que fazer, eu não vou saber como lidar...** Então assim, pra mim foi muito difícil... (Entrevista, 2024)*

Enquanto iniciantes na atuação clínica, o estagiário imagina as várias possibilidades e as complexidades que, normalmente são apresentadas nas unidades curriculares durante o percurso da graduação. Os desafios e vicissitudes inerentes ao processo terapêutico, teorias, casos clínicos, situações, contextos e manejos diferentes foram apresentados ao longo do curso. Mas ainda assim, o sentimento de insegura prevalece: **“se eu pegar determinada demanda eu não vou querer, eu não vou saber o que fazer, eu não vou saber como lidar”**.

Prestes a iniciar os atendimentos, o medo é um sentimento que predomina para a participante da pesquisa. Medo de não conseguir conduzir o caso clínico, medo de não saber o suficiente para estar na posição de psicoterapeuta. Medos estes que emergem não de um fenômeno natural, mas sim, de um processo sócio-histórico. E, para superar isso, é necessário “ultrapassar a simples descrição dos dados, estabelecer relações que até então não haviam sido feitas, detectar a gênese de alguns fatos e se afastar de explicações naturalizantes.” (Aguair e Ozella, p.319, 2013)

Sentimento que faz questionar se realmente a escolha da ênfase clínica é a melhor diante as possibilidades que a instituição dispõe. Como afirmam Soares, Araújo e Pinto (p. 78, 2020) “a zona de desenvolvimento proximal se constitui num sistema de possibilidade não apenas cognitivo, mas fundamentalmente afetivo.”

Mesmo que no início da entrevista, quando perguntada sobre quando surge o desejo e interesse por psicologia, a participante responde que surgiu ainda na infância, aos 10 anos de idade, e a perspectiva que tinha de psicologia era na atuação clínica. O

sentimento de confiança, diante das adversidades impostas, faz refletir sob seu percurso formativo. Santiago e Soares (p.663, 2024) destacam “é a *aprendizagem, mediada por processos educacionais, que promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, mediante a internalização das significações das vivências no mundo*”.

Eu tinha muito medo do estágio, não vou mentir, tanto é que o estágio na clínica não era minha primeira opção, a primeira opção era o estágio na escola, mas aí por conta da pandemia eu fui obrigada a escolher a clínica, porque as escolas estavam paradas (Entrevista, 2024)

A clínica é um espaço de incertezas, pois o terapeuta não sabe quem é o paciente e nem qual a queixa que virá. Várias são as dúvidas que permeiam o imaginário do estagiário antes que realmente inicie os atendimentos. “***Eu tinha muito medo do estágio, não vou mentir, tanto é que o estágio na clínica não era minha primeira opção.***” Diante de tal situação, lembram de Vigotski (p.771, 2010) quando afirma que “a ação dos sujeitos pode ser de atividade ou de passividade. E o que vai determinar que os sujeitos ajam ativamente ou passivamente? A natureza da relação afetiva.”

Muitas vezes, a queixa ou sofrimento relatado pelo paciente é semelhante a um processo vivenciado pelo terapeuta iniciante, por um familiar ou alguém próximo. Conseguir seguir o processo da melhor maneira, diante das semelhanças, é difícil. No trecho a seguir podemos verificar que, mesmo que improvável, as semelhanças com situações já vivenciadas pelos estagiários podem aparecer no conteúdo da fala do paciente.

Por coincidência minha primeira paciente na clínica era uma idosa [semelhante à minha sogra], que também estava com problema de depressão, ansiedade, alguma coisa assim... e aí eu me lembro que fiquei muito receosa, de ter certeza se eu ia pegar ou não.” (Entrevista, 2024)

Eu acho que meu receio era pegar demandas que atravessavam a minha história de vida (Entrevista, 2024)

Dessa forma, o aspecto pessoal está muito vivo durante o início do estágio e principalmente nos primeiros atendimentos. “***Meu receio era pegar demandas que***

atravessavam a minha história de vida.” Mesmo que siga as orientações dos supervisores e preceptores, que tenha em mente os principais conceitos e pressupostos da sua base teórica, que tenham estudado e revisado os conteúdos vistos ao longo da graduação, o medo pode afetar significativamente a atuação, sobretudo o primeiro atendimento. “A vivência torna-se unidade sistêmica da vida consciente, marcada pela referência ao corpo, às representações e ideias, ou ao mundo externo; com a atividade dominante desta ou daquela função psíquica.” Vigotski (p.771, 2010)

*Eu me lembro disso [após o primeiro atendimento], foi péssimo. Eu disse assim: **Meu Deus, eu não sei fazer isso...** foi muito ruim, muito ruim mesmo (Entrevista, 2024)*

E para a participante da pesquisa, mesmo que em alguns momentos pareçam não ser possível seguir “**Meu Deus, eu não sei fazer isso**”, pela sensação de não ter a realizado o atendimento da forma que deveria, o sentimento medo, não necessariamente é ruim, pelo contrário, indica que é movida por esse sentimento e o que considera importante no processo de atuação clínica.

*Eu sempre me questiono: “será que o [caso clínico/paciente] que vem eu vou saber conduzir? e se eu não souber?”. “Será que eu tenho onde procurar? o que vou fazer? eu sempre tenho esse movimento de não me acomodar, pelo menos eu tenho esse entendimento assim, que nunca sei o suficiente e que... **o medo é como se fosse uma mola propulsora que ajuda nesse movimento** de buscar mais conhecimento e me tornar um profissional melhor... Não vejo o medo como uma coisa ruim nesse caso.” (Entrevista, 2024)*

Como nos lembra Vigotski (p.771, 2010) “os sentidos evidenciam os motivos que impulsionam os sujeitos a agir.” E podemos identificar isso no recorte da fala da participante da pesquisa, quando diz “**o medo é como se fosse uma mola propulsora que ajuda nesse movimento**”. Mesmo sabendo que nem sempre o sentimento de medo irá resultar da mesma forma que foi para a participante da pesquisa.

No indicador, intitulado como “**Impedimentos subjetivos constituídos nas relações cotidianas e profissionais**”, destacamos trechos da entrevista que indicam

como o sujeito é indissociável do social, e que não é possível separar o profissional do pessoal. Enquanto ser único, carrega consigo a herança histórica e as marcas do que foi vivenciado ao longo de seu percurso de vida. Como nos lembra Vigotski (p. 786, 2010) “a vivência sintetiza a dialética das particularidades que são, ao mesmo tempo, do meio e da pessoa.” A seguir o trecho que ressalta esse aspecto indissociável:

*“Eu pensei várias vezes em não fazer o estágio naquele semestre... **por uma questão pessoal** assim, na época eu tinha acabado de perder a minha sogra, ela entrou em surto.... ela teve sequela da Covid, ela entrou em surto paranoide e eu tinha muito medo de pegar um idoso com questões desse tipo”. (Entrevista, 2024)*

Situações vivenciadas antes do início do estágio estavam muito presentes na memória e determinava o sentimento que ocorria naquele momento do percurso acadêmico. Tal sentimento, “**por uma questão pessoal**”, a estagiária pensou em não realizar o estágio naquele momento. “A vivência relaciona o sujeito, em suas características pessoais, ao meio em que se encontra.” Vigotski (p. 762, 2010). A estagiária relembra e tem medo que, durante a realização da sua prática no estágio, as lembranças ocorridas no âmbito familiar impossibilitem a realização dessa etapa no processo formativo.

*Eu ficava [no início do estágio]: **eu não vou saber o que fazer, como eu vivenciei muito as questões dos delírios, das alucinações** [da minha sogra e outros familiares], eu tinha muito medo de pegar [um paciente em surto paranoide semelhante ao caso da minha sogra] (Entrevista, 2024)*

Os medos estavam relacionados ao de, em determinado momento do estágio, a paciente trouxessem conteúdo que se assemelhasse com questões ocorridas com a familiar. Lembrar disso gera receio e o questionamento se conseguiria desempenhar as atividades profissionais. “**Eu não vou saber o que fazer, como eu vivenciei muito as questões dos delírios, das alucinações.**” Sentimentos conflitantes tomam conta em um cenário de incertezas naquele momento para a estagiária.

Quando ela [a paciente] começa a falar e contar a demanda [queixa] dela, eu me recordo que fiquei muito, muito sensibilizada com ela

contando a demanda [queixa] dela porque justamente me atravessava por ser uma idosa e por ser uma idosa que está passando por questões de depressão [semelhante a situação vivida com um familiar]

*Eu tinha muito medo de pegar pacientes suicidas. Então assim... existem esses receios assim... tanto é que via colegas pegando casos bem complicados assim... eu não teria coragem de pegar isso nesse momento, porque eu não me sentiria apto o suficiente, mas aí **quando você termina, você se dá conta que nunca vai estar pronto o suficiente...** (Entrevista, 2024)*

A categoria vivência nos permite entender como o ser humano se relaciona e atua no mundo. Vigotski (p. 771, 2010) destaca que “a relação do homem com o mundo e com os outros é sempre relação afetiva produtora de sentido”. Estando a estagiária em uma atividade que acontece essencialmente no encontro entre duas pessoas, uma a profissional, nesse caso, a graduanda em realização da atividade do estágio supervisionado, e a paciente, que busca no serviço escola o acompanhamento psicológico. Assim, temos dois sujeitos que estão sendo afetados, cada um com suas particularidades, no mesmo momento. “Os sentidos são produzidos em função dos afetos constituídos nas vivências de cada ser humano”. (Vigotski, p.771, 2010).

***Eu me recordo que eu não consegui naquele primeiro momento [do estágio] desvencilhar aquilo** [semelhança do caso da paciente com a situação vivida com o familiar], e aí eu me senti muito mal, eu me lembro que me senti muito mal assim quando terminou, eu fiquei péssima.*

*No primeiro atendimento, como disse: “foi péssimo!”. **Eu não me via psicóloga, achei que fui muito ruim** e...me questionei inúmeras vezes [se conseguiria atuar como psicóloga] ... passei a semana me questionando eu me recordo assim, depois daquele primeiro atendimento (Entrevista, 2024)*

Durante a realização do estágio, a estagiária, após um atendimento em que o conteúdo da fala da paciente remetia ao mesmo contexto já vivenciado no contexto familiar da agora “terapeuta” (mesmo que ainda graduanda, mas desempenhando essa função) não vislumbra conseguir separar o “pessoal” do “profissional”: “**Eu me recordo**

que eu não consegui naquele primeiro momento [do estágio] desvencilhar aquilo [semelhança do caso da paciente com a situação vivida com o familiar]”.

Assim, a estagiária não se reconhece como capaz de desempenhar essa função. E após o atendimento em que as memórias foram suscitadas com o conteúdo do atendimento, conclui ***“Eu não me via psicóloga, achei que fui muito ruim”***.

De acordo com Vigotski (1996), a situação aparta-se da experiência trivial e passa a ser vivência no processo de significação da realidade. E é a partir da vivência é possível compreender como o mundo é subjetivado, no processo de produção de sentidos. “Os sentidos evidenciam os motivos que impulsionam os sujeitos a agir. A ação dos sujeitos pode ser de atividade ou de passividade.” (Vigotski, p.770, 1996).

NÚCLEO 3 - O ESTÁGIO COMO PROCESSO FORMATIVO DE CONSCIÊNCIA SOBRE A ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Esse último núcleo é composto por três indicadores: **“A constituição do afeto de confiança profissional: “a confiança de ser um profissional vai sendo construída gradativamente”**; **“A necessidade da formação continuada: o sentimento de nunca se sentir pronta”** e **“O estágio como processo formativo: a relação com colegas, professores e preceptores”**. São indicadores que auxiliam na compreensão do desenvolvimento da consciência do graduando quanto ao seu processo de constituição profissional no estágio.

No primeiro indicador desse terceiro núcleo, intitulado como **“O estágio como processo formativo: a constituição do afeto de confiança profissional * “a confiança de ser um profissional vai sendo construída gradativamente”**, vários são os trechos da fala (pré-indicadores) que denotam o que poderíamos chamar de “transição” do estado de graduando/estagiário para a condição de profissional. Claro que não existe um marco que delimite, até porque o processo acontece de forma ininterrupta através das significações do indivíduo. Mas durante a entrevista, a participante da pesquisa consegue elencar momentos que são marcantes nesse processo:

Agora eu estou chegando [no estágio] para ser psicóloga. Porque até então eu era só universitária, uma estudante universitária de psicologia... eu não sabia nem se ia conseguir terminar [o curso] ... então assim, a ficha começa a cair quando você começa a ver o paciente chegar, perguntar por você (Entrevista, 2024)

Em dado momento, durante a realização da atividade de estágio, baseado em algumas situações específicas, que o indivíduo se percebe e se reconhece como um ser que desempenha uma atividade inerente a uma categoria profissional, nesse caso, o psicólogo clínico. ***“Agora eu estou chegando [no estágio] para ser psicóloga [...] a ficha começa a cair quando você começa a ver o paciente chegar, perguntar por você”***. Após a realização das atividades inerentes ao estágio, a estagiária, em atividade, passa a significar de forma diferente. Vale destacar Vigotski (p.771, 1996), quando afirma que “a relação do homem com o mundo e com os outros é sempre relação afetiva produtora de sentido. Os sentidos são produzidos em função dos afetos constituídos nas vivências de cada ser humano”. E fica representado na fala da participante da pesquisa no trecho:

Então, eu acho que quando o estágio vai chegando [as atividades estão sendo realizadas] ... parece que a realidade que você vai se tornar um profissional da área vai ficando mais...visível, mais palpável (Entrevista, 2024)

Com isso, o sentido de confiança aumenta, o que dá uma sensação de tranquilidade e empolgação para continuidade da realização das atividades. Os atendimentos, as devolutivas dos pacientes, os comentários e pontuações feitas nas supervisões e orientações vão aparecendo como elementos que dão indícios para que a estagiária perceba que está conseguindo atuar de forma satisfatória. ***“parece que a realidade que você vai se tornar um profissional da área vai ficando mais...visível, mais palpável***. Fazendo uma metáfora, é como se acontecesse um “alinhamento” de elementos, tal qual acontece em um eclipse, que possibilita essa tomada de consciência dos humanos envolvidos nesse processo. Temos, nesse caso, como “astros” desse “eclipse”, a paciente que consegue ter uma percepção e sensação de melhora a partir dos atendimentos, a estagiária que, com base no referencial teórico e as contribuições

dos profissionais que a acompanham, sente-se, pela primeira vez, capaz de realizar tal atividade, sente-se capaz de realizar atividades como psicóloga clínica. Importante destacar que, para a visualização de um eclipse, necessariamente precisa-se de um terceiro ponto, o ponto do observador. E nesse caso, o terceiro elemento que permite a “visualização” do fenômeno é a teoria, o método.

*No segundo atendimento já foi melhor e aí **eu acho que consegui ganhar mais coragem, mais força que era isso que eu queria**, porque eu me lembro que no segundo atendimento ela [a paciente] chegou e disse assim: “você salvou a minha vida. Porque você me ouviu de um jeito tão diferente naquele dia, que eu já sair daqui me sentindo melhor. Eu estava tão nervosa para chegar aqui, mas quando você me ouviu e teve toda a paciência comigo, de me explicar como é que funcionava a psicoterapia eu já sair daqui mais confiante, me sentindo melhor (Entrevista, 2024)*

Mais tranquila e confiante, a estagiária consegue seguir identificando falas [da paciente] e momentos que dão indicativo que o seu processo de início na prática clínica está funcionando, está dando certo, tanto para ela, estagiária, quando para a paciente. **“Eu acho que consegui ganhar mais coragem, mais força que era isso que eu queria”**. Um encontro que acontece no *setting* terapêutico, o alinhamento dos “astros” proporciona momentos que servem como combustível e empolgação para continuar. São momentos que acontecem e são significados (processo de significações) pelo ser humano e compõem, em um processo contínuo, de constituição.

*E aí quando terminou o atendimento eu disse assim: “olhe, essa mulher não tem ideia de como eu estava péssima, como eu não tinha certeza se ia conseguir atender ela e ela me deu um gás”. Foi aí que disse: **“Olhe, eu sei fazer! Só preciso estudar mais”**. Então foi isso. (Entrevista, 2024)*

*Quando ela [paciente] começa a verbalizar que ela está se sentindo melhor e aí, à medida que as sessões vão avançando e ela [paciente], de fato, vai vendo o progresso, ela já consegue dormir, ela já consegue se alimentar, ela consegue controlar os pensamentos automáticos, as crises de ansiedade... **aí eu percebo que a gente está no caminho certo. Então é nessa hora que eu digo assim: “Eu sei fazer, só preciso estudar mais!** (Entrevista, 2024)*

Confiante que o processo está dando certo, a entrevistada se enche de esperança e passa a visualizar e projetar um futuro enquanto profissional. Reconhece os momentos difíceis, momentos de insegurança em que o sentimento de medo era predominante, mas a confiança passa a ser mais presente a partir desses momentos que a paciente relata melhora e que a estagiária consegue utilizar os conhecimentos da corrente teórica. **“Olhe, eu sei fazer! Só preciso estudar mais.”** Passa a ver os pontos positivos e quanto o estágio foi importante na constituição da “jovem terapeuta”.

Na relação com o meio, e diante de situações que indicam que o processo terapêutico está funcionando, a estagiária atribui sentido a partir dos afetos constituídos nas vivências. E constata **“Eu percebo que a gente está no caminho certo. Então é nessa hora que eu digo assim: “Eu sei fazer, só preciso estudar mais!”**. Vigotski (p.771, 2010) afirma que “a relação do homem com o mundo e com os outros é sempre relação afetiva produtora de sentido”.

Eu acho que como ponto positivo vem a possibilidade de você experimentar mesmo aquilo que você quer, porque eu acho que é naquela hora ali do estágio que você decide se você quer trabalhar com isso ou não (Entrevista, 2024)

*Eu tinha muito medo... muito medo, mas hoje eu entendo aquele medo inicial como algo desafiador e algo que me ajudou muito. Então assim, eu senti muito medo... medo de não dar conta, medo de questionar mesmo assim “será que realmente eu quero ser psicóloga? Será que é isso que quero para a minha vida?” Porque a gente passa 5 anos dizendo assim “ah, eu escolhi psicologia por causa disso, disso e disso...”, mas, **a coisa só começa a ficar real de fato quando você está lá, no campo de estágio**. Porque até então é só teoria, é só teoria que está lá nos livros, nas aulas, nos seminários, nas provas, mas a prática quando chega aí a coisa começa a ficar real (Entrevista, 2024)*

O medo vai, aos poucos, deixando de existir quando começa a sentir e entender que consegue realizar suas atividades, consegue atuar como profissional, quando o que antes era um sonho passa a se tornar real. **“A coisa só começa a ficar real de fato quando você está lá, no campo de estágio”**. A insegurança vai perdendo espaço e o afeto confiança move em busca de novos desafios.

O percurso durante a graduação, a partir do processo educativo vivenciado no curso que configura sustentação para transpor o medo e, simultaneamente, constituir o afeto de confiança. Em pouco tempo, o estagiário cumpre a carga horária destinada para a realização do estágio e o novo ciclo que se aproxima é o da atuação clínica enquanto profissional, algo que era distante passará a ser realidade.

*Eu acho que a **confiança de ser um profissional vai sendo construída gradativamente**, dia após dia. O período do estágio é um período de muita insegurança. É um período que você se faz muitos questionamentos, até mesmo se você quer ser um psicólogo clínico. Porque eu via muito colega dizer assim: “Essa clínica foi só para eu ter certeza que não queria clínica”. Então eu acho que essa vivência da clínica ela permite você visualizar, você tem ou não futuro na profissão (Entrevista, 2024)*

No segundo indicador desse terceiro núcleo, intitulado como “**A necessidade da formação continuada: o sentimento de nunca se sentir pronta**”, a participante da entrevista revela que se sentir pronta é ilusório, que sempre precisará se manter estudando e buscando conhecimento para desempenhar a atividade profissional. Com isso, destaca que a insegurança e medo também seguirão presentes, mas não como algo que impossibilite, não como algo que a faça parar.

Porque também tem uma questão que passa pela via do pessoal mesmo, de você nunca se sentir apto o suficiente ou então de você se sentir confiante demais. No meu caso, eu acho que eu não me sentia confiante o suficiente (Entrevista, 2024)

*Então, eu acho que é esse medo de que “será que eu estudei o suficiente? Será que eu aproveitei o que os professores tinham para me fornecer? Será que eu adquirir toda a bagagem necessária?” **Então o medo vinha muito disso, de não estar pronta.** Mas eu entendo que está tudo certo não estar pronta (Entrevista, 2024)*

Ainda durante o estágio a participante da entrevista se dar conta que o período de realização das atividades acadêmicas se aproxima do fim, especialmente as atividades práticas. A proximidade com a conclusão das horas previstas pela instituição de ensino proporciona novos questionamentos sobre o processo de início da atuação

clínica. Reflete novamente sobre a escolha profissional, a sensação de não estar pronta e o sentimento de medo reaparece.

[durante a realização do estágio] voltava [o medo] e vou dizer a você: acho que volta até hoje. Eu acho que um bom profissional tem que ter medo todos os dias, medo de não estar sendo bom o suficiente. Pelo menos eu vejo assim. Eu nunca tive essa sensação de que assim: eu sei tudo e não preciso mais estudar nada. Isso não existe. Principalmente quando é um paciente novo que eu não sei o que me espera naquele novo (Entrevista, 2024)

Tem a expectativa no sentido de você saber assim: será que eu sei o suficiente? Será que eu tenho bagagem suficiente para arcar com isso que estou escolhendo fazer? parece que... é um momento... o estágio pra mim, pelo menos, é o momento assim que a ficha caiu (Entrevista, 2024)

E mais uma vez, como se fosse um ciclo que se renova, o medo e insegurança funcionam como combustível para que ela siga buscando mais conhecimento, siga estudando e com isso o afeto de confiança também é reiterado. A própria prática clínica, por estar sempre diante do inédito, pois lida com pessoas, é estímulo para essa sensação de incerteza que não a deixa se acomodar.

sempre que eu comprava um livro, que lia um capítulo, que ia para a supervisão, que assistia uma aula, isso me ajudava no meu próximo atendimento, eu me senti mais confiante (Entrevista, 2024)

[Estar pronta] eu não diria assim... eu me tornei psicóloga nesse momento que estou com paciente na frente, não, não é isso, mas eu acho que é quando a coisa parece fica mais real. Pelo menos é essa a visão que tive (Entrevista, 2024)

É como se a superação de um medo que a acompanhou durante quase todo o período do estágio, agora se renovasse. Continua sendo o mesmo sentido de medo, mas agora de outra forma, com novas possibilidades, com expectativas diferentes. Concordamos com Aguiar e Ozella (2013, p. 304-305) quando afirma que “o sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade”.

No último indicador desse núcleo, intitulado como **“O estágio como processo formativo: a relação com colegas, professores e preceptores”**, os trechos da entrevista desvelam a importância das relações durante o processo de realização das atividades do estágio. A partir da análise, é possível apreender que, o convívio com colegas, professores e demais profissionais que atuam no mesmo espaço da clínica é determinante no processo de constituição do ser humano que desempenha a função de terapeuta clínico.

Sentada depois que acabou [o primeiro atendimento] conversando com, acho que era com [nome da Preceptora] e com alguns colegas [de estágio] que estavam na mesa, eu disse: “gente, eu acho que fui muito ruim...acho que eu não sei fazer isso...” começo a me questionar se eu vou dar para essa profissão... (Entrevista, 2024)

Os espaços coletivos da clínica escola servem como possibilidade para que a estagiária compartilhe suas angústias e aflições em relação ao seu desempenho. São momentos em que prevalecem os aspectos pessoais e que revelam os medos e insegurança. Já em outros momentos, no mesmo espaço da clínica escola, as orientações do professor supervisor parecem trazer instruções mais técnicas, voltadas para o fazer clínico. E entre relatos informais e encontros formais com os profissionais que realizam as supervisões, a estagiária vai desenvolvendo enquanto terapeuta. Como nos lembra Vigotski (1934/2001), o processo de basear-se nos relatos dos que estão dividindo o mesmo campo de estágio exige da estagiária a oportunidade de passar do já se sabe, para o que ainda não se sabe. E isso acontece pelo processo de imitação

aí veio a primeira supervisão, aí eu me lembro que [nome do supervisor acadêmico] falou assim: “escute o que ela [paciente] tem pra dizer”, “deixe ela falar que ela já vai se sentir melhor”, eu acho que falou alguma coisa nesse sentido, disse assim: “se ela veio pra cá, ela tá procurando ajuda, acho que está buscando o que ela não deve encontrar dentro de casa, que é a escuta”, que era algo que ela trazia muito, não tinha com quem falar sobre aquilo que estava angustiando ela (Entrevista, 2024)

A egressa percebe a importância dos momentos compartilhados durante a realização do estágio, sobretudo as supervisões. As supervisões clínicas são momentos

em que um profissional com mais conhecimento e experiência orientam outros profissionais com menos experiência. No caso do estágio supervisionado, os professores supervisores são psicólogos com mais tempo de prática clínica e que auxiliam na condução dos casos clínicos, orientando os estagiários. As supervisões acontecem em um espaço de acesso restrito e com no máximo dez alunos participantes por grupo, como previsto na Carta de Recomendação para realização de estágio disponibilizada pelo Conselho Federal de Psicologia (2013). A participante destaca o valor de iniciar a atuação na clínica escola.

A vantagem de poder tirar uma dúvida com um professor [supervisor/orientador durante a realização do estágio], isso também era algo muito bom. Trazia uma segurança quando eu dizia assim: eu não sei o que fazer aqui e o professor dizia assim: “leia isso aqui, vá por isso aqui”. Isso era algo muito positivo, porque aliava teoria e prática, então eu gostava dessa parte. Eu gostava de assistir as supervisões dos outros, porque eu acho que aprendia vendo as dificuldades dos colegas também (Entrevista, 2024)

Por serem supervisões em grupo, ela destaca que consegue entender e aprender a partir dos relatos dos colegas. Ouvir a explanação dos casos de outro estagiário, suas dúvidas e os apontamentos e orientações do supervisor ajudam mesmo não sendo um caso que acompanhe. Aprende-se também das experiências dos colegas.

eu ficava me imaginando [durante a supervisão em grupo] se eu pegasse aquele caso, como eu iria fazer? Então assim, muitas daquelas dúvidas que os colegas traziam eram dúvidas minhas também. Então eu acho que isso me ajudava muito a ter uma compreensão de como funcionava a prática clínica (Entrevista, 2024)

Assim. Com base nessa pesquisa, podemos afirmar o quanto é desafiador o processo de início da atuação clínica para o graduando em psicologia. Que vários são os aspectos e elementos que compõem a realidade do sujeito e que determinam a sua prática. Aspectos pessoais e profissionais são indissociáveis e é preciso considerar para compreender essa etapa tão importante na constituição do psicólogo clínico.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS – ANÁLISE INTERNÚCLEOS

Essa pesquisa surge a partir do questionamento do pesquisador em relação ao ensino, aprendizagem e formação em psicologia, mais especificamente em relação ao estágio supervisionado em psicologia clínica. Iniciamos objetivando apreender as significações atribuídas por uma egressa de Psicologia aos desafios vividos na atividade de estágio supervisionado com ênfase na atuação clínica.

Para isso, recorremos ao referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio-histórica, que atendeu ao que foi proposto para a pesquisa. Através das categorias de análise historicidade, mediação, vivência, atividade, significações (sentidos e significados) foi possível aproximação das zonas de sentido e desvelar as significações da participante da pesquisa sobre os desafios vividos no estágio. Valer-se da Psicologia Sócio-histórica para esse trabalho se mostrou crucial no percurso da pesquisa, pois, concebe a constituição do ser humano na convergência de sua história (ontogenética e microgenética) com a história da humanidade (filogenética e sociogenética), entendendo que a constituição da subjetividade é dialeticamente indissociável do contexto social em que o sujeito atua, mediado sempre por suas vivências e significações.

Metodologicamente, as etapas para essa pesquisa foram: apresentação de um mapeamento de estudos sobre estágio supervisionado na “formação em psicologia clínica” através de um estado do conhecimento, com o intuito de fazer um levantamento das produções – teses e dissertações – sobre essa temática. Na sequência, para escolha da participante da pesquisa, os seguintes critérios foram estabelecidos: 1) ser egresso de um curso de psicologia de uma instituição de educação superior da cidade de Mossoró; 2) ter realizado a atividade de estágio supervisionado no período entre 2020 e 2023 na ênfase clínica; 3) estar atuando como psicólogo clínico no período da realização da pesquisa e; 4) aceitar participar voluntariamente da pesquisa. No processo de construção dos dados, o instrumento escolhido foi a entrevista reflexiva.

A partir da análise das entrevistas chegamos ao número de 51 pré-indicadores, que, agrupados deram origem a 11 indicadores. Estes, quando sistematizados, transformaram-se em três núcleos de significações, são eles: 1) Para além dos casos clínicos: Dificuldades, alternativas, desafios do estagiário na realização do estágio

supervisionado na clínica escola; 2) Aspectos profissionais e pessoais indissociáveis: Medos e impedimentos subjetivos na atuação clínica e; 3) O estágio como processo formativo de consciência sobre a atuação profissional.

Assim, após concluída as etapas descritas acima, conseguimos perceber que os profissionais de psicologia, ainda no período da realização do estágio supervisionado, etapa determinante, fundamental e obrigatório para a obtenção do título de graduado em psicologia, enfrenta desafios que vão além do manejo clínico. Enquanto terapeuta iniciante, se deparam com dificuldades relacionadas a estrutura e adversidades inerentes a instituição de ensino, que o referencial teórico escolhido para a condução dos casos clínicos constitui-se como um aliado nesse período de iniciação da prática clínica e que, a realização do estágio representa um elo para o período de constituição profissional.

Além disso, podemos perceber que, enquanto sujeito indissociável socialmente, os medos e insegurança permeiam o processo de formação de forma contínua. No período do estágio, algumas demandas específicas geram angústia e questionamentos sobre a capacidade, a prática e escolha profissional. Como também, aspectos pessoais e situações cotidianas parecem atravessar o processo de forma significativa e demandas dos pacientes/usuários do serviço se assemelham com as dos estagiários, representando um adicional que torna o processo conflituoso.

Por fim, a realização das atividades inerentes do estágio contribui de forma significativa no processo de tomada de consciência sobre a atuação profissional, seja através dos relatos e devolutivas dos pacientes, seja nas orientações e apontamentos durante as supervisões e acompanhamentos dos profissionais da instituição de ensino ou durante os momentos de socialização com os colegas. Apesar de todo período de realização do estágio, a sensação de “não se sentir pronta” segue a profissional, tornando um eterno aprendiz e com a necessidade de estar sempre buscando meios de aprimoramento de sua prática.

Em síntese, os núcleos de significações – 1) Para além dos casos clínicos: Dificuldades, alternativas e desafios do estagiário na realização do estágio supervisionado na clínica escola; 2) Aspectos profissionais e pessoais indissociáveis: Medos e impedimentos subjetivos na atuação clínica e; 3) O estágio como processo formativo de consciência sobre a atuação profissional – nos permite apreender, a partir

dos indícios contidos na fala da participante da pesquisa, que suas significações revelam que o estágio supervisionado é uma etapa crucial no processo formativo, período de dúvidas, incertezas, angústias, principalmente nos momentos iniciais, mas que, em atividade e em relação com os elementos que compõem a sua realidade, sejam objetivos ou subjetivos, é possível desempenhar as atribuições inerentes à categoria profissional, considerando que é indissociável do social, que não é possível separar o profissional do pessoal. Enquanto ser único, carrega consigo a herança cultural e as marcas do que foi vivenciado ao longo de seu percurso de vida, provenientes das vivências no contexto familiar e, assim como em atividades vitais humanas, são constitutivas do ser. Como afirma Vigotski (2010) a vivência é a síntese dialética do meio e da pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W. M. J de; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. “Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações”. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 45, março de 2015, p. 56–75. SciELO, <https://doi.org/10.1590/198053142818>.

AGUIAR, W. M. J. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2017.

AGUIAR, W. M. J. de; ARANHA, E. M. G.; SOARES, J. R. Núcleos de significação: Análise dialética das significações produzidas em grupo. **Cadernos de Pesquisa**, 51, 2021. Artigo e07305. <https://doi.org/10.1590/198053147305>.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013.

ANTUNES, M. A. M. A Psicologia no Brasil: Um Ensaio Sobre suas Contradições. **Psicologia: ciência e profissão**, 2012, 32 (num. esp.), 44-65.

BARBOSA, S. M. C. Atividade do professor em sala de aula: uma análise das estratégias de ensino a partir da psicologia sócio-histórica. **Tese** (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo. 2011.

BARLETTA, J. B.; FONSECA, A. L. B. da; DELABRIDA, Z. N. C. A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. **Psicologia Teoria e Prática**, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 153-167, ago. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v14n3/v14n3a13.pdf>. Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 3. ed. Organização de Paulo Knapp; tradução de Sandra Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2021.

BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, p. 15-36. 2017.

BOCK, A. M. B., PERDIGÃO, S. A., KULNIG, R. de C. M. Desigualdade social e a leitura sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B. et al. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: contribuições à leitura de questões sociais**. São Paulo: EDUC: PIPEq, p. 45-62. 2022.

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BOCK, Ana. Psicologia e compromisso social: entrevista com Ana Bock. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KuC5SweJwZ4>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BRANDAU, R. et al. Importância do uso correto dos descritores nos artigos científicos. **Revista brasileira de cirurgia cardiovascular**, 2005; v. 20, n. 1: VII-IX.

BRASIL. Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 ago. 1962. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4119-27-agosto-1962-353841-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Conselho Nacional de saúde**. Resolução nº 36/2020. Carta de serviços sobre estágios e serviços-escola. CFP, <https://site.cfp.org.br/publicacao/carta-de-servicos-sobre-estagios-e-servicos-escola/>. Acessado 25 de junho de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - BR. Resolução do Exercício Profissional nº 4, 2020: dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de tecnologia da informação e da comunicação durante a pandemia do COVID-19. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid>. Acesso em: 2 jan. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). Práticas e estágios remotos em psicologia no contexto da pandemia da covid-19: recomendações [recurso eletrônico]. Conselho Federal de Psicologia e Associação Brasileira de Ensino de Psicologia. 1. ed. Brasília: CFP, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. A psicologia em números: infográfico. Disponível em: <https://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em: 3 jun. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil**. O Conselho Federal de Psicologia apresentou ao Ministério do Trabalho sua contribuição para integrar o Catálogo Brasileiro de Ocupações. 17 out. 1992. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf. Acesso em: 30 de novembro 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, DF: CFP, 2005.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez, 2000.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO Publicado em: 23/10/2023 | Edição: 201 | Seção: 1 | Página: 55 Órgão: Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (BR). Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de outubro de 2023. Publicado em: 23/10/2023. Edição: 201. Seção: 1. Página: 55.

DUARTE, A. R. N. Reflexões sobre a formação clínica fenomenológico-existencial na era da técnica. 2013. 117 f. **Dissertação** (Mestrado em Estudos de Comportamento; Psicologia Fisiológica) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

FERREIRA, N.S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revista Educação & Sociedade**, ano 23, n 79, p.257-272, ago.2002.

GONÇALVES, M. da G. M. e FURTADO, O. A perspectiva sócio-histórica: uma possibilidade crítica para a Psicologia e para a Educação. in AGUIAR, W. M. J e BOCK, A. M. B. A (orgs). **A dimensão subjetiva do processo educacional**. São Paulo: Cortez, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Disponível em: <http://www.bdt.d.ibt.br/vufind/Content/whatls>. Acesso em: 25 abr. 2023.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo: Moraes, s/d.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARQUES, E. S. A.; CARVALHO, M. V. C. “Prática educativa, vivência e afetos na constituição de alunos com histórias de sucesso na escola”. **Educação e Filosofia**, vol. 32, nº 65, 2018. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v32n65a2018-12>.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, vol. 5, no 2, outubro de 2014, p. 154. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2014.2.18875>.

MOROSINI, M. C.; SANTOS, P. K.; BITTENCOURT, Z. **Estado do conhecimento: teoria e prática**. 1º ed, Editora CRV, 2021. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.24824/978655868991.1>.

ONU. Organização Das Nações Unidas –. A UN framework for the immediate socio-economic response to COVID-19. Nova Iorque: UNDP, 2020. Disponível em: <https://www.undp.org/>. Acesso em: 02 jan. 2024.

PEREIRA, A. dos S., *et al.* Pandemia e território: ritmo de difusão da covid-19 entre municípios brasileiros de 25 de fevereiro a 11 de maio de 2020 de acordo com fatores de proximidade social extramunicipal. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, vol. 16, setembro de 2020, p. 199–219. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.14393/Hygeia16055064>.

PETROBRAS. **Jovem Aprendiz**. Disponível em: <https://petrobras.com.br/pt/quem-somos/carreiras/jovem-aprendiz/jovem-aprendiz.htm>. Acesso em: 22 mar. 2023.

PORTAL DA INDÚSTRIA. Disponível em: <https://www.portaldaindustria.com.br>. Acesso em: 22 mar. 2023.

PORTAL DE PERIÓDICOS DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. <https://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acessado 3 de julho de 2023.

PORTAL NACIONAL DE EDUCAÇÃO. UFRN no SISU 2021/1: Estudo apresenta lista com notas de corte de todos os cursos. SisU-Enem. 3 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.portalpne.com/ufrn-no-sisu-2021-1-estudo-apresenta-lista-com-notas-de-corte-de-todos-os-cursos/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

REBOUÇAS, J. A. da Silva M.; SOARES, J. R. A entrevista reflexiva na pesquisa em psicologia da educação: um estudo de caso. **XIII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE)**. Curitiba: PUC-PR, 2017.

SANTIAGO, Z.; SOARES, J. R. Prática pedagógica: espaço da afetividade no desenvolvimento profissional. **Retratos da Escola**, vol. 18, nº 41, setembro de 2024. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.22420/rde.v18i41.1700>.

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Portal da Indústria, <https://www.portaldaindustria.com.br/senai/>. Acessado 1º de janeiro de 2024.

SILVA, J. A. P. da. A experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com a orientação psicanalista na UFBA. 2017. **Dissertação** (Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SOARES, J. R. Atividade docente e subjetividade: sentidos e significados constituídos pelo professor acerca da participação dos alunos em atividades de sala de aula. **Tese** (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo. 2011.

SOARES, J. R.; ARAÚJO, D. S. de; PINTO, R. D. da C. Aprendizagem escolar: desafios do professor na atividade docente. **Psicologia da Educação**, nº 51, novembro de 2020, p. 72–84. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.23925/2175-3520.2020i51p72-84>.

SOUSA JÚNIOR, J. R. de. Psicoterapia e formação em psicologia: uma análise da perspectiva de estagiários em psicologia clínica da UFMA. 2021. 70 f. **Dissertação** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia/CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

SZYMANSKI, Heloisa. "Entrevista reflexiva; um olhar psicológico para entrevista em pesquisa". **Psicologia da Educação**, nº 10/11, 2000. *revistas.pucsp.br*, <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/41414>.

TASSONI, E. C. M. As experiências de sucesso na aprendizagem e suas relações com a permanência na escola. **Revista de Educação PUC-Campinas**, vol. 16, no 1, 2011, p. 57–64. *seer.sis.puc-campinas.edu.br*, <https://doi.org/10.24220/2318-0870v16n1a44>.

TOASSA, Gisele, e Marilene Proença Rebello De Souza. "As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski". **Psicologia USP**, vol. 21, nº 4, 2010. *DOI.org (Crossref)*, <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400007>.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Trabalho original publicado em 1934).

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. (J. C. Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Obra publicada originalmente em inglês em 1984).

VIGOTSKI, L. S. A questão do meio na psicologia (M. P. Vinha, trad.). **Psicologia USP**, 21(4). 2010. (Trabalho original publicado em 1935).

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**; tradução Claudia Berliner. - 3u ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WERTSCH, J. V. **Vygotsky y la formación social de la mente**. Barcelona: Paidós, 1988

APENDICE

Pesquisador: Hoje dia 05/02/2023, entrevista realizada com [Nome da participante da entrevista] gostaria que você se apresentasse:

Participante da entrevista:

Sou [Nome da participante da entrevista], 39 anos. Moro em Mossoró. Psicóloga formada desde 2022 e atualmente atuo atendendo online e mestranda da [Nome da instituição de ensino].

Pesquisador: Você formou-se em 2022 e atualmente atua como psicóloga clínica...exerce mais alguma atividade? (3:00)

Participante da entrevista:

“É. Eu tenho... sou concursada do Estado, mas atualmente estou afastada por conta do mestrado, estou de licença, mas quando comecei na clínica trabalhava até 13h e à tarde já estava na clínica e atendia até umas 18, 19 horas... agora estou só clínica”

Pesquisador: Psicologia foi sua primeira graduação? (3:34)

Participante da entrevista:

“Minha segunda formação. Cursei letras com habilitação em língua espanhola. Letras eu concluir em 2009”

Pesquisador: E psicologia surgiu como? (4:00)

Participante da entrevista:

“Eu sempre quis fazer psicologia, só que quando fiz o meu primeiro vestibular, não fiz pra cá [Mossoró], fiz pra Campina Grande na Paraíba e lá não tinha... minto, lá tinha na época, mas a minha nota não era boa o suficiente pra passar... e aí eu sempre gostei muito de literatura resolvi fazer Letras... mas aí ficou aquele sonho de fazer um dia, aí quando vim morar em Mossoró que abriu na [Nome da instituição de ensino] aí eu disse: agora eu vou fazer!”

Pesquisador: Então você não morava em Mossoró nessa época?

Participante da entrevista:

“Não... eu vim morar aqui em Mossoró em 2005 porque minha mãe veio morar aqui, aí eu transferir a faculdade da Paraíba pra cá e eu concluí na [Nome da instituição de ensino] Letras”.

Pesquisador: *“Sim...”*

Participante da entrevista:

“Eu tinha cursado um semestre só de letras lá na Paraíba e transferir o curso pra cá e concluir aqui”.

Pesquisador: *“E você é de lá da Paraíba?”*

Participante da entrevista:

“Não, sou daqui. Foi porque a minha tia abriu uma [empreendimento] lá e precisava de uma secretária e aí eu estava... tinha 18 anos eu acho, 18, 19... estava desempregada resolvi ir pra lá até que ela arrumar alguém... nesse um mês eu resolvi fazer o vestibular, passei e fiquei um semestre lá

Pesquisador: *“Sim, entendi. Voltando para Psicologia. Você falou que já tinha interesse em Psicologia. Você sabe, lembra desde quando ou como, onde começou isso?” (5:37)*

Participante da entrevista:

“Eu acho que começou... acho não, eu lembro. É, eu tenho um [familiar] que é esquizofrênico e aí ... sempre quando ele tinha os momentos dele de surto eu me lembro que todo mundo dizia assim: ‘se afaste dele que ele é doido’. E aquilo me incomodava profundamente porque era... eu lembro que tinha uns 10 anos e dizia assim: ‘mas ele não é doido, ele é uma pessoa boa’, ele de fato era uma pessoa boa, mas estava em surto apenas... e aí me lembro que isso me tocou muito e lembro que foi aí que eu disse assim: ‘um dia eu ainda vou cuidar do meu [familiar]. E aí eu sempre quis e isso foi crescendo, fui estudando e era algo que sempre queria entender por que era daquela forma, minha família também não sabia explicar o que era esquizofrenia. Eu tenho um [familiar 2] que tem problema com depressão... então assim, sempre teve muitos problemas de saúde

mental dentro da família e eu achava que a única forma de eu entender aquele universo familiar era estudando é, é a psicologia...(pausa) acho que surge aí”

Pesquisador: *“Certo, então na infância foi que surgiu...”*

Participante da entrevista:

“É, eu tinha 10 anos mais ou menos quando...é a primeira lembrança que tenho, que eu disse: ‘um dia vou estudar para cuidar de alguém, da cabeça de alguém’, foi ali”

Pesquisador: *“O ensino médio você concluiu aqui?”*

Participante da entrevista:

“Não, em Natal. Eu morei em Natal até os 18 anos. Depois eu vou para Paraíba fazer Letras...fiz 6 meses de Letras lá e depois retorno para Mossoró. E é aí quando eu curso a faculdade aqui, conheço meu marido e término morando aqui”.

Pesquisador: *“E chegou a oportunidade de cursar Psicologia...”*

Participante da entrevista:

“É, aqui [Mossoró] não tinha e para Natal ou para outro Estado não era uma opção viável pra mim já que tenho família, tenho tudo, então o fato de ter vindo pra cá reavivou esse sonho de cursar novamente”.

Pesquisador: *“No caso já tinha Psicologia em Mossoró?”*

Participante da entrevista:

“Na época era muito caro e eu não tinha condições de pagar. E aí quando chegou na [Nome da instituição de ensino], como eu já tinha uma formação consegui um desconto e foi por isso que consegui cursar lá”.

Pesquisador: *E como foi a graduação em Psicologia?*

Participante da entrevista:

“Você diz todo o curso? foi... foi boa. Acho que.... quando eu terminei, que eu estou com o diploma na mão e carteira, o CRP na mão eu me dei conta que eu não sabia nada, que

a gente quando está dentro da faculdade tem aquela ilusão que aprende muito e que já sabe muito, mas é uma ilusão mesmo, né? E aí, quando me formei disse: ‘e agora?’ e aí foi quando cai a ficha de que faltava muito. Aí foi quando fui atrás e ainda sigo atrás de preencher essas lacunas que na formação ficou... acho que a gente teve bons professores, mas... em muitos aspectos eu percebia a formação muito tendenciosa para a Psicanálise e isso me incomodava muito, porque como eu queria trabalhar com TCC (Terapia Cognitivo Comportamental), na época só tinha [nome da professora 1], depois que chegou [Nome do professor 2], [Nome do professor 3]... mas na época só tinha [nome da professora 1] mesmo assim, então eu sentia muito essa necessidade assim de encontrar mais profissionais que estivessem dentro daquele nicho que eu pretendia trabalhar pra ter um curso de formação, pra enfim, ah, dentro desse cenário acho que a [Instituição de ensino] deixou a desejar porque na época que a gente passou pelas abordagens já estava muito tendenciosa para a Psicanálise, então acho que falhou nisso, sabe?”

Pesquisador: Duas perguntas dentro que você falou: 1) como é perceber isso de uma faculdade que deixa várias lacunas e 2) essa outra parte de ter uma tendência/direcionamento para determinada abordagem? (10:49)

Participante da entrevista:

(10:50) “Para mim foi extremamente incômodo, tanto é que houve muitos embates assim dentro de sala de aula, porque, por exemplo, lembro que quando a gente foi pagar [cursar] Psicopatologia quem começou a dar foi [Nome da professora 4, professora da abordagem Psicanálise] e ela começou dando Psicopatologia pelo viés da Psicanálise. Então assim, eu me questionava: ‘Meu Deus, como é que eu vou fazer quando eu receber um laudo de um psiquiatra me passando as informações de um caso e eu vou estar presa lá pelo que sei pela psicanálise?’ Então foi nessa hora que eu já era muito preocupada em fazer uma boa formação comecei a me preocupar mais, em ler mais. Então assim, calhou que ela [A professora 4, de Psicanálise] saiu por conta da [questões particulares] dela e [nome da coordenadora] veio [substituir para lecionar a disciplina], mas também ficou muito atropelado, então assim, acabou que, depois, era a matéria que eu mais esperava, de entrar mesmo dentro na psicologia era a matéria que era, que eu via na grade e tinha

mais expectativa, era a Psicopatologia e a TCC. Só que aí, a TCC foi muito boa, eu considero que foi muito bem dada com [nome da professora 1], mas a parte de Psicopatologia ficou muito a desejar, tanto é que tive que fazer curso fora e ainda sigo estudando porque eu acho que não foi muito bem ministrada. Não sei se respondi sua pergunta”.

Pesquisador: *Sim. A outra [pergunta] era como você via essa inclinação para determinada abordagem?*

Participante da entrevista:

“Eu não via abertura dos profissionais que trabalhavam com Psicanálise para esse outro olhar e sempre que eu trazia questionamentos voltados para o viés da TCC, eu percebia um discurso muito resistente, um discurso como: ‘aí eu não entro, essa seara não é minha’. Então assim, me incomodava muito, muito mesmo. Eu me lembro que teve uma disciplina que a gente pagou na época da pandemia e aí era com [Nome da professora 5], não sei nem se posso falar os nomes aqui, mas você vai tirar né?”

“E aí era sempre o... já era uma disciplina que era muito difícil porque eu não gostava da temática da morte, não gosto até hoje, e aí, quando ela trazia viés da Psicanálise dentro da temática da morte, pra mim era muito mais difícil, porque tipo, meu Deus, não estou entendendo nada, sabe? Não é ali que quero trabalhar, não faz sentido para mim, então, foi muito ruim, muito ruim mesmo. Até as leituras de fazer eram ruins, porque eram sempre leituras no viés da psicanálise, eu não via.... teve um outro professor, [Nome do professor 6], que também veio com essa pegada de trazer texto sempre direcionados para a Psicanálise, que lembro que eu questionei ele: ‘Mas não dá para trazer um texto que seja mais para outras abordagens, que seja mais genérico, que faça a gente conseguir alcançar sem ficar nesse, nesse discurso psicanalítico?’ aí eu me lembro que ele disse assim: ‘não tinha como trazer e outros cenários porque o cenário que ele atuava era aquele’, então acaba que tinha essa limitação. Se a gente quisesse trabalhar com outra coisa, a gente mesmo tinha que ir atrás. E aí eu percebi muitos colegas numa perspectiva acomodada, que não ia nesse movimento de ir atrás. Então quem queria ia atrás, quem não queria ficava ali naquele discurso da Psicanálise e pronto.

Pesquisador: *“Então era determinado pelo professor?”*

Participante da entrevista:

Sim!

Pesquisador: *(14:45) Então todo esse período de graduação foi dessa forma? E passando por essas situações, como estava a expectativa para o estágio?*

Participante da entrevista:

(15:09) “Eu me recordo que na época do estágio foi bem turbulento, primeiro porque a clínica não estava pronta, a gente começou a atender na [sala improvisadas]. E aí, é mesmo na época em que a gente escolhe a ênfase do curso. Tinha a parte social, escolar e tinha a clínica... e calhou também começou o estágio depois veio a pandemia, então assim, foi difícil porque muitas coisas eu já não lembrava da TCC porque como a gente tinha muitos textos das outras matérias e... todos eles tinham um viés mais psicanalítico, então, a gente teve, eu tive que fazer o resgate de muita coisa que eu não lembrava mais, tanto é que, quando começa o estágio que [Professor 3], [Professora 1] e [professora 7] chamam a gente para ler aquele livro [TCC Teoria e Prática] de [Judith] Beck novamente, pra mim aquilo ali foi ótimo, porque deu pra reativar um monte de coisa que eu já não lembrava mais assim, sabe? então, eu acho que foi confuso por isso, eu acho que se a gente tivesse desde lá do 5º período quando viu a abordagem se a gente tivesse professores que dessem as outras disciplinas dentro da abordagem que a gente escolheu seria mais fácil”.

Pesquisador: *Então você acha que a preparação para o estágio poderia ter sido melhor? (16:42)*

Participante da entrevista:

“Sim! poderia...”

Pesquisador: *Em quais pontos? Tipo, hoje, olhando pra trás, se pudesse dizer: ‘se fizesse assim seria melhor...’*

Participante da entrevista:

(16:56) *“Acho que ofertando mais disciplinas da abordagem que o aluno escolheu depois que oferta lá as três abordagens (ênfases: Social, Escolar e Clínica) naquela hora ali já deveria dividir, porque por exemplo, se gente fosse ver questões de tanatologia, viria, mas viria na perspectiva da TCC. Saúde Pública, na perspectiva da TCC, entendeu? Então assim, esse conhecimento da abordagem não se perderia. Então eu percebi que havia um esforço muito grande de voltar porque os professores não tinham essa compreensão de que em algum momento a gente ia precisar daqueles conhecimentos voltados para a abordagens que a gente gostaria de trabalhar”.*

Pesquisador: *“A percepção é que após o primeiro passo na psicologia [ingresso no curso] vem isso das abordagens. Como você explicaria isso para alguém de fora da psicologia?”*

Participante da entrevista:

“É, vamos lá... mesmo tendo a compreensão que não é uma Psicologia, são Psicologias, eu acho que não tem como a gente fugir muito disso [abordagens] porque a prática clínica vai ser em cima da nossa abordagem. Então assim, como que vou falar da minha forma de trabalhar na primeira sessão com um paciente, como eu vou explicar a ele o funcionamento, se eu não explico a abordagem que eu vou trabalhar? Então, eu me lembro que na primeira sessão que tive com minha paciente lá clínica escola eu falei pra ela: olha, eu sou [nome da participante da pesquisa], eu trabalho com a Terapia Cognitivo Comportamental, ela funciona assim, assim, assim. É uma abordagem dentro da psicologia, que é um, é como se fosse, como se fosse não, é o modo como eu vou trabalhar e vou conduzir nossas sessões. Então assim, eu acho que isso tem que ser explicado para o paciente, até porque... desse tempo que estou na clínica percebo muito que existe um imaginário do paciente do que é um psicólogo e como ele faz a psicologia, né? eu já tive paciente que na primeira sessão disse assim: ‘cadê o divã?’. Eu preciso explicar isso pra ele, até para que ele compreenda como é que ele vai... como vai seguir o tratamento dele, né? Então não tem como fugir da psicologia e você não explicar sua forma de trabalhar. É quase como você dizer assim, olhe: ‘eu vou construir uma casa, mas eu não vou dizer quais são os materiais que você tem que comprar para mim

construir a casa’. Não tem como. Eu preciso explicar isso. Pelo menos é essa a minha percepção”.

Pesquisador: (19:50) *e quando você chega no estágio, na clínica escola, já tinha essa compreensão?*

Participante da entrevista:

“De que eu tinha que explicar para o paciente? sim, porque como dentro da TCC a gente tem a psicoeducação, então era uma das coisas que mais me chamou para trabalhar com a TCC foi a psicoeducação. Porque eu achava formidável eu saber em que terreno eu estou pisando. Antes de escolher a TCC eu fiz análise [terapia com profissional da Psicanálise], fiz curso de Psicanálise para ter certeza que não queria a Psicanálise. Para mim... E assim, muita coisa não fazia sentido. Então quando eu chego no estágio, eu explico isso para o paciente, é uma preocupação que já foi minha lá atrás de fazer sentido para ele. Tanto é que eu sempre pergunto: ‘você entendeu? Fez sentido para você o que eu expliquei? está com alguma dúvida?’ que é algo que dentro de outra perspectiva de trabalho da psicologia você não consegue ter. Então assim, para mim fazia muito sentido explicar para o paciente a forma que ia trabalhar

Pesquisador: (21:09) *“Certo... e nisso que você estava dizendo que teve um momento antes de começar o estágio que teve uma revisão, uma leitura do texto da abordagem que iria utilizar. Você lembra como estava nesse período, como estava a expectativa para começar a atender?”*

Participante da entrevista:

“Lembro! Eu estava com muito medo! Muito, muito medo, porque vinham demandas que eu dizia assim: ‘Meu Deus, se eu pegar determinada demanda [queixa de paciente] eu não vou querer, eu não saber o que fazer, eu não vou saber como lidar’... Então assim, pra mim foi muito difícil... eu pensei várias vezes em não fazer o estágio naquele semestre.... por uma questão pessoal, na época eu tinha acabado de perder a minha [familiar], é... ela entrou em surto.... ela teve sequela da Covid, entrou em surto paranoide e assim, eu tinha muito medo de pegar um idoso com questões desse tipo. Aí eu ficava: ‘eu não vou saber o que fazer’, como eu vivenciei muito as questões dos delírios, das

alucinações, eu tinha muito medo de pegar... aí por coincidência minha primeira paciente na clínica era uma idosa, que também estava com problema de depressão, ansiedade, algo coisa assim... eu me lembro que fiquei muito receosa assim de ter certeza se eu ia pegar ou não. O que eu tinha certeza, porque a gente no começo poderia escolher o paciente, o horário... eu não queria naquele momento era adolescente, eu não queria de jeito nenhum, porque era um ramo [perfil/faixa etária] que eu não pretendia pegar nem quando eu me formasse. Tanto é que nunca atendi adolescente, não gosto, não me identifico, não tenho perfil. Eu sempre quis trabalhar com idoso, tive alguns momentos trabalhando com crianças, mas também não foi algo que hoje eu faço mais, hoje eu só trabalho com adulto e idoso, mas eu acho que meu receio era pegar demandas que atravessavam a minha história de vida naquele momento”.

Pesquisador: *Durante o período antes de chegar o estágio, tem uma expectativa criada? Tipo, vai chegar o momento do estágio, vai iniciar o estágio...*

Participante da entrevista:

(23:35) “Tem a expectativa no sentido de você saber assim: ‘será que eu sei o suficiente? será que eu tenho bagagem suficiente para arcar com isso que estou escolhendo fazer?’ parece que é um momento, o estágio pra mim, pelo menos, é o momento que a ficha caiu. Agora eu tô chegando para ser psicóloga. Porque até então eu era só universitária, uma estudante universitária de psicologia... eu não sabia nem se ia consegue terminar... então assim, a ficha começa a cair quando você começa a ver o paciente chegar, perguntar por você. Você começa se perguntar se você vai dar conta do que vem pela frente. Você começa a si perceber que está perto de terminar o curso ‘e agora? eu vou ter onde atender? vou ter paciente? vou ser um bom profissional?’... e aí todo aquele discurso que você ver nos quatro anos dos professores falando: ‘olha, eu peguei um caso assim, eu não sabia o que fazer’... e aí você fica se perguntando: ‘será que se eu pegar esse caso vou saber o que fazer? vou agir dessa maneira?’. E tem aquele movimento de...como (quando) o professor trazia algum exemplo... eu dizia... pra mim mesma eu ficava: ‘não, eu não conduziria dessa forma. Eu não faria desse modo, eu faria de outra forma’. Então eu acho que quando o estágio vai chegando parece que a realidade que você vai se tornar um profissional da área vai ficando mais visível, mais palpável. Existe

muito medo de errar... o medo de você falar o que não deve. Eu tinha muito medo de pegar pacientes suicidas... então assim... existem esses receios assim... tanto é que via colegas pegando casos bem complicados assim... eu não teria coragem de pegar isso nesse momento, porque eu não me sentiria apto o suficiente, mas aí quando você termina, você se dá conta que nunca vai estar pronto o suficiente”

Pesquisador: (25:38) *Você disse que tinha como escolher os pacientes, demandas?*

Participante da entrevista:

“Sim. Demandas não. Tinha como escolher a idade e o paciente. Tinha uma relação, na época quando ainda estava tinha uma relação lá, e aí supervisor fazia: ‘ó tem essa paciente aqui é fulaninha, ela tem tantos anos e ela vai chegar agora de 4 horas... você quer atender?’ E aí a gente fazia um primeiro momento que era o de triagem e se quisesse ficar com o caso, ficava e já remarcava a próxima sessão... isso facilitou, porque muitas vezes quando a gente fazia a triagem a gente tinha caso que a gente poderia não querer...então isso, isso ajudava bastante

Pesquisador: (26:36) *E como era o estágio? todos os dias da semana? como era a frequência?*

Participante da entrevista:

(26:48) “Não, não era todos os dias...eu acho que era uns três dias na semana... eram três dias, porque eu ia atender 2 dias, que eu ia atender a tarde toda e tinha um dia que era a supervisão...que era a tarde toda, passava a tarde toda, depois a gente continuava lá para fechar a carga horária. Mas acho que eram três dias a tarde toda, mas tinha gente que ia todo dia, você podia organizar o seu horário de acordo com sua vida pessoal”

Pesquisador: (27:28) *Antes de atender tinha alguma espécie de preparação?*

Participante da entrevista:

“Não...não tinha preparação não. A gente teve as reuniões que leu o livro, aí depois a gente ia pra lá [clínica escola] e ficava esperando chegar os pacientes. No primeiro dia tinha essa relação que falei pra você e aí a gente ficava sentado nas mesas esperando os pacientes chegarem. Na época a Preceptora era [nome da preceptora] que ficava na

clínica aí ela dizia: ‘chegou um paciente agora, quem vai atender?’ no começo foi bem desorganizado, depois que eles fizeram um rodízio e foi melhorando, mas no começo era muito... como era o primeiro estágio, não tínhamos clínica ainda, então no começo foi bem bagunçado, depois que foi organizando, mas não tinha nenhuma preparação... assim, que me lembrei não... nesse sentido assim, com o preceptor antes do paciente chegar? não...”

Pesquisador: (28:26) *Você atendeu logo no seu primeiro dia de estágio?*

Participante da entrevista:

“Atendi no primeiro dia... no primeiro dia de estágio eu atendi... na verdade eu não atendi, fiz a triagem e aí eu captei aquela paciente e resolvi que ia pegar o caso... e aí na semana seguinte ela já veio para o atendimento”

Pesquisador: (28:49) *Essa triagem já considera o primeiro atendimento?*

Participante da entrevista:

“Sim, considero”

Pesquisador: (28:53) *E como foi o primeiro atendimento? Como foi antes? depois? como você saiu da experiência?*

Participante da entrevista:

“Eu me lembro disso, foi péssimo. Eu disse assim: ‘Meu Deus, eu não sei fazer isso...’ (bebe água) Foi muito ruim, muito ruim mesmo. Eu lembro que a gente tinha uma ficha para fazer a anamnese e aí... eu fiz as perguntas e depois pedi para que ela... que eram aquelas perguntas iniciais que era os dados, onde morava tal... e depois uma pergunta que era sobre a demanda e aí foi quando ela começa a falar e contar a demanda dela... e aí eu me lembro que... eu fiquei muito, muito sensibilizada com ela contando a demanda dela porque justamente me atravessava por ser uma idosa e por ser uma idosa que está passando por questões de depressão... e por conta do medo também da pandemia na época, então assim, me tocava muito por conta da história da minha [familiar]... então eu me lembro que não consegui naquele primeiro momento desvencilhar aquilo, e aí eu me senti muito mal, eu me lembro que me senti muito mal

quando terminou, eu fiquei péssima. E aí, eu sentada depois que acabou [o atendimento] conversando com, acho que era com [a Preceptora] e com alguns colegas que estavam na mesa eu disse: ‘gente, eu acho que fui muito ruim...acho que eu não sei fazer isso...’ começo a me questionar se eu vou dá para essa profissão... aí veio a primeira supervisão, aí eu me lembro que [nome do Supervisor Acadêmico] falou assim: ‘escute o que ela tem pra dizer. Deixe ela falar que ela já vai se sentir melhor’. Eu acho que falou alguma coisa nesse sentido, aí [nome do Supervisor Acadêmico] disse assim: ‘é, se ela veio pra cá, ela tá procurando ajuda, acho que está buscando o que ela não deve encontrar dentro de casa, que é a escuta’, que era algo que ela trazia muito, não tinha com quem falar sobre aquilo que ela estava angustiando ela. Então, no segundo atendimento já foi melhor e eu acho que consegui ganhar mais coragem, mais força, que era isso que eu queria, porque eu me lembro que no segundo atendimento ela chegou e disse assim: ‘você salvou a minha vida (pausa. emocionada) porque você me ouviu de um jeito tão diferente naquele dia que eu já sair daqui me sentindo melhor. Eu estava tão nervosa para chegar aqui, mas quando você me ouviu e teve toda a paciência comigo, de me explicar como é que funcionava a psicoterapia eu já sair daqui mais confiante, me sentindo melhor’. Eu me lembro muito que ela dizia que tinha muita crise de ansiedade quando chegava a horário do jornal porque passava as vítimas da Covid. E ela disse assim: ‘não tive crise de ansiedade naquela noite quando chegou o jornal. Meu marido ficou assistindo o jornal e eu não senti a crise de ansiedade porque fiquei lembrando do que você falou’. E aí quando terminou o atendimento eu disse assim: ‘olhe, essa mulher não tem ideia de como eu tava péssima, como eu não tinha certeza se ia conseguir atender ela e ela me deu um gás’. Foi aí que disse: ‘Olhe, eu sei fazer! Só preciso estudar mais’. Então foi isso”.

Pesquisador: (32:12) *Então você estava com essa sensação de não saber fazer e de certa forma a paciente lhe indica isso...*

Participante da entrevista:

“É... Sim! porque quando ela começa a verbalizar que está se sentindo melhor e aí à medida que as sessões vão avançando e ela, de fato, vai vendo o progresso, ela já consegue dormir, ela já consegue se alimentar, ela consegue controlar os pensamentos

automáticos, as crises de ansiedade..._aí eu percebo que a gente está no caminho certo. Então é nessa hora que eu digo assim: 'Eu sei fazer, só preciso estudar mais!'. Porque, também tem uma questão que passa, eu não sei... eu acho que passa pela via do pessoal mesmo, de você nunca se sentir apto o suficiente ou então de você se sentir confiante demais. No meu caso, eu acho que eu não me sentia confiante o suficiente. Então, é... sempre que eu comprava um livro, que lia um capítulo, que ia para a supervisão, que assistia uma aula, isso me ajudava no meu próximo atendimento, eu me senti mais confiante. Então eu fazia, eu fazia muita questão de fazer a transcrição em detalhes porque quando eu ia estudar aquilo me ajudava por onde eu ia...por qual caminho eu ia percorrer ali com o paciente. Então isso me ajudou muito".

Pesquisador: (33:30) *Então no estágio, esse medo voltava?*

Participante da entrevista:

"Voltava e vou dizer a você, acho que volta até hoje... eu acho que um bom profissional tem que ter medo todos os dias, medo de não estar sendo bom o suficiente. Pelo menos eu vejo assim. Eu nunca, eu nunca tive essa sensação de que assim: 'eu sei tudo e não preciso mais estudar nada'. Isso não existe. Principalmente quando é um paciente novo que eu não sei o que me espera naquele novo. Então assim, eu sempre me questiono: 'será que o que vem eu vou saber conduzir? e se eu não souber?'. 'Será que eu tenho onde procurar? o que que vou fazer?' eu sempre tenho esse movimento de não me acomodar, pelo menos eu tenho esse entendimento assim, que nunca sei o suficiente e que... o medo é como se fosse uma propulsora que ajuda nesse movimento de buscar mais conhecimento e se tornar um profissional melhor. Não vejo o medo como uma coisa ruim nesse caso..."

Pesquisador: (34:39) *você acha que foi tempo suficiente? Você acha que deveria ter mais tempo? teria que ter uma quantidade maior de dias, de pacientes?*

Participante da entrevista:

(35:29) "Eu acho que uma quantidade maior de dias seria interessante e um maior número de pacientes também. Eu acho que um ponto do estágio que considero negativo é a sobrecarga em cima do professor que ficava como supervisor. Porque veja bem, se

você com 10, 20 alunos como você vai dar suporte?... por mais que você queira, que você se esforce. Então, é muita gente para você dar suporte, né? Então assim, acaba que... é, meio que percebi que ia haver uma sobrecarga do professor também que estava como supervisor naquela situação, claro que mais tempo para o estágio seria bom, é... mais paciente seria bom também para fortalecer essa questão da confiança nesses atendimentos. E acho que, não só um professor para ficar como supervisor do aluno, acho que talvez mais para dividir essa responsabilidade também. Até para poder ajudar na discussão de casos, seria mais interessante mais um supervisor.

Pesquisador: (36:35) *Você falou esse como sendo um ponto negativo do estágio, teria mais pontos negativos e já aproveito para saber dos pontos positivos. Fazendo um balanço entre pontos positivos e negativos do estágio*

Participante da entrevista:

(36:53) “Eu acho que pontos negativos é a limitação de sala era um ponto que impedia muito a gente de pegar mais pacientes. O fato de ser só um supervisor como tinha falado, eu acho que o tempo do estágio também é um ponto negativo e eu acho que como ponto positivo vem a possibilidade de você é...experienciar mesmo aquilo que você quer, porque eu acho que é naquela hora ali do estágio que você decide se você quer trabalhar com isso ou não. Se é...ou você está só fazendo mais uma formação e não vai utilizar aquilo ou se de fato você quer trabalhar com isso. Uma coisa que me recordo do estágio que eu tive muita dificuldade foi na época que a gente foi fazer o estágio na UBS com [nome da Psicóloga da UBS], porque por exemplo, dentro da nossa formação, eu só tive uma disciplina que falava da psicologia dentro do serviço de UBS. Da psicologia... esse trabalho do psicólogo dentro do SUS... e foi muito superficial, então assim, quando chego no estágio pra UBS a gente meio que vai com aquela cabeça vou fazer do jeito que a gente faz na clínica escola e não é! é totalmente diferente, é um outro cenário, sabe? é uma outra dinâmica, então assim, aquilo deixou tanto eu como [nome da colega de turma] que estava comigo muito perdida, porque a faculdade em nenhum momento tinha esse trabalho, no decorrer do curso, é... da psicologia trabalhando no serviço do SUS. Era algo muito superficial assim, muito... acho que a gente veio ver no finalzinho do curso e era optativa também, não era algo obrigatório, então assim, pra mim aquilo ali foi uma

das coisas mais difíceis no cenário do estágio foi o estágio na UBS. Porque não é um estágio para você fazer a clínica individualizada, é para você trabalhar com grupos. Não é para você... é para você trabalhar com a equipe multiprofissional, que é algo também que a gente quase não teve falar sobre isso no decorrer do curso, então pra mim foi uma das partes mais difíceis, mas também foi algo que me ensinou muito e me ajudou muito na minha prática profissional, é... como psicóloga, mas também no meu trabalho na [nome da instituição] que eu trabalho com isso”.

Pesquisador: (39:23) *E na clínica escola? quais seriam os pontos positivos na clínica escola?*

Participante da entrevista:

(39:35) “Eu acho que os pontos positivos é mesmo isso a possibilidade de ter contato com diversos tipos de pacientes e você poder escolher. Porque quando você tem as fichas lá de triagem tem as descrições das demandas, então você pode escolher que caso pegar, que é algo que hoje na clínica, na prática clínica privada eu não tenho como fazer isso. Então, a vantagem de poder tirar uma dúvida com um professor, isso também era algo muito bom. Trazia uma segurança quando eu dizia assim: ‘eu não sei o que fazer aqui e o professor dizia assim: leia isso aqui, vá por isso aqui’. Isso era algo muito positivo, porque aliava teoria e prática, então eu gostava dessa parte. Eu gostava de assistir as supervisões dos outros, porque eu acho que aprendia vendo as dificuldades dos colegas também”.

Pesquisador: (40:24) *aí você traz a figura de dois profissionais: o preceptor e o supervisor*

Participante da entrevista:

“É supervisor, perdão. Onde disse preceptor, na verdade era supervisor”

Pesquisador: (40:55) *você disse que gostava de ouvir a supervisão dos outros...*

Participante da entrevista:

“É, no começo eu achava bem interessante ouvir os casos dos outros (colegas) porque muitas daquelas (demandas, queixas) ... eu ficava me imaginando se eu pegasse aquele

caso, como eu iria fazer? Então assim, muitas daquelas dúvidas que os colegas traziam eram dúvidas minhas também. Acho que isso me ajudava muito a ter uma compreensão de como funcionava a prática clínica”.

Pesquisador: (41:25) *Então, no estágio, a partir das supervisões, você tem experiência de casos que você não atende?*

Participante da entrevista:

“Também. Sim! e isso também ajuda muito numa perspectiva de que, por exemplo, eu não atendo adolescentes, e existia um imaginário na minha cabeça de quais seriam as demandas (queixas) que um adolescente traria para uma prática clínica. E a partir daquilo, daquelas demandas que meu colega atendia e ia trazendo, eu disse assim: “ah, eu imaginava que era por aqui” e realmente não é uma coisa que me identifique. Então isso também me ajudou muito no sentido de que quando eu terminar a faculdade, saber qual é o nicho que vou querer atender, já que eu não queria trabalhar com adolescentes, pra mim aquilo ali me ajudava a dizer: ‘não, não é por aqui que eu quero trabalhar’. E dúvidas também, tinham uns casos que eram muito difíceis, casos de tentativa de suicídio. Então, como manejar aquilo se fosse eu que pegasse? Então, quando eu via o supervisor orientando o meu colega dizendo: ‘olhe, leia isso aqui, faça dessa forma’, já era uma indicação de leitura que eu também já pegava, anotava para ler depois caso acontecesse comigo, caso fosse importante, então acho que isso ajudava. Aprendia-se muito, é fato!”

Pesquisador: (43:45) *Em relação ao estágio em si, tem alguma coisa que poderia colocar, acrescentar?*

Participante da entrevista:

(43:51) “Eu acho que o estágio é algo extremamente valioso e importante dentro da formação do psicólogo, acho que deveria ter mais tempo, acho que deveríamos ter mais supervisores, acho que não deveria ser algo só para os dois últimos períodos de curso. Não sei como daria, se de forma mais constante, mas... eu acho pouco tempo, a verdade é essa. E acho que quanto ao tempo de supervisão também é pouco, nos estágios, porque são muitas dúvidas e a gente tem tipo, 50 minutos cada aluno com o professor,

30 minutos com o professor pra fazer uma supervisão. Então, eu acho pouco tempo isso, e acho que se fossem dois supervisores ao invés de um seria melhor. Porque a gente teria uma troca de informação de dois profissionais que atuam na área. Eu acho que isso ajudaria mais”.

Pesquisador: (44:52) *No caso, o mesmo aluno, dois supervisores?*

Participante da entrevista:

“Não seria o mesmo aluno, seria o grupo na verdade. Eu lembro que eram 10 alunos por grupo”.

Pesquisador: *O limite na lei do estágio são 10 alunos por grupo de supervisão*

Participante da entrevista:

(45:13) “Pois é, é muita gente. É muita gente, cada aluno pega um caso, casos muito diferentes às vezes, então assim, o tempo eu achava curto. Então, eu acho que isso foi algo que eu, eu senti falta”.

Pesquisador: (45:32) *Tem uma lembrança específica do período do estágio? Ou tipo, você tinha uma expectativa e na realidade foi outra e se foi para melhor ou pior?*

Participante da entrevista:

(45:47) “Foi para melhor... eu tinha muito medo do estágio, não vou mentir, tanto é que o estágio na clínica não era a minha primeira opção, a primeira opção era o estágio na escola. Mas aí, por conta da pandemia eu fui obrigada a escolher a clínica, porque as escolas estavam paradas. Mas acho que foi uma oportunidade única, hoje, se eu não tivesse feito [o estágio na clínica] eu teria me arrependido, porque, onde é que eu ia arrumar a oportunidade de estar atuando na área tendo o suporte que o estágio proporciona? com a questão da supervisão, da troca mesmo com os colegas, de você ter indicações de leituras, então assim, se eu não tivesse feito teria me arrependido, porque foi uma experiência muito boa”.

(47:39) “Acho que o que ficou marcado pra mim no estágio também, era o cansaço, sabe? o cansaço que a gente tinha enquanto aluno, porque como a gente tinha um número

muito grande de horas a cumprir e como a gente, muitos trabalhavam, pelo menos a maioria trabalhava, era muito exaustivo. Acaba que isso também limitava numa perspectiva que a gente não podia se dedicar 100% para aquilo, mas muitas vezes a gente era obrigado a estar ali para cumprir uma carga horária. Então eu acho que o cansaço ficou muito marcado. Eu me lembro que já no final eu já tava dizendo assim: ‘eu só quero que acabe, porque estou muito cansada’. E não era cansada de atender. Era cansada mesmo da correria de você está naquele movimento de escutar, transcrever, depois fazer supervisão e ler, e estudar, e não é só isso que a pessoa faz na vida, tem outras questões, então acaba que você vai ficando sobrecarregada. Eu me lembro muito disso, do cansaço que era algo inerente não só a mim, mas vários colegas relataram a mesma coisa da exaustão. E no final do estágio eu me lembro que muitos colegas já captavam pacientes para a clínica, para quando comessem a atuar... eu não consegui fazer essa captação de pacientes, é... mas eu acho que era um ponto também que a, dentro da perspectiva do estágio da clínica deveria ser pensado, sabe? Porque o aluno sai muito cru. Então assim, como você vai captar paciente? a gente estudou para ser psicólogo, a gente não estudou para ser vendedor. Então, a clínica não dava muito esse olhar assim: ‘olha, existe essa possibilidade de você captar esse paciente de tal forma’ e isso eu sentir falta não só na minha formação, mas também na hora do estágio, não consegui fazer esse movimento. Pegar aqueles pacientes da clínica escola e transferir para a minha clínica quando terminei”.

Pesquisador: (49:48) *Você disse assim: “outra coisa que lembro do estágio era o cansaço”. Nesse momento da entrevista, acho que uma das palavras que você mais repetiu quando fala do estágio foi ‘medo’*

Participante da entrevista:

(50:00) *(aceno com a cabeça afirmando e reflexiva) “Sim... sim porque eu tinha muito medo... muito medo, mas hoje eu entendo aquele medo inicial como algo desafiador e algo que me ajudou muito. Então assim, eu senti muito medo... medo de não dar conta, medo questionar mesmo assim: ‘será que realmente eu quero ser psicóloga? Será que é isso que quero para a minha vida?’ Porque a gente passa 5 anos dizendo assim: ‘ah, eu escolhi psicologia por causa disso, disso e disso’. Mas a coisa só começa a ficar real de*

fato quando você está lá, no campo de estágio. Porque até então é só teoria, né? É só teoria que está lá nos livros, nas aulas, nos seminários, nas provas, mas a prática quando chega aí a coisa começa a ficar real. Então eu acho que é esse medo de que: ‘será que eu estudei o suficiente? Será que eu aproveitei o que os professores tinham para me fornecer? Será que eu adquirir toda a bagagem necessária?’ Então o medo vinha muito disso, de não estar pronta. Mas eu entendo que está tudo certo não estar pronta”.

Pesquisador: (51:12) *Você disse “vai começar quando chegar no estágio e tudo antes é teoria”, não existe algo que aproxime ou que faça essa aproximação da realidade do estágio? ou é sempre na teoria?*

Participante da entrevista:

(51:31) “Olhe, esse é um ponto que assim... houveram vários momentos de discussão no decorrer do curso, porque eu via muitos professores dizerem assim: ‘você se torna psicólogo no primeiro dia, quando faz a matrícula, você já é psicólogo. Você já é avaliado pela sua conduta nas aulas, pela sua conduta ética, pelo modo de...’ então assim, tudo aquilo ali faz parte da formação, lógico. Mas eu não sei explicar exatamente pra você. Eu acho que só torna real quando você está ali com o primeiro paciente na clínica. Você tem que fazer as perguntas de anamnese e você não sabe se olha para a folha ou se olha para o paciente, se você observa se ele vai chorar, se... enfim. É naquela hora ali que a coisa fica mais palpável. No decorrer do curso eu me lembro que tinham algumas visitas, mas foi algo muito pontual, tipo visita à escola, visita a um CAPS. Mas foi algo muito pontual que não dava para ter a dimensão do que de fato era o estágio”.

Pesquisador: (52:47) *Então, o estágio é o momento... que vai cair a ficha e agora estou realmente fazendo psicologia clínica?*

Participante da entrevista:

“É... eu não diria assim: ‘eu me tornei psicóloga nesse momento que estou com paciente na frente’. Não, não é isso. Mas eu acho que é quando a coisa parece fica mais real. Pelo menos é essa a visão que tive”.

Pesquisador: (53:14) *Hoje se já considera psicóloga?*

Participante da entrevista:

“Já... hoje eu já consigo me ver nesse lugar de... de um profissional da área”

Pesquisador: (53:39) *A partir daquele dia (1º atendimento)?*

Participante da entrevista:

“Jamais! No primeiro atendimento como disse a você, foi péssimo, eu não me via psicóloga, achei que fui muito ruim e me questionei inúmeras vezes... passei a semana me questionando eu me recordo assim, depois daquele primeiro atendimento. Tanto é que eu me lembro que na primeira semana a gente podia pegar dois ou três pacientes e eu só peguei aquela, porque me sentir tão mal, achei que fui tão ruim que não vou pegar mais ninguém [pacientes] porque vai que estou fazendo alguma coisa errada, né? e aí depois que saio da supervisão, o supervisor me conforta um pouco e eu digo: ‘ah, talvez dê certo’. Aí eu começo a estudar mais, lê mais e aí quando a paciente traz o feedback que foi bem o final de semana e tal, que deu certo... aí eu acho que naquela fala dela ali eu vi uma possibilidade de dar certo, mas, mas não é algo assim: ‘ah, já me sinto psicóloga’, não, não é isso. Mas é algo assim: ‘vai dar certo, se você trilhar os caminhos que deve vai dar certo’. Então assim, eu acho que a confiança de ser um profissional vai sendo construída gradativamente, dia após dia. O período do estágio é um período de muita insegurança. É um período que você se faz muitos questionamentos, até mesmo se você quer ser um psicólogo clínico. Porque eu via muito colega dizer assim: ‘Essa clínica foi só para eu ter certeza que não queria clínica’. Então eu acho que essa vivência da clínica permite você visualizar se você tem ou não futuro na profissão”.

Pesquisador: (55:41) *Certo*